



LUCIMAR LUISA FERREIRA

VOZES INDÍGENAS NA REDE DIGITAL:
DISCURSO E AUTORIA EM *BLOGS*

CAMPINAS – SP

2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

LUCIMAR LUISA FERREIRA

VOZES INDÍGENAS NA REDE DIGITAL:
DISCURSO E AUTORIA EM *BLOGS*

Orientadora: Profa. Dra. Monica Graciela Zoppi Fontana

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

CAMPINAS – SP
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – UNICAMP

F413v

Ferreira, Lucimar Luisa, 1967-
Vozes indígenas na rede digital: discurso e autoria em
blogs / Lucimar Luisa Ferreira. -- Campinas, SP: [s.n.],
2013.

Orientador: Monica Graciela Zoppi Fontana.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Blogs. 2. Análise do discurso. 3. Autoria. 4. Sujeito
(Análise do discurso). 5. Resistência indígena. I. Zoppi
Fontana, Monica, 1961-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: *Voices indigenous network digital: speech and author in blogs.*

Palavras-chave em inglês:

Blogs

Discourse analysis

Authorship

Subject (Discourse analysis)

Indian resistance

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutora em Linguística.

Banca examinadora:

Monica Graciela Zoppi Fontana [Orientador]

Judite Gonçalves de Albuquerque

Wilmar da Rocha D'Angelis

Cristiane Pereira Dias

Evandra Grigoletto

Data da defesa: 05-02-2013.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.



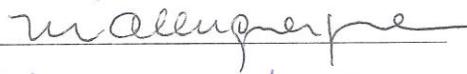
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

BANCA EXAMINADORA:

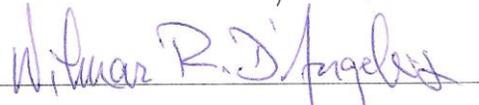
Monica Graciela Zoppi Fontana



Judite Gonçalves de Albuquerque



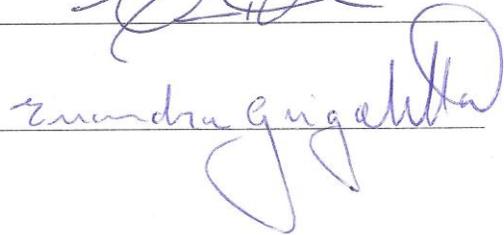
Wilmar da Rocha D'Angelis



Cristiane Pereira Dias



Evandra Grigoletto



Lucília Maria Sousa Romão

Claudia Regina Castellanos Pfeiffer

Angel Humberto Corbera Mori

IEL/UNICAMP
2013

Dedico este trabalho aos meus pais, Valdivino e Sebastiana, pela simplicidade e força dos ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

À Gabriela, minha filha querida, pela companhia em todos os momentos e pelos sentidos que me faz deslocar;

Ao Adailton, meu marido, companheiro de todas as horas, pela alegria da cumplicidade e pela parceria na vida e na caminhada de trabalho e de estudos;

À minha mãe, pelo amor incondicional e pelo exemplo de grandeza mesmo em situações de extrema fragilidade;

Ao meu pai, pela firmeza e pela capacidade de enfrentamento das adversidades, sempre com um sorriso zombador no rosto;

A toda a minha família, meu porto seguro, pela colaboração e aconchego nas horas alegres e tristes;

À Dona Eva, minha sogra, pelo exemplo de vida e de luta;

À Rai e ao Nilson, meus amigos e compadres, pelo companheirismo e ajuda durante todo tempo que convivemos em Ribeirão-Cascalheira e Barra do Bugres;

À Cidinha, Joãozinho, Noêmia, Sueli, Nice, Luiz Gouvêa e Jura, meus amigos de antes e de sempre, pelo apoio em diferentes situações;

À Águeda, minha professora, colega e amiga, pela amizade, exemplo, colaboração em discussões teóricas, apoio e companhia durante a graduação, o mestrado e o doutorado;

À Elizete, minha amiga, confidente e irmã de coração, pela amizade incondicional, companhia desde a graduação e colaboração na discussão teórica de alguns conceitos;

A todos os meus outros amigos, os de perto e os de longe, pela amizade e ajuda em vários momentos da minha vida;

Ao Vilson, à Heloisa, à Lucinha e ao Luiz Paiva, meus professores e amigos, pelo que significam na minha história de formação;

Aos meus outros professores, por tudo que me possibilitaram construir;

Aos professores: Eduardo Guimarães, Suzy Lagazzi, Claudia Pfeiffer, Tânia Alkmim; Sonia Cyrino, pela compreensão de alguns conceitos importantes no desenvolvimento da tese;

À Judite Albuquerque, minha professora, colaboradora de todas as horas, pela leitura do projeto e da tese, pela amizade, carinho, crédito e acolhimento durante a graduação, o mestrado e o doutorado;

Aos colegas do Dinter, pela convivência em Cáceres durante as etapas de cumprimento dos créditos;

À Maristela, colega de doutorado e professora de francês, pela força de amiga e de professora nas aulas;

À Neusa Zattar, minha colega de mestrado e colaboradora, pela orientação na montagem do projeto e em diferentes situações de estudos;

À Vera Regina, coordenadora do Dinter, pelo apoio e incentivo;

À Lucília Romão, minha orientadora da qualificação de área, pela generosidade, carinho e acolhimento em Ribeirão Preto, em 2010, nos encontros de estudos;

À Fernanda Galli, colega e amiga de Ribeirão Preto, pela colaboração no início das minhas leituras e discussões teóricas sobre internet;

À profa. Silvana Serrani, por ter tido a oportunidade de auxiliá-la nas atividades docentes da disciplina Prática de Leitura e Escrita, na graduação do IEL, no Programa de Estágio Docente - PED, no segundo semestre de 2010.

À Capes e à Fapemat, pela bolsa de estudos concedida no período de estágio na Unicamp;

Aos professores, Cristiane Dias e Wilmar D'Angelis, componentes da banca de qualificação da tese, pelos comentários e sugestões valiosos;

À Monica Zoppi Fontana, minha orientadora, pelo exemplo de força e determinação, crédito na minha capacidade de trabalho, incentivo, amizade e orientação cuidadosa.

A todos, os meus eternos agradecimentos.

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta [...]

Michel Foucault, 2001.

RESUMO

Este trabalho aborda o tema da autoria na rede, a partir da escrita indígena produzida no espaço eletrônico dos *blogs* pessoais, compreendendo que o avanço da tecnologia, em especial a internet, possibilita aos índios a ocupação de um espaço singular para dizer e se constituir sujeitos de linguagem, fazendo circular sentidos silenciados e/ou interditados ao longo da história na/pela mídia tradicional. Nessa direção, o estudo coloca em discussão o que é ser autor a partir das novas condições de produção da escrita na rede digital, partindo da noção discursiva de autoria formulada por Orlandi (2007), através de um deslocamento do conceito de função-autor de Foucault. Nessa abordagem, a autoria indígena é tratada enquanto gesto de interpretação do sujeito na produção de textos na *web*, considerando a rede como espaço de dizer no qual o sujeito e os sentidos são constituídos numa relação indissociável entre língua e sua exterioridade constitutiva. A partir do processo de textualização, o trabalho discute a autoria como parte de um processo de resistência indígena na rede. O objetivo da pesquisa é compreender a constituição do sujeito indígena na rede digital e a emergência de uma posição autoral de resistência nas circunstâncias determinadas de um *blog* pessoal, sabendo que a prática da escrita de textos no computador transforma efetivamente a relação do autor com sua escrita. A pesquisa tem como enfoque teórico a Análise de Discurso e o *corpus* é formado por diferentes materiais coletados em quatro *blogs* pessoais de autores indígenas.

Palavras-Chave: *Blogs*; Análise do discurso; Autoria; Sujeito (Análise do discurso); Resistência indígena.

ABSTRACT

This paper addresses the issue of authorship in the network, from the indigenous writing produced in the electronic space of personal blogs, including the advancement of technology, particularly the internet, enables Indians occupying a unique space to say and be subject language, circulating senses muted and / or banned throughout history in / by traditional media. In this sense, the study calls into question what is being an author from the new conditions of production of writing in the digital network, starting from the discursive notion of authorship formulated by Orlandi (2007), through a shift from the concept of role-authored Foucault. From this approach, the indigenous authorship is treated as a gesture of interpretation of the subject in the production of texts on the web, considering the network as a space in which to say the subject and the senses are made an inseparable relationship between language and its external constitutive. As of the writing process, the work argues the authorship as part of a process of aboriginal resistance in the net. The aim of the research is to understand the constitution of the aboriginal citizen in the digital net and the emergency of an authorial position of resistance in the certain circumstances of one blog personal, knowing that the practice of the writing of texts in the computer effectively changes the relation of the author with its writing. The research focuses on theoretical discourse analysis and the corpus is made up of different materials collected in four personal blogs of indigenous authors.

Keywords: Blogs; Discourse analysis; Authorship; Subject (Discourse analysis); Indian resistance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página inicial do <i>site Kanhgág Jógo</i> – abr. 2012	55
Figura 2: Página inicial do portal Índios Online – out. 2012	57
Figura 3: Página inicial do site da APIB – out. 2012.....	59
Figura 4: Página inicial do site da COIAB – out. 2012.....	60
Figura 5: Página inicial do site ARPINSUL – out. 2012.....	61
Figura 6: Página inicial do <i>blog</i> da APIWTXA – out. 2012	64
Figura 7: Página inicial do <i>blog</i> do MAIWU – out. 2012	65
Figura 8: Página inicial do <i>blog</i> Apoinme – abr. 2012	66
Figura 9: Página inicial do <i>blog</i> Retomada Tupinambá – abr. 2012.....	67
Figura 10: Configuração do comentário no <i>blog</i> Diversidade indígena na rede	93
Figura 11: Configuração da autoria no <i>blog</i> Diversidade indígena na rede.....	97
Figura 12: Data e autoria em um <i>post</i> do <i>blog</i> <i>Nodanakaroda</i>	98
Figura 13: Quadro com títulos e endereços eletrônicos dos <i>blogs</i> analisados....	100
Figura 14: Página inicial do <i>blog</i> Baniwaonline em 2010	110
Figura 15: Página inicial do <i>blog</i> Baniwaonline em 2011	112
Figura 16: Página inicial do <i>blog</i> Baniwaonline em 2011	113
Figura 17: Página inicial do <i>blog</i> <i>Nodanakaroda</i> em 2010	114
Figura 18: Página inicial do <i>blog</i> <i>Nodanakaroda</i> em 2011	116
Figura 19: Página inicial do <i>blog</i> <i>Nodanakaroda</i> em 2011	118
Figura 20: Página inicial do <i>blog</i> M. Marcos Terena em 2010	119
Figura 21: Página inicial do <i>blog</i> M. Marcos Terena em 2011	121
Figura 22: Página inicial do <i>blog</i> M. Marcos Terena em 2011	122
Figura 23: Página inicial do <i>blog</i> Gasodá Suruí em 2010	123

Figura 24: Página inicial do <i>blog</i> Gasodá Suruí em 2011	124
Figura 25: Página inicial do <i>blog</i> Gasodá Suruí em 2012	126
Figura 26: Perfil do <i>blog</i> Baniwaonline	128
Figura 27: Perfil do <i>blog</i> Nodanakaroda.....	133
Figura 28: Quadro de funcionamento da contra-identificação	147
Figura 29: A data em um <i>post</i> do <i>blog</i> Nodanakaroda – out. de 2010	159
Figura 30: Organograma do funcionamento discursivo do <i>blog</i>	191

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I - Tecnologia, linguagem e sociedade: vozes indígenas na rede	31
1.1. O social e o tecnológico: relação indissociável e em processo	32
1.2. Rede digital: a passagem de processos analógicos para processos digitais	34
1.2.1. O ciberespaço: memória, tempo e espaço na sociedade em rede	37
1.3. A internet e as transformações sociais	41
1.3.1. A internet e os movimentos sociais	46
1.4. Condições históricas de uso da internet por sujeitos e povos indígenas	47
1.4.1. Os índios e a prática da escrita na internet.....	53
1.4.2. Vozes indígenas na rede: usos da internet e a visibilidade das ações reivindicatórias	56
1.4.2.1. Os <i>blogs</i> e as organizações indígenas.....	62
CAPÍTULO II - Novas condições de produção da escrita na era <i>ciber</i>: textualização e autoria em <i>blogs</i>	69
2.1. A escrita e os novos processos de formulação na rede digital: o texto <i>on-line</i> na tela	70
2.2. A textualização em ambiente eletrônico	73
2.3. A autoria na rede: mudança histórica dos processos de legitimação do dizer	75
2.4. Os <i>blogs</i> : a emergência de uma discursividade específica da/na rede.....	79
2.5. Dispositivo de postagem na <i>Web</i> em desenvolvimento e apropriações.....	84
2.6. Os <i>blogs</i> e a textualização <i>on-line</i>	88
2.6.1. A relação entre o verbal e não-verbal: a imbricação material significativa	90
2.7. A configuração da ferramenta e a relação autor/leitor nos <i>blogs</i>	91
2.8. O <i>blog</i> como espaço de constituição de autoria	95

2.8.1. Transitoriedade e legitimidade do dizer na materialidade digital.....	96
2.9. Os <i>blogs</i> de autores indígenas: o <i>corpus</i> da pesquisa.....	99
CAPÍTULO III - Formulação e efeitos de sentido nos <i>blogs</i>: uma imagem indígena em construção	105
3.1. A imbricação material significativa e a antecipação de sentidos: a relação entre o verbal e não-verbal nos <i>blogs</i>	107
3.1.1. Página inicial dos <i>blogs</i> : a imagem na construção de uma imagem indígena na rede.....	108
3.1.2. O sujeito nos perfis.....	127
3.1.3. Os <i>posts</i> : verbal e não-verbal na formulação de sentidos de apropriação da ferramenta tecnológica	136
3.2. O sujeito no movimento e fluidez dos sentidos na rede: o processo de contra-identificação	144
CAPÍTULO IV – A autoria como gesto de resistência dos índios na rede: a construção imaginária da unidade do texto na página digital e o efeito-autor	149
4.1. Tempo e espaço na textualização <i>on-line</i> : da dispersão e fluidez dos sentidos, o desejado efeito de fim	150
4.1.1. Sob o efeito imaginário da ausência de intermediários.....	151
4.1.2. A instantaneidade da publicação: o clique “publicar postagem” produzindo o efeito de fecho.....	156
4.1.3. As bordas imaginárias do texto na página digital.....	162
4.1.4. O efeito-leitor dando coerência à produção das postagens	166
4.2. A legitimação do dizer indígena na rede: processo discursivo de afirmação indígena e de denúncia.....	170
4.2.1. A relação dos índios com a natureza discursivizada no <i>blog</i>	178
4.2.2. A memória discursiva produzindo eco na rede.....	182
4.3. O sujeito índio/indígena autor no <i>blog</i> : uma posição legitimada na/pela rede.....	184
4.4. Na falha do discurso ocidental dominante, a resistência dos índios na rede	190

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	195
REFERÊNCIAS.....	201
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	209

INTRODUÇÃO

Na escrita desta tese trato de três questões que, apesar de diferentes, se encontram imbricadas: a autoria na rede, o funcionamento discursivo de *blogs* e a constituição do sujeito indígena no ciberespaço. Sendo a autoria indígena em suporte digital, o foco principal das análises, tomo o processo de textualização produzida em *blogs* pessoais como eixo da discussão sobre os novos e instantâneos meios de legitimação do dizer e a emergência de uma posição autoral de resistência dos índios na rede.

As questões relacionadas à autoria fazem parte das minhas indagações desde o magistério e perpassam a maioria das minhas experiências na área da educação, mas foi com o estudo no doutorado que me propus a aprofundar essa noção, buscando especificá-la enquanto noção discursiva, no funcionamento da escrita indígena em ambiente eletrônico. Esse aprofundamento surgiu da minha proposta inicial de pesquisa do doutorado, cujo foco era discutir os dizeres indígenas e os espaços desses dizeres face às conquistas indígenas de direitos na Constituição Federal de 1988 e o desenvolvimento de novas mídias em suporte digital.

A proposta de discutir os dizeres indígenas, face às mudanças legais sobre direitos indígenas no Brasil na relação com a mídia, foi conseqüência de uma percepção ainda empírica de que os índios, embora silenciados no discurso de constituição do país¹, resistem às agressões sofridas no decorrer do processo histórico. Através das ações e movimentos, os índios conquistaram direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988 e continuam lutando em prol do cumprimento desses direitos. No meu trabalho, na área da educação indígena, percebi que, ao contrário do que se diz no senso comum de que os índios não falam, são falados, eles falam, executam ações e discutem muitas questões importantes para as suas comunidades e para toda a sociedade na

¹ Cf. Orlandi, 1990.

contemporaneidade. Constatei que as organizações e os movimentos indígenas² são cada vez mais fortes nas diferentes regiões do país. Ou seja, há muitos índios realizando ações e executando diferentes projetos relevantes relacionados à educação, à saúde, ao meio ambiente, à demarcação de terras, ao estudo das línguas, à cultura, ao uso das novas tecnologias, etc., apenas não têm a devida visibilidade na grande mídia.

Percebendo que não era a falta do dizer e nem das ações dos índios, mas uma questão histórica de visibilidade, uma questão de como dizer e do espaço de dizer, ou melhor, uma questão de funcionamento do discurso, no meu projeto de seleção para o doutorado propus discutir a visibilidade dos índios na mídia em Mato Grosso. A proposta era trabalhar com publicações sobre os índios nos principais jornais impressos de Cuiabá, buscando compreender como esses sujeitos apareciam apresentados e/ou discursivizados nessa mídia. Com pouco tempo de investimento e algumas análises, constatei que os índios apareciam nesses jornais, mas, na grande maioria das vezes, em situações de enfrentamento com a polícia e/ou em algumas situações que reforçam o imaginário que muitas pessoas têm sobre os índios como sujeitos “maldosos”, “baderneiros”, “desocupados”, “preguiçosos”, que querem levar vantagem em tudo e muitas outras paráfrases dessas formulações.

Diante dessa percepção e buscando um espaço produtivo para a análise dos dizeres indígenas na mídia, redefini meu plano de pesquisa, propondo discutir os dizeres indígenas a partir da internet, enfocando a autoria, tendo em vista o potencial de transformação que a internet representa no campo da linguagem e as questões que ela nos coloca para um trabalho com a autoria. A partir dessa proposta, reformulei o meu projeto, dando a ele o título: “Vozes indígenas na rede digital: análise de *blogs*, *sites* e comunidades”. O título ainda genérico foi consequência do pouco conhecimento sobre a noção discursiva de autoria e o seu funcionamento na rede, próprio daquele momento.

² Cf. CIMI – Conselho Indigenista Missionário, 2001.

E impulsionada pelas indagações, me aventurei na construção de um objeto de pesquisa, a autoria indígena na internet, buscando compreender muitas outras questões adjacentes a esta, que não se mostram no nível da formulação, mas que funcionam como não-dito, pré-construído, que sustentam os dizeres e constituem os discursos. Na construção deste objeto de pesquisa, certas formulações, ouvidas em conversas informais, me ajudaram a entender algumas antecipações de sentidos sobre os índios, em funcionamento no imaginário social, e que me instigaram a pensar a abrangência da rede e a relação da sociedade com os arquivos eletrônicos, isto é, a relação dos sujeitos com os conteúdos que se acumulam e circulam na internet. Essas formulações, no momento das análises, me foram úteis na compreensão do processo de contra-identificação do discurso dos índios aos sentidos postos pela Formação discursiva etnocentrista ocidental³ em funcionamento.

Em conversas informais sobre a minha pesquisa, ouvi repetidas vezes as perguntas: “Mas os índios usam a internet?”, “Os índios têm *blog*?” Essas indagações eram recorrentes e feitas por pessoas escolarizadas e “usuárias” da internet. Uma pessoa, numa conversa informal (em tom provocativo) chegou a afirmar: “vozes indígenas na internet, isso não existe!”. Salvo as questões pragmáticas (ilocucionais) desses enunciados, a recorrência dessas formulações me indicava um modo de funcionamento da memória e do imaginário em relação aos índios, portanto, produtivas para as minhas discussões e análises. Outra questão também provocativa foi a falta de formulação, isto é, o silêncio constitutivo, aquele que significa, em algumas apresentações minhas em eventos. A proposta de estudo sobre a autoria indígena na internet não proporcionava indagações? Por quê? A proposta estaria mal formulada?

³ Daqui por diante FD1. A nomenclatura “Formação discursiva etnocentrista ocidental” é usada para designar o processo discursivo a partir do qual os índios são significados negativamente, tendo como referência os conhecimentos e valores ocidentais. O etnocentrismo, conforme Telles (1993, p. 75), “denota a maneira pela qual um grupo, identificado pela sua particularidade cultural, constrói uma imagem do universo que favorece a si mesmo. Compõe-se de uma valorização positiva do próprio grupo, e uma referência aos grupos exteriores marcada pela aplicação de normas do seu próprio grupo, ignorando, portanto a possibilidade do outro ser diferente”.

Considerando que formular uma questão de pesquisa em Análise de Discurso pressupõe um movimento que intercambia teoria e prática e sensibilizada por esses fatos, passei a fazer um levantamento das práticas dos índios na internet e as questões relacionadas a eles abordadas e em circulação na rede. Com esse levantamento sobre a temática, foi possível observar que existe muito conteúdo dos/sobre os índios em circulação na rede, principalmente sobre as ações das organizações e dos movimentos em prol de direitos. Constatei que os índios usam a internet para dizer e se dizer, para produzir discursos e discursivizar-se, apenas esses conteúdos, em grande parte dos casos, não são vistos, ou seja, não são acessados. Mas, por quê? A disponibilidade de conteúdo não garante o acesso? A internet não é um lugar democrático em princípio, como alguns autores defendem? Ela não acolhe a multiplicidade, a heterogeneidade, a diferença? Qual é o papel do sujeito navegador diante de tantas possibilidades de entradas e saídas no/do hipertexto? E os gestos de autoria, existem? Como funcionam? Os índios produzem gestos de autoria na rede? Como a mudança nos suportes e nas formas de produção e circulação da linguagem interfere na produção da autoria? O que é ser autor na rede digital e como os sujeitos indígenas estão atualizando essa função na contemporaneidade?

Diante de tantas indagações, levantei algumas hipóteses. Uma delas foi a de que a invisibilidade dos índios na rede e na sociedade em geral é produzida por um processo ideológico que constitui os discursos conservadores em circulação nos diferentes espaços sociais, sejam eles eletrônicos ou não. Assim, sem desconsiderar que, imaginariamente, no Brasil, os índios são silenciados em seus dizeres e movimentos, embora tenham conquistado direitos e estejam cada vez mais fortes em suas lutas políticas, tomei, como dispositivo teórico e metodológico da minha pesquisa, a Análise de Discurso, já que essa teoria possibilita o tratamento da ideologia em funcionamento na linguagem.

Com um pouco de investimento em leitura sobre as novas tecnologias na contemporaneidade, constatee que a construção de um dispositivo teórico e metodológico discursivo nessa área seria uma tarefa desafiadora, pois a

concepção de linguagem da maioria dos trabalhos desenvolvidos na área tecnológica é a comunicação e a pragmática e essas abordagens não me ofereciam instrumentos teóricos suficientes para o tratamento das minhas questões. Nesse sentido, a construção do marco teórico foi um processo contraditório de idas e voltas, num movimento de leitura e questionamento das concepções de linguagem de base dos materiais⁴. Parti do pressuposto de que não é possível tratar de linguagem, seja ela mediada por computador ou não, na ilusão da transparência. Isso por que, numa perspectiva discursiva, a relação entre a tecnologia e o sujeito não pode ser uma relação direta, ela é mediada por um processo simbólico e ideológico, portanto, político. A linguagem não é transparente e o sentido não está nas palavras. O sujeito não é o indivíduo empírico, um “usuário” da internet e/ou escrevente, que produz o seu dizer fora dos processos discursivos de determinação histórica.

Na construção do dispositivo teórico e metodológico, parti do questionamento da linearidade da comunicação e da noção de “usuário”, pressuposto básico de grande parte dos trabalhos produzidos na área da comunicação mediada por computador, produzindo um deslocamento dessas noções para um campo discursivo, para o qual as relações entre homem e mundo não são dadas e nem naturais. O pressuposto básico é o de que não há linguagem sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Nesse sentido, mesmo que seja em ambiente eletrônico, se existe um processo de linguagem, existe um sujeito que não deixa de ser determinado pelo processo sócio-histórico e interpelado pela ideologia. O sujeito enuncia a partir de uma posição e de sua filiação a uma determinada formação discursiva, tendo em vista a memória, as formações imaginárias e as condições de produção do dizer.

⁴ Filosofia da computação (MATTAR, 2009), tecnologia digital (CEBRIÁN, 1999), internet (LEMOS, 2010; CASTELLS, 2003), web (LEMOS, 2010), ciberespaço (LEÃO, 2004), virtualidade (PARENTE, 1993; LEVY, 1996), hipertexto (XAVIER, 2009), cultura digital (SAVAZONI; COHN, 2009), cibercultura (LEVY, 1999), redes sociais digitais (SANTAELLA; LEMOS, 2010), *Blogs* (ORIUHELA, 2007, SCHITTINE, 2004, KOMESU, 2005; MARCUSCHI, 2010; AMARAL et al., 2009); MORAES, 1997; e outros.

Nesse sentido, embora a internet se apresente como um espaço de multiplicidade, heterogeneidade, os dizeres não funcionam de forma aleatória, fora dos processos discursivos e das relações de poder. Isso porque as relações de linguagem, mesmo as mediadas por computador, são relações simbólicas, ideológicas e históricas, portanto, políticas. A partir dessa filiação teórica, vários autores foram acrescentados⁵, buscando produzir, num enfoque discursivo, os recortes no tema e do material de análise.

Com esse aporte teórico e metodológico, o meu objetivo formulado foi o de compreender os processos discursivos de constituição da autoria em suporte digital, tomando como recorte de análise a textualização em *blogs* pessoais de autores indígenas. Instigada pelas leituras e imbuída da tarefa de pesquisar o funcionamento da autoria indígena em *blogs* a partir de uma abordagem discursiva, enfrentei uma questão teórica complexa que é a abordagem do *blog* como diário⁶ e da autoria como originalidade e expressão criativa⁷.

Com relação ao tratamento dos *blogs* como diário, percebi, desde o início da pesquisa, que os *blogs* dos índios não eram diários, embora estruturalmente apresentassem todos os elementos de composição que os autores lidos analisam. Se não eram diários, o que eram? Considerando os meus questionamentos, optei por não classificar os *blogs* em gêneros e nem estabelecer relações dos *blogs* com outros gêneros do discurso.

Partindo de um enfoque do funcionamento, propus, por intermédio de uma discussão teórica fundamentada em análises, abordar os *blogs*, como prática

⁵ Dias (2004), Authier-Revuz (1990), Romão; Moreira (2008), Chartier (1998), Oliveira (2006) Orlandi (1990, 1996, 1997, 1999a, 1999b, 2010, 2012), Pécheux (1995, 1997a, 1997b, 2011), Romão (2004, 2006), Lagazzi (2006), Gallo (1990, 1999, 2008, 2011), Pfeiffer (1995), Melo (2009), Foucault (2000, 2001), Souza (2011), e outros.

⁶ Cf. Marcuschi, 2010; Schittine, 2004.

⁷ De acordo com Fragoso (2009), na discussão sobre direito autoral, o objeto de direito do autor é a obra, que se caracteriza como expressão criativa e original. Nesse sentido, Fragoso (op. cit, p. 112) afirma que “não importa a avaliação estética que se faça da obra; importa que seja obra, e que seja, antes de tudo, original. Fruto do espírito criador, a obra de arte obedece aos ditames do autor, submetidos, nem sempre, apenas à sua sensibilidade ou às suas intenções sensíveis. A natureza de tal sensibilidade pode variar, de criador para criador. Algumas se submetem ao rigorismo intelectual, formal, outras ao sabor das emoções, outras a intenções várias.

de linguagem, a partir da qual o sujeito produz gestos de interpretação na rede numa posição de autoria.

Na tentativa de entender o que é ser autor a partir dessas novas condições de produção da rede digital e pensando os *blogs* na sua espessura discursiva textual, propuz investigar como a autoria é constituída e funciona em quatro *blogs* pessoais de lideranças indígenas⁸. Partindo da idéia de que os *blogs*, em sua constituição, têm um funcionamento centrado no sujeito e na relação deste com os sentidos em circulação na rede, busquei compreender a função-autor como parte da resistência indígena que se constitui em ambiente eletrônico.

Na análise são usados diferentes materialidades: *design* de páginas principais, imagens, animações, vídeos, perfis, títulos dos *blogs*, rede de *links* e *posts*. Dos *posts* são recortados trechos que tratam dos conhecimentos tradicionais e/ou específicos indígenas, ações dos povos e relação do sujeito com o espaço físico, já que não seria possível analisar tudo o que fica em arquivo nos *blogs*.

Toda a discussão da tese está organizada em quatro capítulos, que apresentam o funcionamento da autoria na rede digital como parte da resistência indígena, sob novas condições de produção da escrita na internet. A discussão teórica está distribuída ao longo das análises da tese. No primeiro capítulo, além do avanço da tecnologia, proporcionando a mudança da cultura e a transformação das relações sociais, apresento um pouco de como os discursos dos/sobre os índios circulam na internet. Demarcando o enfoque da textualidade na rede digital, no segundo capítulo, desenvolvo uma discussão sobre o funcionamento discursivo dos textos em novas condições de produção da era *ciber*, enfocando os *blogs*, os processos de textualização e a autoria na rede.

⁸ Cada povo indígena tem sua forma específica de liderança. Liderança, neste texto, é um lugar de fala do sujeito (PAYER, 1995) no sentido de uma construção imaginária encontrada no funcionamento discursivo dos *blogs*. Esse é um tipo de liderança em que o sujeito indígena se coloca na posição de porta-voz do seu povo (etnia específica) e engajado na luta pela garantia dos direitos indígenas (movimento coletivo).

Nos dois últimos capítulos, terceiro e quarto, desenvolvo as análises. Como entrada na descrição e na análise do material, no terceiro capítulo, trato dos *blogs* dos autores indígenas, apresentando os efeitos de sentido formuladores de uma imagem indígena positiva distanciada dos estereótipos que circulam na mídia tradicional, formulada pelo processo de contra-identificação aos sentidos da formação discursiva etnocentrista ocidental dominante. E, por fim, no quarto capítulo, abordo a constituição do sujeito e o funcionamento da autoria enquanto efeito e gesto de resistência dos índios na rede.

CAPÍTULO I

Tecnologia, linguagem e sociedade: vozes indígenas na rede

O avanço tecnológico que se processa no final do século XX e início do século XXI é um advento histórico de consequências políticas inquestionáveis na sociedade contemporânea. Isso porque a passagem de processos analógicos para processos digitais, embora seja tratada, na maioria das vezes, apenas como fenômeno técnico, tem base no funcionamento da linguagem e, portanto, parte de processos discursivos constituídos pelo histórico e pelo ideológico.

Com o uso das novas tecnologias da escrita⁹, a partir do uso de computadores em rede, sob novas configurações de tempo e de espaço, os dizeres e as práticas dos sujeitos são alterados. Nesse sentido, o surgimento das mídias digitais, além de promoverem a alteração nos paradigmas de circulação do conhecimento, pode proporcionar mudança das práticas discursivas, redimensionando a participação política dos sujeitos no que se refere à conquista de espaços para dizer, denunciar e reivindicar direitos. Nessa direção, os instrumentos multimídia, hipermídia¹⁰, e muitos outros sistemas computacionais de publicação de textos na internet, podem ser compreendidos como ferramentas de intervenção política e de participação dos sujeitos e minorias étnicas em suas ações reivindicatórias.

Em relação aos índios no Brasil, o desenvolvimento tecnológico, em especial a internet, proporciona a ampliação da circulação dos discursos que reformulam a imagem indígena estereotipada na mídia e favorece as novas

⁹ De acordo com Orlandi (2001, p. 15), as novas tecnologias da linguagem são, por sua vez, novas/outras tecnologias da escrita. “Saber como se elabora um texto é saber elaborar teoricamente as novas formulações que hoje se produzem. Novas formas de textualidade. Em novos contextos de realização, ou seja, como se diz em análise de discurso, novas condições de produção”.

¹⁰ Para Mattar (2009, p. 39), a hipermídia pode ser definida “como uma simultaneidade de mídias (e não apenas de textos) também organizadas por *links*. Assim a hipermídia seria por natureza múltipla e heterogênea e nela confluíam imagens, sons, palavras, textos, sensações, modelos etc., organizados por relações e conexões diversas, possibilitando diferentes fluxos de leituras”.

práticas reivindicatórias e os gestos de resistência. Com a popularização da internet e as diferentes ferramentas de postagem na *Web*¹¹, os índios obtêm a possibilidade de dizer e se dizer sem o crivo regulador das diferentes mídias tradicionais: o rádio, a tevê, o jornal, etc. Nas redes sociais, embora de forma ainda pouco expressiva, os índios colocam em circulação discussões polêmicas sobre o valor e a riqueza das culturas indígenas, os processos educacionais específicos, os movimentos indígenas em prol de direitos e muitos outros temas relevantes para toda a sociedade.

A partir da criação de *sites* e *blogs*, os índios estão publicando em rede mundial os seus textos, fazendo circular a textualização de discursos que atualizam sentidos sobre os diferentes povos, seu cotidiano, suas culturas, seus movimentos e suas ações. Nessas práticas de escrita na *Web*, mais do que falar das culturas, das ações das comunidades e dos projetos de sustentabilidade, o sujeito indígena se constitui autor, numa posição a partir da qual resiste aos preconceitos e aos estereótipos que circulam em diferentes espaços na sociedade, principalmente na mídia.

Nessa direção, é possível perguntar: como a rede (internet) comporta e/ou suporta as vozes emergentes daqueles sujeitos que historicamente sempre estiveram silenciados e/ou excluídos nas mídias tradicionais? De que maneira os sujeitos sociais e minorias silenciadas podem ser afetados nas suas ações reivindicatórias e políticas com a capacidade de agregação alargada da rede? De que forma as vozes indígenas aparecem nos novos espaços da rede? Qual é a relevância das novas práticas de linguagem e usos das tecnologias digitais para os sujeitos indígenas?

1.1. O social e o tecnológico: relação indissociável e em processo

¹¹ Conforme Araújo (2010, p. 119), a *World Wide Web* (WWW) é uma das muitas redes que compõem a internet. Ela foi criada em 1991, na Suíça, por Tim Berners-Lee e, inicialmente, servia para fazer conexões entre os computadores das instituições de pesquisa com o propósito de dinamizar e facilitar o acesso. Tal rede cresceu muito e tem sido a responsável pela popularização da internet.

Na discussão sobre sociedade e desenvolvimento tecnológico, um aspecto que não pode ser desconsiderado é que, por mais que pareça evidente, a revolução tecnológica da atualidade não é fato totalmente novo, ela vem se processando desde o aparecimento da escrita e culmina no aperfeiçoamento das ferramentas de postagens na *Web*. Nesse sentido, embora o desenvolvimento da tecnologia tenha sido fortemente destacado na contemporaneidade¹², é necessário pensá-lo como parte de um processo histórico-social em curso, tendo em vista que a relação entre tecnologia, linguagem e sociedade remonta à história do homem. Para explicar essa relação, Lemos (2010, p. 28) afirma que,

[...] a tecnicidade humana aparece como uma tendência universal e hegemônica, sendo a primeira característica do fenômeno humano. A antropogênese coincide com a tecnogênese, já que o homem não pode ser definido antropologicamente sem a dimensão da tecnicidade.

De acordo com Lemos (op. cit., p. 15), “a cada época da história da humanidade corresponde uma cultura técnica particular”. Além disso, para Lemos (op. cit., p. 52), “a atividade técnica está imbricada na emergência da linguagem, toda atividade técnica é uma atividade simbólica, já que existe linguagem desde que existe técnica e, assim, a atividade técnica e a atividade simbólica são indissociáveis.”

A partir disso, é possível dizer que as condições técnicas que propiciam as mudanças profundas da era *ciber*, não são passíveis de serem compreendidas apenas no nível tecnológico, pois elas fazem parte dos processos históricos-sociais e de linguagem. E, sendo assim, compreender o fenômeno técnico na sua relação com a linguagem implica tratar de sujeito e de ideologia, tendo em vista que, do ponto de vista da significação, não há uma relação direta do homem com o mundo. Isso por que,

¹² Cf. Lemos, 2010.

a relação do homem com o pensamento, com a linguagem e com o mundo não é direta assim como a relação entre linguagem e pensamento, e linguagem e mundo tem também suas mediações. Daí a necessidade da noção de discurso para pensar essas noções mediadas. Mais ainda, é pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação (ORLANDI, 2007, p.12).

Assim, pensar o desenvolvimento da tecnologia como componente de prática social e simbólica (ORLANDI, 2010) se mostra uma forma produtiva de entender diferentes relações constitutivas dos sujeitos sociais na sua relação com o aparato tecnológico na atualidade. Nessa direção, Dias (2004, p. 50) argumenta que:

é a isso que me refiro quando entendo as práticas sociais do sujeito como um dos pressupostos para entender a dimensão técnica, já que entre o humano e o tecnológico, uma vez inscrita a ideologia, inscreve-se aí o interdiscurso como real do sistema tecnológico. Do contrário seria apenas da ordem do mecânico, uma máquina de calcular, como era na década de 40. É fato que o cálculo é a base da linguagem dos programas informáticos, porém, sobretudo com a telemática, o computador passa a ser um lugar para a constituição do sujeito e do sentido *na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia.* (grifos da autora)

É nessa perspectiva que considero que o desenvolvimento tecnológico precisa ser pensado enquanto parte da prática social simbólica dos sujeitos, tendo em vista as condições de produção dos discursos, nos quais são constituídos os sujeitos e os sentidos. Nesse caso, o que se procura entender são as novas relações, nas quais a dimensão simbólica e o trabalho da ideologia sejam considerados fundamentos do processo social na sua relação com o fenômeno técnico.

1.2. Rede digital: a passagem de processos analógicos para processos digitais

As principais mudanças tecnológicas da contemporaneidade estão em princípio relacionadas à passagem de processos analógicos para processos digitais. Embora esses sejam fenômenos técnicos, acarretam uma série de transformações de cunho social, já que modificam decisivamente a relação dos sujeitos no que se refere ao uso, produção e circulação da linguagem. Assim, o uso das mídias digitais no processamento e circulação dos discursos, redefine a relação dos sujeitos sociais, possibilitando o rearranjo de práticas já conhecidas e a criação de outras jamais imaginadas.

Por “mídia digital” entende-se os meios eletrônicos que transformam, editam e transmitem diferentes tipos de informação em códigos de números. Para Cebrián (1999, p. 36):

O processo digital consiste na transformação de todo tipo de informações, sejam elas imagens, sons ou grafismos em código de números (dígitos) que, para sua compreensão pelos computadores, se expressa em base binária, isto é, utilizando-se tão-somente de “zeros” e “uns”. Diante do tradicional método analógico - que, como seu próprio nome indica, supõe a utilização de sinais físicos que produzem ou simulam a mensagem originalmente transmitida, a digitalização sugere maior simplicidade e precisão - ainda que à custa da eliminação de determinados matizes [...].

Pelo que se observa, o fenômeno técnico que desponta com o uso do computador encontra-se, de muitas maneiras, imbricado em processos sociais da contemporaneidade, compondo novas condições de produção dos discursos. Assim, o desenvolvimento das tecnologias digitais na atualidade propicia debates que ultrapassam as fronteiras tecnológicas, tendo em vista que o tema passa a ser discutido no campo da linguagem e da cultura. Para Carvalho Junior (2009, p. 9), cultura digital é um termo que “vem sendo apropriado por diferentes setores e incorpora perspectivas diversas sobre o impacto das tecnologias digitais e da conexão em rede na sociedade”.

No campo da cultura, surgem os debates a respeito da cibercultura e da cultura digital, termos que vão sendo definidos de várias formas nos debates em

torno da questão. De acordo com Lemos (2010), a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processo de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que se chamará cibercultura. E essa relação entre técnica e vida social se alarga conforme as práticas e apropriação que a sociedade faz desses meios tecnológicos. Nessa direção, Lemos (2010), acredita que a atitude dispersa, efêmera e hedonista da sociedade contemporânea vai marcar, de forma constitutiva, a cibercultura. Esta é, como propõe, a forma cultural da tecnologia contemporânea e, como toda forma, ela é composta por relações complexas com o social.

No sentido da complexidade das relações sociais, o que está em jogo são as formas de concepção que a sociedade contemporânea imprime ao fenômeno técnico, que representa ruptura, mas também continuidade. Conforme Lemos (2010), a atual cultura eletrônica não busca mais, como foi o caso da tecnocultura moderna, a dominação da natureza e do social. Trata-se mesmo de uma atitude sociocultural que se expande sobre uma natureza já dominada e transformada em bites e bytes, em espectros virtuais do ciberespaço. Para Lemos (2010, p. 18-19),

se a tecnocultura moderna foi a forma técnica que emergiu da dominação da natureza e da domesticação energética do mundo, a cibercultura, por sua vez, é a forma contemporânea da técnica que joga com os signos desta tecnonatureza construída pela astúcia da tecnocracia. É ao mesmo tempo, ruptura e continuidade.

Em termos de ruptura, formas ainda não imaginadas de práticas de linguagem podem surgir, redefinindo as relações sociais. A respeito desse processo, Manevy (2009) entende o digital não como uma tecnologia, mas como um sistema de valores, de símbolos, de práticas e de atitudes. Conforme Manevy (2009, p. 35),

alguns tratam a cultura digital só como uma tecnologia, só como uma técnica, como uma novidade, esse conjunto de transformações a tecnologia que dos anos 70 para cá vem

transformando o mundo analógico neste mundo do bite, algo invisível, mágico, que o digital engendra. Agora, se pensarmos como cultura e não só como suporte, acredito que captamos a essência desta transformação, que é a cultura das redes, do compartilhamento, da criação coletiva, da convergência. São processos vivos de articulação, processos políticos, sociais, que impactam nosso modo de vida, de construção e de formulação. E que encontra no digital não um suporte, mas um modelo de elaboração.

No sentido dessa atitude sociocultural dos sujeitos em relação à tecnologia, o que se vislumbra são processos de apropriação e criação a partir de novas práticas simbólicas. De acordo com Dias (2011, p. 33),

Se ao escrever no computador aceitamos que a atividade material de escrever tenha sido reduzida a operações mínimas codificadas sob forma binária, é preciso lembrar também que pela escritura o sujeito tem a possibilidade de criação. Ou seja, aquilo que foi escrito (imaginado, criado) ou o percurso que o sujeito realizou para chegar a um determinado lugar na web, ou os desejos que o mobiliza a percorrer determinados links, não são da ordem da máquina.

Isso porque a prática dos sujeitos de linguagem é constituída pelo simbólico e pelo ideológico. Dessa forma, considerando o digital como parte de um processo histórico que constitui os sujeitos, as questões colocadas tomam uma dimensão política, já que os processos de linguagem não escapam a essa ordem. Assim, a sociedade, mais do que um suporte, encontra na tecnologia uma forma de realização, construção e elaboração que são práticas simbólicas, isto é, são processos de significação dos sujeitos que enunciam em condições de produção específicas, afetados pelas condições históricas e pela ideologia.

1.2.1. O ciberespaço: memória, tempo e espaço na sociedade em rede

Para entender processos sociais marcados pelas tecnologias digitais e a conexão em rede, é necessário discutir o que significa o ciberespaço, buscando

compreender as especificidades do funcionamento do tempo, do espaço e da memória. E, nesse caso, ainda é importante entender que as redes, formadas pelas máquinas interconectadas, são constituídas também por redes de sentidos formulados a partir de determinações histórico-sociais.

Nesse sentido, o ciberespaço é entendido como uma das maiores mudanças ocorridas no final do século XX e início do século XXI em relação à dimensão espaço-temporal de circulação da informação e do conhecimento. De acordo com Dias (2004, p. 52),

o fim da década de 80 e início da década de 90 vivenciou o início de um 'novo movimento sócio-cultural': o surgimento do ciberespaço. Este nome fora cunhado em 1984, no romance ciberpunk de William Gibson, 'Neuromancer', e, segundo Rheingold (1996), *é usado para designar o espaço conceptual onde se manifestam palavras, relações humanas, dados, riqueza e poder dos utilizadores da tecnologia de CMC*¹³. (grifos da autora)

E essa ênfase é dada porque, mais do que o surgimento de novas técnicas, há o surgimento de um movimento sócio-cultural. E como a própria palavra movimento indica, o que está em jogo é a transformação das atitudes, dos processos políticos, das formas de elaboração e das práticas simbólicas engendradas pelo virtual. Para Dias (2004, p. 52),

com o surgimento do ciberespaço e das comunidades virtuais, vivenciamos uma verdadeira revolução copernicana (Quéau, 1995), no sentido de que a noção de espaço, com as sociedades interconectadas pela rede mundial de computadores, ganha uma outra dimensão: aquela do tempo virtual. *O espaço passa ser uma função da temporalidade.* (grifos da autora)

Conforme Lemos (2010, p. 136), “o ciberespaço é um ambiente midiático, como uma incubadora de ferramentas de comunicação, logo, como uma estrutura rizomática, descentralizada, conectando pontos ordinários, criando

¹³ Comunicação Mediada por Computador.

territorialização e desterritorialização sucessivas”. Nesse sentido, Lemos (op. cit., p. 123) também afirma que,

o ciberespaço é, assim, um hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante, um cybionte em curso de concretização.

Mas, o ciberespaço é um fenômeno social¹⁴, portanto, lugar de interpretação e de relações de poder. Nesse caso, é importante lembrar que por mais que o ciberespaço seja um espaço aberto para a modificação, essa modificação é resultado de processos ideológicos. Assim, embora para Lemos (2010, p. 123), “o ciberespaço não tenha um controle centralizado, multiplicando-se de forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades ordinárias”, a sua configuração e ordenação são resultantes de relações sociais e, assim sendo, marcadas pelo político, que carecem ser compreendidas de uma forma menos naturalizada.

E nessa direção, discutir o ciberespaço demanda uma abordagem do virtual, sem desconsiderar as relações entre tempo e espaço. O virtual para Lévy (1996, p. 12) “trata-se de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre furos, perfura poços de sentido sob a plenitude da presença física e imediata.” Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chamam um processo de resolução: a atualização.

¹⁴ De acordo Moraes (2001, p. 1), as vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e compromettimentos comuns, a partir da diversidade de campos de interesse (educação, saúde, direitos humanos e trabalhistas, cidadania, minorias e etnias, meio ambiente, ecologia, desenvolvimento sustentável [...], combate à fome, emprego, comunicação e informação, arte e cultura) de metodologias de atuação (movimentos autônomos ou redes), de horizontes estratégicos (curto, médio e longo prazos) e de raio de abrangência (internacional, nacional, regional ou local). Essas variáveis, muitas vezes, entrelaçam-se, fazendo convergir formas operativas e atividades.

Para Lévy (1996, p. 23) a virtualização está inscrita na própria história da vida. A invenção de novas velocidades é o primeiro grau da virtualização. “A virtualização é sempre heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade” (LÉVY, op. cit. p. 25). Nesse sentido, a virtualização, para Lévy (1996, p 11-12), “apresenta-se como o movimento do ‘devir outro’ – ou heterogênesse – do humano que pode explicar o processo virtual em curso na atualidade”.

Nessa compreensão do virtual, pensar o ciberespaço demanda também tratar de memória, tempo e espaço que, com o advento do computador, sofre significativas mudanças. Para Orlandi (2010, p. 8), a memória pode ser pensada em três formas: memória discursiva ou interdiscurso, memória institucional (arquivo) e memória metálica (técnica).

A memória metálica, para Orlandi (op. cit, p. 9) “é a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias da linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador, etc.)”. De acordo com Orlandi (2010, p. 9), a particularidade dessa memória,

é ser horizontal, não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiações e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento.

Assim, de acordo com Orlandi (2010) este é um efeito (uma simulação), produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. E essa é a memória que precisa ser compreendida nas práticas de linguagem produzidas a partir das novas tecnologias.

Além da especificidade no funcionamento da memória, a conexão em rede coloca a sociedade em outras configurações de tempo e espaço. O que se diz é que o tempo digital promove uma nova relação do homem com as

durações¹⁵. Colombo ([1986], 1991, p. 104) afirma que as revoluções tecnológicas ligadas à revolução informática modificam definitivamente o quadro social e teórico relativo à questão das durações. A duração não é mais medida ela é produzida e o tempo da máquina independe do sujeito. Isso acarreta o caráter abstrato do tempo próprio da sociedade digital.

No que diz respeito ao espaço virtual, os estudos mostram que ele é um espaço de discursividades, que não escapa às determinações da prática social. De acordo com Grigoletto (2011), o virtual configura-se como um espaço onde se materializam diferentes discursividades, desde uma sala de bate-papo até situações mais formais onde há uma individualização do sujeito pelo Estado através de serviços, como os bancários, que hoje são realizados pela internet. Nesse sentido, para Grigoletto (op. cit., p. 51), “o espaço virtual ao mesmo tempo em que abriga diferentes discursividades, ele próprio se constitui num espaço de discursividade, mas não sem a determinação da prática social”.

Nessa direção, sem deixar de compreender o ciberespaço como um complexo problemático, um vazio motor que propicia a invenção, no qual a memória comparece de várias formas, proponho pensar a internet a partir de um viés social de cunho discursivo.

1.3. A internet e as transformações sociais

A internet é considerada um dos formatos hipermídia que mais se massificou nos últimos anos, surgindo daí milhares de *home pages*¹⁶, criadas para uma infinidade de fins. Conforme Lemos (2010, p. 116),

¹⁵ De acordo com Colombo ([1986] 1991), o tempo digital foi fundado a partir da descoberta de um cristal de quartzo, que em certas condições experimentais, vibra com regularidade absoluta numa determinada frequência, a ponto de conduzir a individuação do seu ‘tempo próprio’ automensurável. O cristal foi aplicado à relojoaria e hoje fez parte do coração de todas as máquinas eletrônicas digitais. Assim, a ‘alma’ dos computadores é constituída por um fragmento de matéria capaz de autodeterminar o próprio tempo.

¹⁶ De acordo com Marcuschi (2010), a *home page* (portal, sítio, página) é um ambiente específico para localizar uma série de informações, operando como um suporte e caracterizando-se cada vez

a internet, um conjunto de redes planetárias de base telemática, começa a ser construída há mais de trinta anos. A origem do que conhecemos hoje como internet surge com a rede Arpanet, criada pelo departamento de defesa dos EUA durante a Guerra Fria como solução para assegurar a manutenção das informações vitais. Hoje, a rede de redes está em processo de popularização.

Pelo que se observa, a popularização da internet é muito recente, mas já aponta para mudanças sociais importantes na forma de viver em sociedade, reivindicar direitos e denunciar o não cumprimento de leis. Para Moraes (2001, p. 1) “a internet vem dinamizar as lutas das entidades civis a favor da justiça social num mundo que globaliza desigualdades de toda ordem”.

Nesse sentido, a internet cria, hoje, uma revolução sem precedentes na história da humanidade. De acordo com Carvalho Junior (2009, p. 9), a digitalização da cultura, somada à corrida global para conectar todos a tudo, o tempo todo, torna o fato histórico das redes abertas algo demasiadamente importante, o que demanda uma reflexão específica. Pela primeira vez o homem pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária. (LEMOS, 2010, p. 116). Para Denis de Moraes (2001, p. 2),

a internet veio dinamizar esforços de intervenção dos movimentos sociais na cena pública, graças à singularidade de disponibilizar, em qualquer tempo-espço, variadas atividades e expressão de vida, sem submetê-la a hierarquias de juízos e idiosincrasias.

De acordo com Castells (2003, p. 8), “o uso da internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio e com pouco tempo de uso a influência das redes baseada na internet vai além do número de seus usuários”. As atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e/ou em torno dela, apesar de ainda não ser muito compreendida fora da esfera

mais como um serviço eletrônico. Nesse caso, para o autor, a *home page* seria um catálogo ou uma vitrine pessoal ou institucional.

tecnológica. Nesse sentido, ela influencia praticamente todos os setores e atividades: a política, a economia, o trabalho, o entretenimento, os movimentos sociais, etc. Hoje, de acordo com Lemos (2010), as possibilidades já são enormes: consulta de bancos de dados, correio eletrônico, transações comerciais, fóruns de tendências as mais variadas, consultas médicas, agregações sociais, rádios de várias partes do mundo, jornais, revistas, música, vídeo, museu e arte.

Assim, apesar de Cebrián (1999, p. 42) acreditar que “a revolução digital irá consumir-se apenas quando os usuários dos computadores tiverem aprendido a manejá-los de maneira polivalente”, o uso dos diferentes *softwares* é uma realidade que muda muito a sociedade e cria novas possibilidades em todos os meios sociais. Para Carvalho Junior (2009), o barateamento do computador pessoal e do telefone celular, aliado à rápida evolução das aplicações em *software* livre e dos serviços gratuitos na rede, promove uma radical democratização no acesso a novos meios de produção e de acesso ao conhecimento. Por isso, para Castells,

se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana (2003, p. 7).

Nessa compreensão, Lemos (2010, p. 117) discute que a internet, como foi a microinformática, ao menos em sua configuração atual, não é o resultado somente de uma estratégia tecnocrática de cima para baixo, mas um produto de uma apropriação social. Ela “age como potencial descentralizador do poder tecno-industrial-midiático abrindo, uma rede verdadeiramente aberta e acessível”.

Com relação a esse aspecto, Ferreira (2009) considera que a rede já cumpre um papel importante. Hoje é difícil cercear a informação, porque ela vaza. A manipulação de informação, de opinião pública, hoje tem um contraponto na internet. Essa é a primeira consequência positiva, a maior é estabelecer novas estruturas que disponibilizem informação, cultura, acesso a uma série de processos que ainda são restritos.

Para Moraes (2001, p. 2), “o mosaico comunicacional da Web reforça, assim, os campos de resistência à concentração da mídia, permitindo que ideias humanistas se expressem no perímetro do espaço político desterritorializado”. Nessa direção, a internet pode ser um espaço para o desenvolvimento de outras relações no que diz respeito aos dizeres de minorias silenciadas pelas mídias tradicionais. De acordo com Penteado et al. (2009, p. 135),

a mídia tradicional é uma fonte de informação vertical, ou seja, dos emissores para os receptores. As NTICs¹⁷, por sua vez, agregam a essa relação a possibilidade de os receptores serem produtores de informações [...]. É possível ponderar agora uma nova relação de força na política que pode ser considerada mais horizontalizada, se comparada com a dinâmica propiciada pela mídia tradicional. Na mídia tradicional, a informação, até ser veiculada, passa por diversos filtros hierárquicos de edição [...], podendo assumir, inclusive, uma edição final diferente daquela que foi imaginada por seu autor. Os blogueiros têm maior liberdade para publicar o material que desejam, pois não precisam passar por um editor.

Assim, é possível entrever que a internet, com seu sistema multimídia, e vários outros que potencializam o uso da linguagem, pode favorecer a criação de formas de relacionamento social e práticas de escrita¹⁸ ainda não vistas.

No tocante à linguagem, a internet representa um acontecimento singular, pois proporciona uma mudança na constituição, na produção e na circulação das discursividades. Assim, mais do que desenvolvimento técnico/tecnológico, as práticas sociais e os discursos são constituídos em condições de produção específicas, nas quais a temporalidade e espacialidade são circunstâncias que funcionam a partir de determinações do digital. Sendo assim, os discursos na rede são marcados por novos acontecimentos (eventos) de

¹⁷ Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

¹⁸ Para Orlandi (1999b, p. 7), a escrita, numa sociedade de escrita, não é só um instrumento, ela é estruturante. Isso significa que ela é lugar de constituição de relações sociais, isto é, de relações que dão uma configuração específica à formação social e aos seus membros.

linguagem, nos quais os sujeitos são posições marcadas pelas determinações tecnológicas e pelo poder que representa o mundo globalizado¹⁹.

Nesse sentido, a internet se apresenta como um espaço propício para o embate político²⁰, no qual as minorias podem reivindicar os seus direitos e afirmar seu pertencimento. Corroborando essa ideia, Cebrián (1999, p. 51) considera que “a interatividade, que combina informática, telecomunicações e os grandes bancos de dados, recupera para o indivíduo a possibilidade do diálogo, devolve-o, assim, à sua própria condição ética e o situa novamente no centro da criação”, mesmo que o uso da internet, em muitos lugares do mundo, seja, ainda, incipiente.

Sendo assim, Ferreira (2009, p. 19) afirma que:

À medida que a internet for ficando cada vez mais acessível para um número cada vez maior de pessoas, o intercâmbio, a interconexão vai ser de tal ordem, que me parece que vai ser pela primeira vez que poderá falar de uma comunidade mundial, sob todos os aspectos, porque as diferenças de línguas não serão suficientes para impedir que estas conexões se deem a partir de afinidades, de interesses comuns.

Dessa forma, embora não desconsidere que uma grande parcela da população continuará excluída, ainda por muito tempo, do acesso à internet, da mesma forma que não tem acesso a água tratada, energia elétrica e muitos outros bens de serviço e de consumo, é certo que ela pode ser pensada como potencial favorável aos movimentos sociais e às lutas políticas.

¹⁹ De acordo com Moraes (1997, p. 19), “no contexto de economia globalizada e de cultura mundializada que caracteriza o capitalismo tardio, as tecnologias propiciam ao campo da comunicação um dinamismo sem precedente. [...] Os aparatos de divulgação disponibilizam signos sociais que assumem significação mundial. [...] As ferramentas tecnológicas permitem a colagem e as interconexões de bens e espaços mundializados. Em meio à rearticulação planetária do poder, liderada pelas corporações estratégicas globais, os sistemas comunicacionais afiguram-se como molas propulsoras para a reverberação de um modo de produção que se ancora na economia da informação”.

²⁰ Conforme Penteado et al. (2009, p. 137), o ativismo político hoje se realiza na e pela mídia, na ‘ágora virtual’, em vez da ‘ágora real’ e concreta das cidades, transformando os mecanismos de ação política.

1.3.1. A internet e os movimentos sociais

No campo dos movimentos sociais a internet é vista como uma importante ferramenta de luta, que possibilita a reivindicação de direitos e a denúncia do não cumprimento das leis. No tocante aos direitos, Ferreira (2009, p. 21-22) afirma que, “é evidente que a regulação de toda esta tecnologia, do uso dela, não é uma questão técnica, se insere numa reflexão sobre direitos, direitos à informação, à comunicação, à autonomia da sociedade”. De acordo com Moraes (2001, p. 2),

a internet oferece novas ferramentas de intervenção, como as campanhas virtuais, o correio eletrônico, grupos de discussão, fóruns, salas de conversação, boletins, manifesto *on line*, murais, anéis de *sites* e árvores de *links*. É uma arena complementar de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas, atos públicos e panfletos.

Nessa direção, Castells (2003) considera que a internet encerra um potencial extraordinário para a expressão dos direitos dos cidadãos e a comunicação dos direitos humanos.

Certamente não pode substituir a mudança social ou a reforma política. Contudo, ao nivelar relativamente o terreno da manipulação simbólica, e ao ampliar as fontes de comunicação, contribui de fato para a democratização. A internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças (CASTELLS, op. cit, p. 135).

E esse potencial pode e já está sendo usado de forma inovadora por minorias étnicas em suas lutas e movimentos. Com relação a esse potencial, Castells (2003) afirma que os movimentos sociais do século XXI, ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela internet. O mesmo pode ser dito do movimento ambiental, o movimento das mulheres, vários movimentos pelos direitos humanos, movimentos de identidade étnica, movimentos religiosos, movimentos

nacionalistas e dos defensores/proponentes de uma lista infindável de projetos culturais e causas políticas. Para Castells (op. cit, p. 114 -115) “O ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques”.

Nessa direção, para Penteado et al. (2009, p. 137), “a maior liberdade de produção de informação leva a uma maior participação política via internet”. Com relação aos índios e seus movimentos, a internet pode representar significativa mudança em suas lutas em prol de direitos. Com a internet, entra em circulação na rede, uma profusão de conteúdos dos índios em lutas reivindicatórias²¹, movimentos em prol de direitos²² e, em alguns casos, em rituais específicos, compondo um cenário até então impossível em outras mídias.

Na internet, além dos discursos sobre os índios²³, há em circulação, na rede, dizeres dos índios, que já têm experiências significativas nos usos de muitas dessas novas tecnologias de postagem. E esse fato mostra que embora os preconceitos e os estereótipos ainda não tenham sido abolidos no discurso sobre os índios, na atualidade no Brasil, com a garantia dos direitos e com a popularização da internet, muitas questões de cunho político, social e cultural indígenas têm sido colocadas em debate.

1.4. Condições históricas de uso da internet por sujeitos e povos indígenas

O discurso dos/sobre os índios na rede mundial de computadores é, ao mesmo tempo, fato de linguagem e fato histórico, visto que, para a Análise de Discurso, os sentidos são constituídos no encontro da língua com a história. A língua é um sistema que adquire corporeidade, significado, inscrevendo-se na

²¹ O *blog* Acampamento Revolucionário é um exemplo de como as lutas indígenas reivindicatórias aparecem em circulação na internet. Disponível em: <<http://acampamentorevolucionarioindigena.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

²² O *blog* do Conselho do povo Cinta Larga (CPCL) também pode ser apresentado como exemplo de como as lutas dos povos indígenas por direitos circulam na rede. Disponível em: <<http://povocintalarga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

²³ O *site* “Amigos dos Kamayura” pode ser um exemplo de *site* que coloca em circulação uma discursividade sobre os índios. O *site* apresenta uma vasta publicação sobre a cultura e a história do povo. Disponível em: <<http://www.kamayura.org.br/>>. Acesso em: 18 out. 2012.

história (ORLANDI, 2002) e a materialidade linguística é o lugar da manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos.

Assim, diferentes discursividades dos/sobre os índios em circulação na rede (em *sites*, *blogs*, portais e redes sociais) faz parte de um percurso de sentidos constituído historicamente no nosso país, “considerando que o dizer não tem começo verificável: o sentido está (sempre) em curso” (ORLANDI, 2007, p. 11). Nesse processo, é importante entender que as experiências dos povos indígenas com a internet fazem parte de um complexo jogo imaginário que rege as relações estabelecidas entre esses sujeitos e a sociedade envolvente.

Nesse caso, a criação e a manutenção dos *sites*, portais e *blogs* faz parte de um jogo imaginário constituído no processo discursivo desencadeado no bojo das lutas indígenas em prol de direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988²⁴. As novas condições históricas mostram que os indígenas das diferentes regiões do país estão cada vez mais engajados em ações e movimentos em prol da autodeterminação. Assim, a resistência dos sujeitos e os movimentos reivindicatórios em prol de direitos não deixam de ser materializadas nos/pelos discursos que circulam na rede sob novas condições de produção obtidas pelas novas tecnologias, em especial a internet.

Fazendo uma retomada histórica, é possível dizer que a história dos povos indígenas no Brasil²⁵ é bastante peculiar e atravessa, no decorrer dos séculos, fases distintas. Desde 1500, os povos indígenas são alvo de escravização, massacres²⁶, imposições, preconceitos e intolerância por parte de várias instâncias e organismos ligados ao Estado e a outros setores da sociedade envolvente. De acordo com Orlandi (1990), os índios, como parte e componente da cultura brasileira, foram silenciados pelo Estado no processo de colonização. A respeito disso, a autora afirma que nesse Estado:

²⁴ É necessário ressaltar que as conquistas da Constituição Federal de 1988 fazem parte de um longo processo de luta dos povos indígenas em diferentes momentos e situações, no decorrer do processo histórico brasileiro.

²⁵ Isso considerando que a história dos índios, em vários aspectos, ainda não foi contada por força dos discursos dominantes que constituem a História.

²⁶ Cf. CIMI – Conselho Indigenista Missionário, 2001.

O índio é totalmente excluído. No que se refere à identidade cultural nacional, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado. Esse processo de apagamento do índio na identidade cultural nacional tem sido escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos mecanismos mais variados, dos quais a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes (ORLANDI, 1990, p. 56)

Mas como a História é um processo marcado pela contradição (RANCIÈRE, 1994), esses povos também resistem no decorrer dos tempos, através de variados mecanismos, impondo a sua presença física e cultural em diferentes espaços e momentos da história, passando a ter uma visibilidade inquestionável em diferentes meios de comunicação.

A partir das lutas e movimentos, que culminaram na aprovação da Constituição Federal de 1988, os índios adquiriram legalmente outros direitos e, amparados na Lei maior, lutam em prol da autodeterminação e realização de seus projetos. Nesse sentido, os indígenas tiveram garantidos, na Constituição Federal de 1988, o reconhecimento de direitos que propicia a implementação de propostas, redefinição de projetos e muitas outras iniciativas na área da saúde, educação, economia e defesa de seus territórios, como mostram os artigos da Constituição.

Art. 231 - São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. [...]

Art. 232 - Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo²⁷.

Com essas garantias, outros desdobramentos legais de cunho social e cultural foram gerados, surgindo daí a formulação de outras leis, decretos, pareceres que complementam o disposto na Lei maior, Constituição Federal.

²⁷ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Na educação, o direito amplia as possibilidades de conquista dos povos. De forma geral, pode-se dizer que as conquistas educacionais da atualidade são fruto de um longo processo de lutas. O movimento em prol dos direitos, embora silenciado no decorrer da história desde a época da colonização, foi fortalecido a partir da segunda metade do século XX, apoiado por organizações não governamentais, Universidades e outras instituições.

Tendo a garantia de direitos na Constituição Federal de 1988, as comunidades lutam por uma educação escolar²⁸ voltada para ações e práticas que valorizem o que é parte de suas próprias culturas. Com o intuito de valorizar a sua própria cultura, sem desconsiderar a importância do conhecimento da cultura envolvente, muitas escolas são criadas e cursos de formação de professores (níveis médio e universitário) são implantados. Vagas para alunos índios nas Universidades públicas do país são criadas em diferentes áreas do conhecimento. Nessas instituições e áreas, os alunos índios produzem suas pesquisas²⁹, dando ênfase para a história dos povos e os conhecimentos tradicionais.

Esse cenário tem mostrado que, a partir de 1970, os povos vêm conseguindo garantir/recriar muito do que foi perdido (negado) ao longo da sua história e esse fato pode promover deslocamentos de sentidos. O Estado brasileiro reconhece a violação dos direitos e institui legalmente, na área da educação, o respeito e o reconhecimento dos bens culturais específicos e processos próprios de aprendizagem dos povos indígenas:

Art. 1º - Garantir às comunidades indígenas uma educação escolar básica de qualidade, laica e diferenciada, que respeite e fortaleça seus costumes, tradições, língua, processos próprios de aprendizagem e reconheça suas organizações sociais.

Art. 2º - Garantir ao índio o acesso ao conhecimento e o domínio dos códigos da sociedade nacional, assegurando-se às populações

²⁸ A Escola Pamáali é um exemplo de como a educação escolar pode valorizar o que é da cultura sem desconsiderar o que vem de fora. As experiências da escola são publicadas no *blog* Escola Pamáali. Disponível em: <<http://pamaali.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

²⁹ O *site* do CINEP (Centro Indígena e Estudos e Pesquisas) publica pesquisas realizadas por estudantes indígenas universitários de todo o país. Disponível em: <<http://www.cinep.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2012.

indígenas a possibilidade de defesa de seus interesses e a participação plena na vida nacional em igualdade de condições, enquanto etnias culturalmente diferenciadas.

Art. 3º - Garantir o ensino bilíngue nas línguas materna e oficial do país, atendido os interesses de cada grupo indígena em particular.³⁰

Nesse mesmo sentido, a LDBEN de 1996, garante que:

Art. 78 - O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I – proporcionar aos índios, comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias³¹.

Com esses reconhecimentos e garantias, é possível que os povos indígenas possam conseguir outras conquistas e avançar em direção à autodeterminação desejada. Embora a circulação de sentidos sobre os índios ainda seja, em grande parte dos casos, marcada pelos estereótipos, não há como negar a presença desses sujeitos e suas organizações no país na contemporaneidade. Nesse sentido, o uso das novas tecnologias da comunicação, em especial a internet, é componente importante nas lutas e movimentos. Fazer parte do mundo globalizado, no qual a sociedade cada vez mais se utiliza das novas tecnologias, é uma realidade que pode até estar distante da maioria das comunidades e aldeias, mas apresentam-se como aspecto significativo das conquistas almejadas.

³⁰ Portaria Interministerial MJ e MEC nº. 559 de 16 de abril de 1991. In: MAGALHÕES, Edvard Dias (Org.) Legislação indígena brasileira e normas correlatas. 2. ed. – Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003. p. 545 - 548.

³¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN. Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. In: MAGALHÕES, Edvard Dias (Org.) Legislação indígena brasileira e normas correlatas. 2. ed. – Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003. p. 528 - 5365.

Nesse sentido, lideranças indígenas consideram que o acesso à internet possibilitará a conquista de um espaço para se dizer, reivindicar direitos e denunciar o não cumprimento das leis, desfazendo equívocos que contribuem para a manutenção do preconceito. Atualmente isso já acontece com muitos sujeitos e povos que usam a internet como alternativa para contar suas histórias, divulgar especificidades das suas culturas³² ainda não vistos em outros meios, falar de suas experiências, publicar literatura³³ e debater ideias.

Os *websites*, os *blogs* e as redes sociais: *Facebook*, *Orkut* *Twitter* possibilitam, além de visibilidade, a constituição de um espaço de dizer (de interpretação) para esses sujeitos. Na *Web*, as imagens indígenas circulam compondo um cenário instigante, já que este é um lugar que agrega uma multiplicidade de linguagens, mas é enquanto espaço de dizer aberto que a rede funciona enquanto possibilidade de circulação de diferentes discursividades dos/sobre os índios. Os fóruns de discussão, em comunidades e muitos outros espaços das redes sociais, sujeitos indígenas discutem questões relacionadas às suas comunidades e suas conquistas, fazendo funcionar outros efeitos de sentidos dos/sobre os índios na rede.

Os *sites* acadêmicos³⁴ sobre formação indígena e pesquisas sobre as línguas indígenas³⁵ disponibilizam resultados de pesquisas capazes de desfazer equívocos relacionados à hierarquia valorativa das línguas. Os *sites* de organizações sem fins lucrativos que apoiam os índios em suas organizações e seus movimentos, disponibilizam estudos que podem contribuir para a quebra de

³² No *site* da “Associação Wara Xavante” são publicadas especificidades da cultura Xavante. Disponível em: <<http://wara.nativeweb.org/tso.html>>. Acesso em: 21 out. 2012.

³³ O *blog* “Mundurukando: blog de Daniel Munduruku”, é um espaço dedicado, entre os mais variados assuntos, à discussão sobre literatura indígena. Disponível em: <<http://danielmunduruku.blogspot.com.br/2012/03/umutina-indios-letrados.html>>. Acesso em: 21 out. 2012.

³⁴ Um exemplo de *site* acadêmico com uma relevante publicação sobre formação indígena superior é o *site* “Bay Universidade Indígena” da UFMG que divulga as ações da formação indígena em nível superior desenvolvidas por essa instituição. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/bay/sites/krenak/krenakinicial.htm>>. Acesso em: 18 out. 2012.

³⁵ O *site* do LALI – Laboratório de línguas indígenas – IL – UnB é uma referência a ser considerada no estudo de línguas indígenas. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/il/lali/index.php>>. Acesso em: 22 out. 2012.

preconceitos. *Sites* indigenistas³⁶, *sites* institucionais e *blogs* pessoais de jornalistas³⁷, professores, pesquisadores³⁸, alunos de Pós-Graduação e muitos outros³⁹ também são espaços de postagens sobre os índios que pode contribuir para o deslocamento dos sentidos.

1.4.1. Os índios e a prática da escrita na internet

A internet é um ambiente predominantemente de escrita, embora uma escrita diferente daquela já conhecida na forma impressa. De qualquer forma, tratar de internet, e o seu uso pelos índios, necessariamente, pressupõe a relação histórica desses sujeitos com a prática da escrita. Isso porque a relação dos índios com a escrita (do português e até mesmo das línguas indígenas) remete ao processo de colonização, ou seja, falar de escrita do português produzida por índios na rede, povos de tradição oral e línguas específicas, não deixa de remeter a uma história complexa desses sujeitos nas suas relações de contato com a cultura ocidental.

Nesse sentido, a escrita do português produzida por índios em redes sociais, *blogs* e outros *sites*, embora apareça como um fato dado, precisa ser pensada como parte de um processo histórico marcado pelo embate, muitas vezes não declarado, dos índios em relação à cultura ocidental imposta. Isso, porque, no processo de contato, por mais que os índios tenham sido silenciados no discurso de constituição do país (Orlandi, 1990), muitos deles não deixaram de dizer e se dizer, mantendo a sua língua e, no uso do português, estabelecendo relações com a sua cultura e com sua tradição oral. E essas

³⁶ O *site* CTI – Centro de Trabalho Indigenista pode ser destacado como exemplo. Disponível em: <<http://www.trabalhoindigenista.org.br/index.php>>. Acesso em: 28 out. 2012.

³⁷ O *blog* “Terra dos Parecis” é um *blog* pessoal de um jornalista que disponibiliza na rede muitas informações sobre o povo Paresi e a sua terra. Disponível em: <<http://terradosparecis.blogspot.com.br/p/o-autor.html>>. Acesso em: 20 out. 2012.

³⁸ O “*blog* do Mércio: Índios, Antropologia, Cultura” traz muitas publicações sobre a temática indígena na atualidade com todas as suas singularidades. Disponível em: <<http://merciogomes.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

³⁹ O *blog* “Ailton Krenak” é um *blog* criado com a finalidade de disponibilizar matérias já publicadas sobre Ailton Krenak. Disponível em: <<http://ailtonkrenak.blogspot.com.br/>>. Acesso: 18 out. 2012.

condições históricas de dizer podem marcar o sujeito índio no exercício da função-autor no ambiente eletrônico, em suas condições de produção atuais.

De acordo com Nunes (1994, p. 85), a relação do índio com a escrita se estabelece no período colonial pelo discurso religioso. Ele é colocado como aprendiz e a sua fala passa a ser representada pelos missionários. “Embora atribuam aos índios uma posição enunciativa, os missionários representam a sua enunciação ora falando o francês, ora o português, ou a própria língua indígena transcrita para a linguagem alfabética”.

Com relação à escrita da língua indígena, sabe-se que os missionários buscaram, desde cedo, produzir uma gramática que servisse ao aprendizado deles próprios (D`ANGELIS, 2007, p. 13), mas para os índios, no início da colonização, a escrita não fazia sentido e, devido a isso, embora a escrita em língua indígena tenha sido praticada, não se estabeleceu. O uso da escrita entre os índios só foi estabelecida muito tempo depois com os novos desafios advindos do contato. De acordo com D`Angelis (2007, p. 4),

depois do contato com a sociedade luso-brasileira e com a escrita do português, em muitas comunidades surgiram pessoas alfabetizadas que passaram a fazer uso da escrita para a comunicação em língua portuguesa. Não havia motivos para um uso da escrita em língua indígena e eles não tentaram fazê-lo.

Com os novos desafios, “o bilinguismo tornou-se uma necessidade para as comunidades indígenas à medida que os contatos e relações com a sociedade dominante foram intensificados” (D`ANGELIS, 2007, p. 13). Falar português foi uma prática de muitos indígenas no decorrer do contato, entretanto,

como o “falar Português”, também o ler e escrever (o Português) torna-se, em algum momento, uma necessidade coletiva de uma comunidade indígena em contato permanente com a sociedade brasileira. Pressionadas por documentos (oficiais ou não) a liberar parte de suas terras aos invasores, ou obrigadas a conviver com o registro escrito de contas e haveres (seja de seringalistas, na Amazônia, seja de bodegueiros, no Sul) as comunidades passam a sentir necessidade de dominar esse instrumento pelo qual,

percebem, começam a ser manipuladas ou prejudicadas (D'ANGELIS, op. cit, p. 13).

E é, nesse sentido, que o domínio do português constitui parte importante das discussões sobre educação escolar indígena no final do século XX e início do século XXI. Na contemporaneidade, o domínio do Português escrito é parte fundamental dos objetivos das escolas indígenas que almejam preparar as futuras gerações para os novos desafios de manter sua cultura e as suas línguas, sem desconsiderar a relação com a sociedade envolvente e o uso das novas tecnologias da informação em crescente desenvolvimento.

Embora na internet a predominância seja a escrita em língua portuguesa, com influência do inglês e do espanhol, pode aparecer também o uso das línguas indígenas. Já existe disponível na rede experiências de *site* em línguas indígenas, desde 2008. Um exemplo é o *site Kanhgág Jógo*⁴⁰. A figura 1, mostrada abaixo, é a página inicial desse *site*.



Figura 1: Página inicial do *site Kanhgág Jógo* – abr. 2012.

⁴⁰ Disponível em: <<http://kanhgag.org/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

O *site Kanhgág Jógo* é uma experiência que coloca a língua Kaingang em circulação na internet, mas além de colocar a língua Kaingang em circulação mundial, promove uma mudança de consequências positivas na prática da linguagem. Um *site* em língua Kaingang estabelece uma relação específica com a tecnologia, pois tem como leitores imaginários, os próprios índios Kaingang. E isso muda a relação do povo com a tecnologia e com o espaço da rede.

1.4.2. Vozes indígenas na rede: usos da internet e a visibilidade das ações reivindicatórias

A internet é uma ferramenta tecnológica multimídia que, aos poucos, chega às comunidades indígenas através de iniciativas governamentais e não-governamentais, favorecendo visibilidade às ações reivindicatórias e movimentos dos índios em prol de direitos. Ela se torna possível a partir da criação e manutenção de laboratórios de informática nas escolas, que, gradativamente, vão sendo implementados, discutidos e ressignificados pelas comunidades. A respeito da expansão de uso da internet entre os índios, algumas experiências podem ser exemplos. De acordo com D`Angelis (2011, p. 116):

um número bastante grande de escolas Kaingang possui sala de informática com pelo menos meia dúzia de computadores (muitas com 10 ou 12) e ao menos uma impressora. E pelo menos 10 a 15% das escolas Kaingang já estão conectadas à internet. Na verdade, o ritmo tem sido tão intenso, que talvez tenhamos, hoje, uma nova escola conectada a cada três meses. Pois bem, não tenho medo de 'arriscar' um prognóstico de que em menos de 10 anos não haverá comunidade Kaingang que não vá estar conectada à internet, com salas montadas especialmente para isso nas aldeias. E isso vale, igualmente, para um número razoavelmente grande de etnias pelo Brasil afora.

Tomando a situação dos Kaingang como base, é possível considerar que o acesso dos índios à internet, embora não seja uma realidade em todas as aldeias no país, é parte de um processo em crescente desenvolvimento. E esse

crecente uso da internet pelos índios pode ser observado pela profusão de *sites* de índios e movimentos indígenas, encontrados na rede. Esses *sites*⁴¹, geralmente criados e mantidos por instituições e organizações, são importantes espaços de diálogo, encontros e reivindicação de direitos, que dá visibilidade à força dos povos indígenas, na contemporaneidade no país.

Um primeiro *site* que pode ser destacado⁴² como exemplo pelas publicações de interesse dos povos indígenas que faz circular é o portal Índios Online⁴³. O *site* está no ar desde 2005, com uma vasta publicação sobre a temática indígena na atualidade. A figura 2 é a página inicial desse portal.



Figura 2: Página inicial do portal Índios Online – out. 2012.

⁴¹ Um *website* ou *site* (sítio eletrônico) é um conjunto de páginas *web*, isto é, de hipertextos acessíveis geralmente pelo protocolo HTTP na internet. O conjunto de todos os *sites* públicos existentes compõe a World Wide Web. As páginas num *site* são organizadas a partir de um URL básico, ou sítio, onde fica a página principal, e geralmente residem no mesmo diretório de um servidor. Alguns *sites*, ou partes de *sites*, exigem uma subscrição, com o pagamento de uma taxa, por exemplo, mensal, ou então apenas um registo gratuito. (Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Site>>. Acesso em: 19 out. 2012).

⁴² O que procuro mostrar com os exemplos apresentados é a gama de possibilidades que os *sites* oferecem aos índios em suas lutas e seus movimentos, portanto não faço uma busca exaustiva de *sites* e nem os analiso em profundidade.

⁴³ Disponível em: <<http://www.indiosonline.net/>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

O portal⁴⁴ é considerado um canal de diálogos, encontros e trocas, mantido por índios de diversas etnias. É visto pelos seus mantenedores como um espaço de diálogo intercultural, que valoriza a diversidade, facilitando a circulação de informações importantes para os povos indígenas e para a sociedade em geral.

Na seção “Quem somos”, o portal é caracterizado como: uma rede composta por índios voluntários que buscam o desenvolvimento humano, cultural, social e econômico de suas nações, beneficiando todos os seres vivos sem distinção de nacionalidade, raça, cor e crenças. Dentre todo o material que o portal publica e disponibiliza na rede, estão os objetivos do grupo, que de acordo com o *site* são vários. Nessa variedade de objetivos, estimular o diálogo intercultural, promover o respeito pelas diferenças, conhecer e refletir sobre a situação atual e salvaguardar os bens imateriais mais antigos desta terra Brasil são os de maior destaque. De acordo com o próprio grupo, o *site* cumpre o papel de disponibilizar na internet para o Brasil e para o mundo, arquivos (textos, fotos, vídeos) sobre os povos indígenas.

Um outro *site* que pode ser apresentado como destaque é o da APIB⁴⁵ – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Esse *site* tem uma publicação relevante sobre as organizações e movimentos indígenas no país. De acordo com o *site*, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB⁴⁶ é uma instância de aglutinação e referência nacional do movimento indígena no Brasil, que nasceu com o propósito de fortalecer a união dos povos indígenas no país. A figura 3, abaixo, é a página inicial do *site* da APIB.

⁴⁴ É chamado "portal" o *site* que congrega conteúdos de diversos tipos, geralmente fornecidos por uma mesma empresa. Recebem esse nome por congregarem a grande maioria dos serviços da Internet num mesmo local. (Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Site>>. Acesso em: 19 out. 2012).

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.apib.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2012.

⁴⁶ Fazem parte da APIB as seguintes organizações indígenas regionais: Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOENME), Articulação dos Povos Indígenas do Pantanal e Região (ARPIPAN), Articulação dos Povos Indígenas do Sudeste (ARPINSUDESTE), Articulação dos Povos Indígenas do Sul (ARPINSUI), Grande Assembléia do povo Guarani (ATY GUASSÚ) e Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

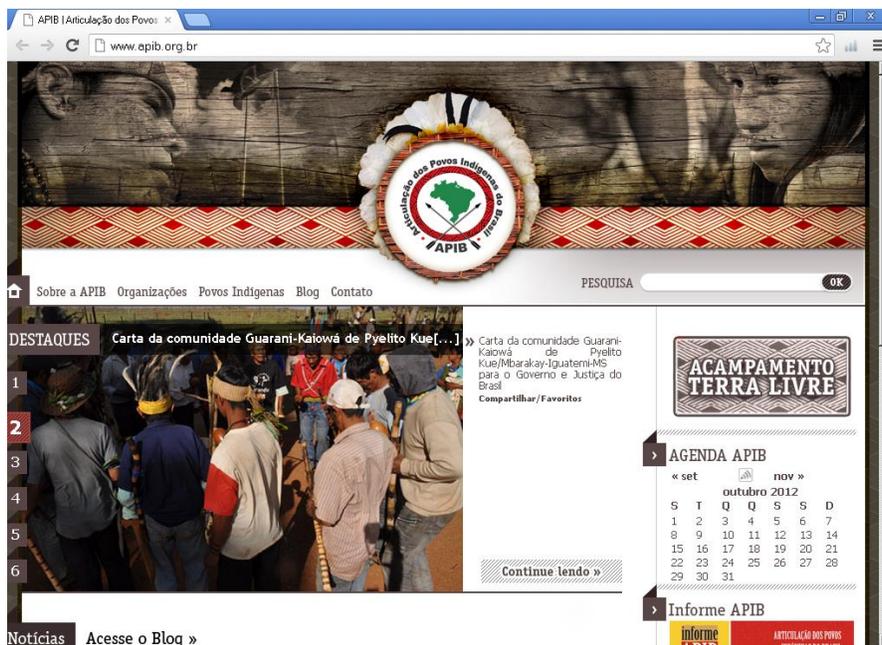


Figura 3: Página inicial do *site* da APIB – out. 2012.

O *site* apresenta publicações relacionadas às principais metas da articulação, que são: articular as diferentes regiões e organizações indígenas do país, unificar as lutas dos povos indígenas, formular pauta de reivindicações e demandas relacionadas à política do movimento indígena; mobilizar as organizações e os povos indígenas do país para a luta contra as ameaças e agressões aos direitos.

Além dos dois *sites* referidos acima, o *site* da COIAB⁴⁷ - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - pode ser também considerado um exemplo de *site* de organização que coloca em circulação, na rede, uma relevante publicação sobre os povos indígenas daquela região. No *site* são publicadas as ações da COIAB, organização que foi criada por líderes indígenas em abril de 1989 e, atualmente, é considerada a maior organização indígena do Brasil. A figura 4, abaixo, é a página inicial desse *site*.

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.coiab.org/site/>>. Acesso em: 21 out. 2012.



Figura 4: Página inicial do *site* da COIAB – out. 2012.

A organização foi fundada para ser o instrumento de luta e de representação dos povos indígenas da Amazônia Legal Brasileira pelos seus direitos básicos (terra, saúde, educação, economia e interculturalidade). A Coordenação tem 75 organizações membros de nove Estados da Amazônia Brasileira (Amazonas, Acre, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), sendo associações locais, federações regionais, organizações de mulheres, professores e estudantes indígenas.

Conforme o *site*, os seus objetivos e fins são: promover a organização social, cultural, econômica e política dos povos e organizações indígenas da Amazônia Brasileira, contribuindo para o seu fortalecimento e autonomia. Segundo o *site*, a organização também formula estratégias, busca parcerias e cooperação técnica, financeira e política com organizações indígenas, não-indígenas e organismos de cooperação nacional e internacional para garantir a continuidade da luta e da resistência dos povos indígenas. Na luta pela garantia e promoção dos direitos dos povos indígenas, o *site* é atuante e cumpre um papel fundamental na divulgação das ações das diferentes organizações, sendo um apoio nas lutas e movimentos dos índios em prol de direitos.

Ainda em relação a movimentos indígenas, o *site*⁴⁸ da ARPINSUL – Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul - pode ser um exemplo apresentado, embora tenha sido criado em 2009 e tenha sido pouco atualizado. O *site* dá visibilidade ao ARPINSUL - Movimento Indígena da Região Sul, que conta com a participação de representantes indígenas das etnias: Kaingang, Guarani, Xokleng, Xetá e descendentes de Charrua.

Segundo o próprio *site*, a organização é atuante desde as discussões da Constituição Federal de 1988 e conta com a participação de lideranças tradicionais, caciques, professores, universitários e militantes. A figura 5, abaixo, é a página inicial desse *site*.



Figura 5: Página inicial do *site* ARPINSUL – out. 2012.

De acordo com o *site*, no desempenho das atividades, o ARPINSUL, tem realizado importante trabalho junto às lideranças indígenas, nas questões de reivindicação de terras, qualidade na educação escolar indígena, saúde e auto-sustentação. Além disso, o movimento tem participação em audiências públicas, seminários, conferências, fórum e reuniões de trabalho relacionado às questões

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.arpinsul.org.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

indígenas. O ARPINSUL tem participado também ativamente dos espaços de discussões sobre políticas públicas junto aos órgãos governamentais e sociedade civil, com resultados significativos para as comunidades indígenas.

Dentre todos os assuntos, os *sites* divulgam as ações das organizações e as metas dos movimentos, sendo esse gesto, uma forma de colocar em circulação, na rede, conteúdos que destacam a força dos povos indígenas em seus movimentos políticos nas diferentes regiões do país.

1.4.2.1. Os *blogs* e as organizações indígenas

De acordo com Träsel (2009, p. 93), “desde seu surgimento, os *blogs*⁴⁹ tornaram-se uma forma de comunicação que atinge todos os grupos e classes sociais conectados à *World Wide Web*”. Entre os índios, os *blogs* são ferramentas de uso em expansão. Para vários povos indígenas, os *blogs* são mecanismos que possibilitam a publicação de diferentes conteúdos referentes às suas culturas e lutas políticas, mas é, acima de tudo, um espaço de se constituir sujeitos de linguagem, ou seja, de se constituir autores.

Há na rede uma diversidade de *blogs*⁵⁰ que tem na sua autoria um índio ou uma organização indígena, que podem ser acessados por qualquer internauta, sem o uso de senhas. Dentre os *blogs* disponíveis na rede, grande parte são institucionais: de escolas, de associações e de movimentos indígenas (de

⁴⁹ Um *blog* (contração do termo inglês *Web log*, diário da Web) é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados *posts*. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*. Alguns sistemas de criação e edição de *blogs* são muito atrativos pelas facilidades que oferecem, disponibilizando ferramentas próprias que dispensam o conhecimento de HTML. A maioria dos *blogs* são primariamente textuais, embora uma parte seja focada em temas exclusivos como arte, fotografia, vídeos, músicas ou áudio, formando uma ampla rede de mídias sociais. (Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>>. Acesso em: 19 out. 2012).

⁵⁰ Embora haja inúmeros *blogs* de índios na rede, neste trabalho não tenho a pretensão de fazer um levantamento exaustivo desse tipo de *site*, apresento apenas alguns com o intuito de mostrar uma prática dos índios crescente no mundo virtual.

mulheres⁵¹, de jovens), mas também existem os *blogs* pessoais, sendo esse tipo de *blog* o foco desta minha pesquisa.

Para os índios, os *blogs* são espaços de postagens diversas, mas a sua maior inovação está na possibilidade de publicação sem intermediários. Nesses espaços, as postagens são produzidas e disponibilizadas pelo blogueiro diretamente na rede, o que proporciona a interpretação do sujeito em relação a variados assuntos de relevância para a sua etnia e os diferentes povos.

Com a criação de *blogs*, os índios, além de poder publicar na rede materiais diversos sobre especificidades das suas culturas⁵², processo de formação, planos e projetos de sustentabilidade⁵³, preservação ambiental⁵⁴ e muitos outros, registram as ações das organizações e movimentos. Como exemplo, apresento alguns desses *blogs*, com o intuito de refletir sobre o potencial dessa ferramenta tecnológica para os índios em suas reivindicações.

O primeiro *blog*, com regularidade nas publicações, que pode ser considerado exemplo, é o *blog* da APIWTXA⁵⁵ - Associação do Povo Ashaninka do Rio Amônia, Acre. O *blog* foi criado em 2007, tem 99 seguidores e mais de 3000 acessos. Apresenta uma vasta publicação sobre o povo e as suas ações através da associação. A figura 6, abaixo, é a página inicial desse *blog*.

⁵¹ O *blog* da CONAMI - Conselho Nacional de Mulheres Indígenas - é um *blog* institucional que, embora não seja atualizado, disponibiliza várias matérias que enfoca a ação das mulheres em movimento em prol de direitos. Disponível em: <<http://conamimulheresindigenas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

⁵² O *site* "Xavante Pimentel Barbosa" é um exemplo de como os povos indígenas usam os espaços da rede para publicar particularidades de sua cultura. Nesse *site* são publicados vários aspectos da cultura Xavante. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/designsocial/xavante/index.htm>>. Acesso em: 18 out. 2012.

⁵³ O *site* Paiter-Surui coloca em circulação publicações importantes em relação a projeto de sustentabilidade e preservação ambiental. Disponível em: <<http://www.paiter.org/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

⁵⁴ O *site* da Associação Floresta Protegida da etnia Kayapó é um exemplo da preocupação dos índios dessa etnia em relação à preservação do ambiente. Disponível em: <<http://www.florestaprotegida.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2012.

⁵⁵ Disponível em: <<http://apiwtxa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.



Figura 6: Página inicial do *blog* da APIWTXA – out. 2012.

De acordo com o perfil⁵⁶, o *blog* da APIWTXA é organizado e mantido pela APIWTXA, Associação do Povo Ashaninka do Rio Amônia. O *blog* é considerado uma das muitas ferramentas da luta incansável da APIWTXA pela proteção da floresta e dos povos da floresta, pela sustentabilidade dos recursos e a conservação da biodiversidade da Amazônia⁵⁷.

As suas publicações não são diárias, mas apresenta uma certa regularidade no decorrer do tempo, desde a sua criação, em 2007. Um dos aspectos que chama a atenção no *blog* é a lista de *links* que ele apresenta. Os *links* apresentados são de *blogs* ligados a organizações indígenas, de *sites* de povos indígenas, *sites* de instituições públicas e muitos outros.

Um outro *blog* que pode ser destacado é o *blog* do Instituto MAIWU – Instituto Indígena MAIWU de Estudos e Pesquisas de Mato Grosso. A figura 7, abaixo é a página inicial desse *blog*.

⁵⁶ O perfil em um *blog* é um texto informativo sobre o autor e/ou sobre o próprio *site* (que varia de tamanho), podendo ser acompanhado (ou não) de foto e/ou outro tipo de gravura.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.blogger.com/profile/06251088604167953083>>. Acesso em: 26 out. 2012.



Figura 7: Página inicial do *blog* do MAIWU – out. 2012.

Esse é o *blog* visitado com maior número de acessos. Foi criado em 2010 e já tem mais de 9 mil acessos. O *blog*, embora receba poucos comentários e tenha uma lista de apenas 23 seguidores, é bem estruturado e apresenta uma vasta publicação relacionada às ações do instituto junto aos povos indígenas de Mato Grosso.

O *blog* da APOINME⁵⁸ é também um exemplo de *blog* que publica matérias sobre as ações de uma organização. A Articulação dos Povos e organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo - APOINME é uma articulação de povos e organizações indígenas dos estados da região Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo.

O *blog* foi criado em 2009 e tem pouco mais de 200 acessos. Embora tenha pequeno número de acessos e uma lista de apenas 19 seguidores, cumpre o papel de fazer circular os objetivos da articulação. O *blog* não tem uma publicação regular e freqüente, mas tem uma publicação importante sobre a luta dos povos indígenas por direitos no país. A figura 8, abaixo, é a página inicial desse *blog*.

⁵⁸ Disponível em: <<http://apoinme.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

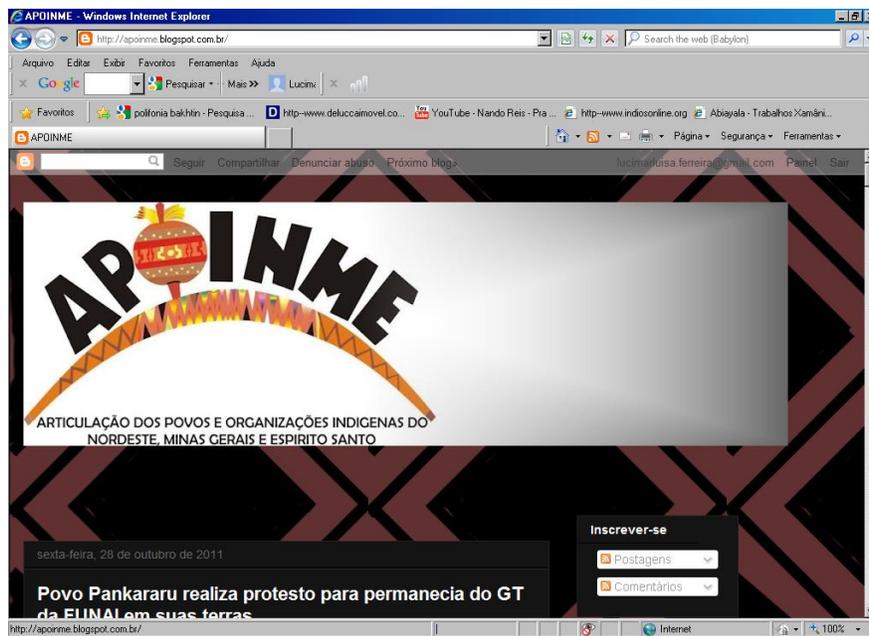


Figura 8: Página inicial do *blog* Apoinme – abr. 2012.

Conforme o texto do perfil, a articulação reúne 64 povos a fim de lutar pela Identificação, demarcação, homologação e desintrusão das terras indígenas. Luta também pela garantia de uma educação escolar diferenciada que respeite os costumes, crenças e tradições. Além disso, busca atendimento a saúde, assistência técnica e extensão rural para as comunidades indígenas.

Por fim, um outro *blog* que pode ser destacado é o *blog* “Retomada Tupinambá”⁵⁹. O *blog* foi criado em 2010 e apresenta uma publicação importante sobre o movimento do povo Tupinambá na luta pela terra. O *blog* tem como apoio a Rede Índios *On-line*, conta com mais de 6.300 acessos e 47 seguidores. A figura 9, abaixo, é a página inicial desse *blog*.

⁵⁹ Disponível em: <<http://retomadatupinamba.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

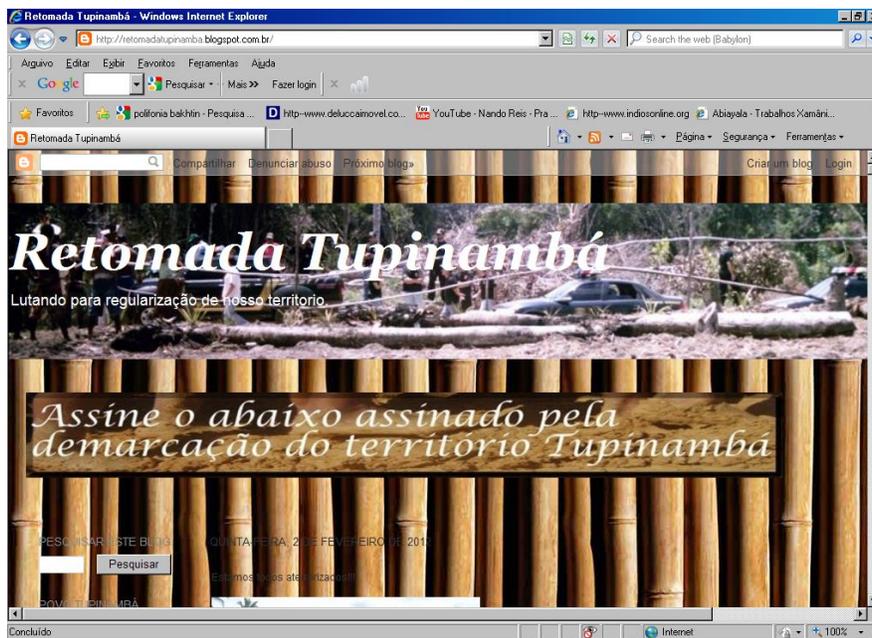


Figura 9: Página inicial do *blog* Retomada Tupinambá – abr. 2012.

O principal foco das publicações é o movimento em prol da demarcação da terra Tupinambá, sul da Bahia, mas apresenta também a história e as ações dos Tupinambá em prol dos direitos. As matérias são sempre relacionadas aos movimentos de resistência do povo.

Diante desses exemplos apresentados, é possível compreender que os diferentes *sites* (portais e *blogs*) das organizações indígenas constituem importantes espaços de postagem, que coloca em circulação na rede mundial de computadores os índios em suas ações e movimentos políticos. A disponibilização dos conteúdos ligados a direitos, ações e história das organizações, metas dos movimentos nos *sites*, em termos de circulação de sentidos, tem relevância, já que esses sujeitos são apresentados como organizados politicamente.

CAPÍTULO II

Novas condições de produção da escrita na era *ciber*: textualização e autoria em *blogs*

Abordar o tema da autoria, a partir da escrita indígena produzida no espaço eletrônico dos *blogs* pessoais, demanda tratar de várias questões complexas relacionadas aos sujeitos e às práticas de linguagem, tendo em vista as novas condições de produção do dizer da era *ciber*. Isso porque o uso das novas ferramentas de postagem e vários outros sistemas computacionais de produção de textos representam, para os sujeitos contemporâneos, novos espaços de se constituir sujeitos de linguagem, ou seja, se constituir autores.

De acordo com Orlandi (2009, p.62-63), “a linguagem digital, ou o discurso eletrônico [...] re-organiza a vida intelectual, redistribui os lugares de interpretação, desloca o funcionamento da autoria e a própria concepção de texto”. Nesse sentido, a autora afirma que,

no momento em que noções como as de globalização, de novas tecnologias de linguagem, de discurso eletrônico parecem tornar obsoleta a noção de texto é que proponho que se reflita sobre ela. Isso porque considero que, ao contrário do senso comum, que imagina que agora, enfim, nos libertamos do texto, a noção de texto deve ser objeto de toda nossa atenção pois é ela que está na base de todos esses desenvolvimentos. E das novas tecnologias da linguagem que são, por sua vez, novas/outras tecnologias da escrita. Saber como se elabora um texto é saber elaborar teoricamente as novas formulações que hoje se produzem. Novas formas de textualidade. Em novos contextos de realização, ou seja, como se diz em análise de discurso, novas condições de produção. [...] Por isso a noção de texto é a mais apropriada pois ela é justamente uma unidade a nível imaginário, aquele em que funcionam as injunções pragmáticas. A noção de texto – seja oral, seja escrito – traz junto a de formulação, a de versões (comentário), a de variação do/no dizer. E a de autor. (ORLANDI, 2001, p. 15-16).

Nesse caso, o texto é um objeto linguístico-histórico (ORLANDI, 2007), uma peça de linguagem significativa não fechada, incompleta que dá sentido às palavras. Para Orlandi (2001, p. 16-17), o texto é a unidade fundamental da linguagem, isto é, unidade imaginária que tem no autor sua pedra de toque, constituindo uma relação correlata com o discurso e o sujeito. Nesse sentido, “a organização do texto não expressa concepções de mundo, mas dá indícios de como o autor pratica significações” (ORLANDI, 2001, p. 12).

Compreender a constituição da autoria na rede, tomando como base a produção da escrita em suportes digitais, pode ser uma das formas para pensar as transformações da era *ciber*. Isso porque a compreensão da prática de textualização na rede ultrapassa o tratamento dos aspectos estruturais da linguagem e seus atuais suportes.

Diante disso, é possível questionar: O que as transformações dos suportes e das formas da escrita podem significar enquanto prática dos sujeitos na sua relação com a linguagem? De que maneira as novas condições de produção da escrita interferem na constituição da autoria? A partir de que funcionamento um *blog* pode ser considerado fundador de discursividade? Há nos *blogs* espaços para a produção de gestos de autoria?

2.1. A escrita e os novos processos de formulação na rede digital: o texto *on-line* na tela

Para entender o funcionamento da escrita em circulação nos novos espaços eletrônicos, cabe-nos retroceder na história, entendendo que esses ambientes e suportes digitais, embora mantenham o uso da escrita, proporcionam a esta um funcionamento singular. Nesse caso, o que merece ser destacado é a mudança na textualização e na circulação da escrita, que permanece com funções e formas diferentes.

Para Chartier (1998) o texto eletrônico é apresentado como uma revolução, mas, segundo ele, o livro já passou por outras revoluções tão

importantes quanto esta. Uma comparação que se faz, comumente, é entre a atual revolução eletrônica e a revolução de Gutenberg, em meados do século XV. A revolução de Gutenberg é a que, por volta da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão e, de repente, uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita” (CHARTIER, 1998, p. 7).

Na contemporaneidade, com o computador e a internet um fenômeno semelhante se processa. As mudanças na produção e circulação da linguagem são visíveis, embora não seja possível desconsiderar que nessas novas formas de produção de escrita muitas formas conhecidas permaneçam com outro funcionamento. Para esse autor (op. cit.), é necessário tratar o processo de mudança da produção escrita em ambiente eletrônico, sem desconsiderar que nesse processo há alguma forma de continuidade (CHARTIER, 2001, p. 149), tendo em vista o que a escrita sempre representou para a sociedade no decorrer dos tempos.

Para Mattar (2009), uma nova ruptura se estabelece na era da informática. A instabilidade da linguagem eletrônica substitui a estabilidade da linguagem escrita. Dos escribas passou-se aos *web-designers*, dos leitores, aos internautas. Para Mattar (op. cit., p. 36), a informação apresenta-se agora digitalizada e virtualizada, não mais restrita ao suporte de papel. Nesse sentido diz:

Do texto impresso passamos ao processador de textos; do livro impresso, ao livro eletrônico. Na sociedade escrita, o canal de transmissão das informações coincide com o seu local de registro: o livro; na sociedade informática, canal e local de armazenamento já não são necessariamente os mesmos: um texto eletrônico pode ser lido *on-line*, em uma tela de computador, estando armazenado virtualmente em outro computador. Se a sociedade escrita liberta a informação do tempo, a sociedade informática liberta a informação do seu suporte, ou seja, do espaço (MATTAR, op. cit., p. 36).

Nesse caso, na escrita produzida em suporte digital o espaço e o tempo são aspectos fundamentais de sua mudança. Mas além da mudança em relação

ao espaço e ao tempo, a forma do texto também mudou. Com relação à mudança material do texto, Chartier (op. cit. 145) acredita que, frente à oposição tela/imagem, livro/texto, aconteceram pelo menos duas mudanças: por um lado, se considera que o texto tem uma forma material que lhe dá forma de imagem e, por outro, que a recepção dos textos se transformou quando já não é leitura de um livro, mas leitura frente a uma tela. De acordo com Chartier (2001, p. 144) essa nova realidade “nos leva a revisar a fundo a oposição [...] que opunha o livro com texto à tela com imagem”.

Com o advento da rede eletrônica, o hipertexto⁶⁰ passa ser a denominação dada para uma gama imensa de textualizações produzidas com as ferramentas disponibilizadas pelo computador e uso da internet⁶¹. Conforme Lemos (2010), hoje a *Web* é um exemplo popular de hipertexto. Nessa parte multimídia da internet, o usuário pode navegar de informação em informação, de *site* em *site*, em tempo real⁶², através de interfaces (Lemos, 2010, p. 123)⁶³. O sujeito pode produzir suas postagens e publicá-las imediatamente na rede mundial, o que não era possível ser feito até algum tempo atrás, antes da popularização da internet. De acordo com Gallo (2011, p. 411), as novas mídias, com as quais estamos convivendo hoje, permitem uma grande e contínua circulação de textos por meio da internet. Assim, produzir linguagem nesse

⁶⁰ Os hipertextos, seja *on-line* (Web) ou *off-line* (CD-ROM), de acordo com Lemos (2010, p. 122) são informações textuais, combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não linear, [...] sob a forma de *links*. Os *links* funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. A hipertextualidade tem sido tema de vários estudos. Em grande parte deles os autores mostram a não linearidade, os *links* e os nós textuais como marcas hipertextuais, mas há estudos que mostram que o hipertexto faz parte de um modo específico de enunciação digital (XAVIER, 2002).

⁶¹ Para Solange Gallo (2011, p. 416), hoje, a rede internet constitui-se em um espaço privilegiado para a prática da ‘textualização’. Com isso não quer dizer que todo material que constitui a rede tem essa característica, mas pode-se afirmar que essa prática acontece de modo surpreendente.

⁶² Para Baudrillard (2002 apud DIAS, 2011, p 26), a expressão “tempo real” é uma ironia, pois o que se quer dizer é tempo virtual, na medida em que toda transmissão em “tempo real” não tem existência real para quem a assiste. “O virtual resgata o real em pé e o cospe tal qual, em prêt-à-porter”.

⁶³ Conforme Lemos (2010, p. 123), exemplos dessas interfaces são: os *browsers* como Netscape, Explorer ou o pioneiro Mosaic.

ambiente pode comportar uma publicação imediata, o que é determinante para a produção dos efeitos de sentidos.

Nesse caso, novos espaços de textualização dos discursos são abertos e, nessas textualizações, nova forma de autoria pode ser constituída. Pela convergência tecnológica, esferas da relação autor público são eliminadas, com o surgimento, por exemplo, de redes sociais com compartilhamento de arquivos (ABREU, 2009, p. 7). Nessa compreensão, o surgimento da *Web*, com suas ferramentas de publicação na rede, representa para a sociedade contemporânea mais do que apenas um avanço tecnológico e mecanismo usado para a produção de hipertextos. Isso porque a escritura possibilitada pela *Web* muda não só a relação dos sujeitos com a escrita e seus suportes, ela pode propiciar a criação de novas discursividades (GALLO, 2011), capaz de abarcar novas formas de autoria.

Ao agregar diferentes dispositivos de postagem, a web produz diferentes materialidades discursivas, promovendo outras formas de se constituir autor. “Novas formas de escrita/escritura/grafismo inauguram outras relações da escrita com o oral (escritorialidade/oratura). Diferentes formas de autoria em inesperados contextos de realização, em outras formas materiais antes não experimentadas” (ORLANDI, 2001, p. 65). Sendo assim, é possível entrever que o que se processa, a partir do desenvolvimento e popularização da internet, são diferentes jeitos de se constituir autor, sendo outros os rituais de legitimação da escrita⁶⁴.

2.2. A textualização em ambiente eletrônico

Numa perspectiva discursiva, o processo de produção do discurso implica três momentos igualmente relevantes: constituição, formulação e

⁶⁴ Segundo Orlandi (1999b, p. 18), “a escrita tem a autoria atestada. Ou seja, o efeito sujeito de estar na origem se dá tanto na escrita quanto na oralidade mas a escrita, como forma material da relação com o simbólico numa formação social como a nossa com suas leis, suas regras, suas Instituições (entre elas a Escola) marca a escrita profundamente na relação com a autoria, uma forma muito particular de autoria, aliás, em que a individualização e a responsabilidade (a assinatura, a forma material do texto) são cruciais para o mecanismo de seu funcionamento”.

circulação. A constituição do discurso é a dimensão vertical, ou seja, o interdiscurso, a memória, o saber discursivo. A formulação é a dimensão do eixo horizontal, linearização do dizer. E a circulação se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. De acordo com Orlandi (2001, p. 11), “todo dizer (intradiscurso, dimensão horizontal, formulação) se faz num ponto em que (se) atravessa o (do) interdiscurso (memória, dimensão vertical estratificada, constituição)”. A memória, nesse domínio de reflexão, é o *interdiscurso*, o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre a qual não se tem controle. Trata-se do que foi e é dito a respeito de um assunto qualquer, mas que, ao longo do uso já se esqueceu como foi dito, por quem e em que circunstância e que fica como um já-dito sobre o qual os nossos sentidos se constroem (ORLANDI, 2001). Para Orlandi (2001, p. 114), “o interdiscurso determina o intradiscurso, dando um estatuto preciso à relação entre constituição/formulação, caracterizando a relação entre memória e esquecimento”.

Mas pensar a linguagem em funcionamento nos novos espaços de postagem da rede digital, demanda tratar, além da memória discursiva, da memória metálica, que, segundo Orlandi (2010), é a memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico.

A possibilidade de *bate-papos* virtuais (*chat*), de troca de *e-mail* (mensagens eletrônicas), publicação em ambientes como *Twitter*, *Orkut*, *Facebook*, *Wikipédia*, *You Tube* e em *blogs* são alguns exemplos das novas condições de produção da escrita, que podem constituir acontecimentos discursivos de um jeito próprio de formular da internet. Conforme Solange Gallo (2011, p. 417) o *Orkut*, o *You Tube*, o *Facebook*, o *Twitter*, o *Google*, o *Skype*, etc. são espaços que podem fundar na/pela internet uma nova discursividade.

Nessas textualizações próprias da internet, de acordo com Gallo (2011, p. 418) os sujeitos são autores sustentados por esta memória metálica, ou seja, a memória produzida pelo arranjo (que tende ao infinito). Nesses processos discursivos permanentemente em curso uma quase indistinção entre o que é

Discurso da Escrita e o que é Discurso da Oralidade (GALLO, 2008) é produzida, sendo que o instantâneo pode ser o definitivo.

Nessa prática discursiva, as fronteiras entre o oral e o escrito são diluídas e uma nova forma de autoria se constitui em um processo no qual o sujeito se torna autor de seu texto de forma instantânea, fora das instituídas instâncias de legitimação do dizer. Para Orlandi (2001, p. 84) a organização da escrita nas novas tecnologias de linguagem pode ser tratada enquanto escritorialidade. Segundo Gallo (2011, p. 118), o discurso da ESCRITORALIDADE é um discurso sem margens estabilizadas, um discurso ele próprio desestabilizador, na medida que produz efeito de autoria sobre sujeitos não alinhados às conhecidas instâncias de poder, que são próprias dos processos discursivos identificados ao Discurso da Escrita. Assim, no caso da internet,

essa é uma autoria que não se sustenta na memória institucional. Ao contrário, no Discurso da ESCRITORALIDADE, a memória mobilizada na prática da “textualização” é a memória metálica, serial. Em função disso, multiplicam-se os autores, na medida em que se multiplicam os textos com efeito de unidade, de fechamento e de legitimidade, sem lastro institucional. Eles são tantos, que a própria autoria constitui-se, hoje, em uma categoria em causa. O que é ser autor na contemporaneidade?(GALLO, 2011, p. 418).

Nesse sentido, procuro compreender a autoria como efeito e função do sujeito nas circunstâncias determinadas de um *blog* pessoal, buscando entender o processo de inscrição do sujeito autor na memória discursiva, sem desconsiderar a relação dessa memória, interdiscurso, com a memória metálica, memória produzida pelas novas tecnologias de linguagem. Assim, tendo em vista que a prática de criação e manutenção de um *blog* supõe uma nova inscrição do sujeito no discurso da escrita, escritorialidade, proponho tratar da autoria do sujeito indígena considerando a noção de textualização nos *blogs*.

2.3. A autoria na rede: mudança histórica dos processos de legitimação do dizer

A autoria pode ser concebida de diferentes maneiras, dependendo da problematização que se coloca. Neste trabalho, busco compreender a autoria constituída a partir do surgimento de novas práticas de textualização própria da internet, entendendo que as ferramentas de postagens disponíveis na rede, além de poder propiciar a emergência de novas discursividades, proporcionam ao internauta uma maneira diferente de legitimação de seu dizer e, com isso, uma nova forma de se constituir autor na/pela rede.

Para alguns, a autoria está fortemente ameaçada com o desenvolvimento dos suportes digitais, podendo até mesmo desaparecer. Para Mattar (2009), a autoria está ameaçada com a impessoalidade cada vez maior na era da internet. A esse respeito afirma que a figura do autor, que se estabelece com a cultura do livro impresso, estaria sob ameaça com a multiplicidade de mídias na sociedade da informática. A automação do processador de texto teria tornado a comunicação impessoal; o autor não assina mais suas produções e o processador de textos remove o carimbo gráfico da personalidade. Para Mattar (op. cit. p. 40) “a individualidade, portanto, torna-se uma noção cada vez mais frágil na sociedade informática, englobada agora pela ideia de uma inteligência coletiva”.

Corroborando essa ideia, entretanto de forma mais enfática, Nazario (2005, p. 403) considera que o autor desaparece com a possibilidade de as obras circularem na rede em arquivos eletrônicos, podendo ser impressas pelo leitor na forma que este desejar.

Mas essas posições podem ser questionadas se a autoria for pensada numa perspectiva discursiva, enquanto efeito e função do sujeito que trabalha na contenção da dispersão de sentidos no texto, construindo imaginariamente a unidade. Para Orlandi (2009, p. 67):

a informatização, a prática da escrita de textos no computador, assim como os modos de ler, transforma efetivamente a relação do sujeito, do autor com a escrita e com o que é ler, em função da mudança da materialidade da memória (arquivo), algoritmizada,

nesse caso, e da relação com a exterioridade do dizer, mas isso não quer dizer que não haja produção de autoria.

Concordando com Orlandi e considerando que o sujeito autor não é o indivíduo empírico produtor de uma obra, compreendo que a autoria, com a mudança nos suportes, se modifica, mas não desaparece. Talvez aconteça o contrário, num espaço como a internet, onde, em princípio, tudo cabe, tudo circula, a origem dos dizeres adquire uma grande importância. Se o espaço, em princípio é aberto para a circulação de qualquer texto, de qualquer dizer, a autoria passa a ser um aspecto dos mais relevantes, já que o espaço da rede é político e os dizeres não têm o mesmo *status*.

Na internet, num aparente anonimato, cada texto traz as marcas formais de sua autoria, ou seja, sempre há um sujeito ou uma instituição que se coloca na origem dos sentidos. E essas marcas do sujeito na origem do dizer estão em toda parte nos textos que circulam, principalmente nas redes sociais. Em um *site* de venda aparece a empresa, em um *site* jornalístico, aparece o jornal, num *blog* pessoal aparece um determinado sujeito identificado de alguma forma, nas redes sociais tudo que se posta tem uma assinatura, embora, na maioria das vezes, seja pseudônimo.

Assim, com a necessidade de imputar a alguém a origem do dizer, as ferramentas de postagem, em grande parte dos casos, oferecem como dispositivo de entrada para a rede a identificação dos sujeitos. Ninguém entra para a internet sem deixar o seu cadastro, o seu perfil, ou seja, a marca de sua entrada e também a de seu percurso. Para se fazer parte de uma rede social, criar um *site*, um *blog* o sujeito primeiro precisa se cadastrar no servidor.

E a marca da imputação do dizer a alguém, em grande parte dos textos que circulam na rede, aparece decalcada na página como é o caso do *post* em um *blog*. Ou seja, o dizer sempre é imputado a um determinado sujeito, a uma empresa, a uma instituição, a uma organização, etc. Dessa forma, os

dizeres que circulam na internet não são tão aleatórios como parecem. Esse é um efeito ideológico da produção de sentidos na rede, ou seja, um equívoco⁶⁵.

A partir disso, tentando entender o que é ser autor na rede digital, parto da noção discursiva de autoria formulada por Orlandi (1999a, 2001, 2007) através de um deslocamento do conceito de função-autor de Foucault. Para Orlandi (2001), à diferença de Foucault, que liga a função-autor à obra, há função-autor desde que haja um sujeito que se coloca (imaginariamente) na origem do dizer, produzindo efeitos de unidade e fecho nas produções textuais. Nessa perspectiva, o texto pode ser considerado como uma “peça” no sentido de engrenagem, que tem um jogo que permite o trabalho da interpretação, do equívoco. Há um espaço simbólico aberto – possibilidade de o sujeito significar e se significar indefinidamente – que joga no modo como a discursividade se textualiza.

Nesse modo de pensar a relação do discurso com o texto, parte-se da variação para a unidade e não desta para aquela, sendo que é a variação que institui a textualidade, as margens (ORLANDI, 2001, p. 12). “Para alcançar o ineditismo da produção discursiva – cada texto é um texto – é preciso não nos iludirmos com o texto enquanto unidade empírica, mas pensá-lo como unidade imaginária, fazendo intervir na reflexão, a ideologia”. [...] É nessa conjuntura que entra em cena o texto. Não mais como unidade linguística disponível, preexistente, espontânea, naturalizada, mas o texto em sua forma material, como parte de um processo pelo qual se tem acesso indireto à discursividade.

Nessa compreensão, na prática da textualização, o sujeito constrói imaginariamente a unidade do texto e o efeito de unidade sempre mantém relação com a dispersão dos sentidos que o atravessam. De acordo com Gallo (2011, p.416), o texto em si é dispersão de sentidos e a função-autor é a dimensão de todo sujeito que trabalha permanentemente na contenção dessa dispersão.

⁶⁵ De acordo com Gadet; Pêcheux (2004, p. 64) “o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (lingüístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história”.

Pensando a autoria nessa perspectiva e tendo como exemplo algumas experiências, compreendo que as formas de autoria na internet, além de transformadas, poderão até ser ampliadas com as ferramentas e instrumentos como o *Wiki*, que possibilitam a autoria múltipla, coletiva. O *Wiki* é um instrumento de trabalho em rede, que pode ser usado de uma maneira aberta para que a obra seja produzida de forma compartilhada (CASTRO, 2008). Eduardo Viveiros de Castro desenvolve um Projeto⁶⁶ de produção coletiva de uma obra por meio da internet. A esse respeito diz: “A nossa idéia é de fato barrar as fronteiras entre os autores, produzir uma certa multiplicidade autoral” (CASTRO, 2008, p. 202).

Nessa direção de sentidos, considerando a autoria um efeito e uma função do sujeito, que constrói a unidade do texto, num processo de interpretação filiado a uma Formação Discursiva legitimada, mesmo que seja na produção de um texto escrito e publicado na rede, a autoria funciona, promovendo efeitos.

2.4. Os blogs: a emergência de uma discursividade específica da/na rede

Embora os *blogs* sejam enfocados, na maioria das vezes, como suporte e/ou ferramenta, sabe-se que são as práticas de linguagem a base de seu funcionamento e é nesse aspecto que reside o seu potencial na contemporaneidade. Para um sujeito que cria e mantém um *blog*, talvez o que menos importa é a sua função enquanto suporte, ferramenta, isto é, enquanto aparato tecnológico. Na escrita de um *blog*, o que está em jogo são as relações simbólicas, através das quais o sujeito se constitui mediado pelas ferramentas de postagem. Isso porque, de acordo com Orlandi, (2007, p. 28),

não há relação termo-a-termo entre as coisas e a linguagem. São ordens diferentes, a do mundo e a da linguagem. Incompatíveis em suas naturezas próprias. A possibilidade mesma da relação

⁶⁶ Site AmaZone. Disponível em: <http://amazone.wikia.com/wiki/Projeto_AmaZone>. O Projeto AmaZone usa uma ferramenta *Wiki*, que é um tipo de sítio *web* em que o conteúdo das páginas pode ser livremente modificado - acrescentado, cortado e editado, em tempo real, por qualquer pessoa que o acessar.

mundo-linguagem se assenta na ideologia. Por outro lado, pela noção de ideologia, pela ideia de prática e mediação, introduz-se a ideia da incompletude, da falha.

Numa perspectiva discursiva, a atualização e/ou os deslocamentos dos sentidos sempre são possíveis, porque a condição fundamental de funcionamento da linguagem é a incompletude. Para Orlandi (op. cit, p. 52) “Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento.” É, nesses termos dos deslocamentos de sentidos, que os *blogs* funcionam enquanto potencial na constituição de uma nova discursividade, ultrapassando os limites e as fronteiras do aparato tecnológico.

As discussões e os estudos sobre os *blogs* são inúmeros, entretanto os enfoques giram em torno dos aspectos estruturais, comunicacionais, funcionais e/ou pragmáticos, ficando a abordagem de viés discursivo quase inexistente. E, não considerando o ideológico, o político na linguagem, na maioria dessas abordagens, as discussões aparecem centradas nos aparatos técnicos, na comunicação e na interação, na ilusão da transparência da linguagem. Em grande parte dos casos, o discurso do desenvolvimento tecnológico, esvaziado do político e, centrado na noção da comunicação, nivela e/ou naturaliza as contradições da sociedade contemporânea.

O fato de as pessoas usarem o *blog* como ferramenta para colocar em circulação na rede os seus conteúdos muda a autoria e as relações entre autor e efeito-leitor (ORLANDI, 2010), todavia não garante que as pessoas, ao postar os seus conteúdos, produzam a polissemia (ORLANDI, 1999a) e/ou deslocamentos de sentidos. Pensando que um dizer sempre elege um sentido na cadeia parafrástica e que essa seleção é resultado da intervenção da ideologia e do político, a abertura dos espaços de dizer promovido pelo advento da internet, em especial os *blogs*, pode propiciar a produção polissêmica dos sentidos, mas esse processo não é direto, já que,

ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever fazer, que os fatos fazem sentido (ORLANDI, 1999a, p. 53).

Nesse caso, é importante observar como essa possibilidade de postagem na internet efetivamente é utilizada, já que não dá para afirmar que usando a internet o sujeito já esteja produzindo deslocamentos de sentidos. A internet também pode ser usada para reforçar sentidos cristalizados em circulação em diversos meios na sociedade.

Além do discurso homogeneizante presente em grande parte das definições recorrentes sobre a rede, a noção de “usuário” também precisa ser pensada porque nessa noção está em funcionamento um discurso de neutralidade da linguagem. Nesse caso, a noção genérica de “usuário”, em termos discursivos, precisa ser deslocada para a de sujeito, que se constitui e produz sentido a partir de uma posição, isto é, uma posição-sujeito constituída historicamente.

O blogueiro não é só um “usuário” da internet que agiria fora das determinações sócio-históricas, ideológicas e políticas. O homem é levado a interpretar e seu processo interpretativo faz parte de uma atividade simbólica (ORLANDI, 2010). Nesse caso, o internauta não é apenas um “usuário”, ele é um sujeito que ocupa uma posição a partir da qual produz o seu dizer, num constante gesto interpretativo. O sujeito é constituído a partir de uma tomada de posição para uma construção de sentido e essa construção de sentido se dá através de sua filiação a uma determinada formação discursiva⁶⁷. De acordo com Pêcheux (1995, p. 214),

os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeito de seu discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes. [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina. (grifo do autor)

⁶⁷ Para Pêcheux (1995, 160), formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...] determina *o que pode e deve ser dito*”.

Sendo assim, cada postagem que um sujeito faz na internet, em especial nos *blogs*, é uma situação diferente porque teclar, blogar são atividades de linguagem e, portanto, práticas simbólicas condicionadas pela ideologia, pelo político e pelas condições de produção.

Para analisar o funcionamento dos *blogs*, considero importante pensá-los não só como uma ferramenta de postagem na *Web* ou instrumento de socialização, mas como formato para múltiplas práticas e apropriações dos sujeitos no ciberespaço. E, pensar o sujeito nos *blogs* só é possível se for considerada a sua constituição imaginária, filiado a uma memória e afetado por condições de produção próprias do ambiente virtual.

Os *blogs*, na perspectiva que adoto, são espaços eletrônicos de formulação e circulação de discursos, nos quais o sujeito produz seus gestos de interpretação interpelado pela ideologia e inscrito em uma rede de formulação, sempre sofrendo as determinações histórico-sociais das instâncias que regulam a divisão dos sujeitos no ciberespaço. Para Baldini (2011, p. 62-63),

o imaginário está presente em todas as nossas relações, sejam elas virtuais ou não. Não se sai da ideologia porque se comprou um computador e, desse modo, as relações chamadas “virtuais” não escapam ao “jogo da memória”, já que todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)”. Longe de ser o “mundo livre”, que nos separa até de nossas amarras físicas, o ciberespaço está sobredeterminado pelas relações de força presentes numa dada formação social. Todavia, é evidente que tais relações assumem novas formas do espaço virtual e o dizer circula de maneiras inusitadas.”

Compreendo que um aspecto fundamental que pode possibilitar uma abordagem discursiva de um *blog* é considerar o político e o ideológico como fundamento das práticas de linguagem estabelecidas nesse espaço eletrônico. Para desenvolver uma reflexão sobre o político, tomo como referência as discussões de Guimarães (2002, p. 16) quando considera “o político como

fundamento das relações sociais, no que tem importância central a linguagem”.

Para esse autor (op. cit. p. 16):

O político, ou a política, é [...] caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) um (sic) divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Desse modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda [...] é que desse ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada.

No caso que analiso, o fato de o sujeito indígena se inserir no mundo da tecnologia, no espaço da interlocução em rede para produzir e fazer circular sentidos é uma situação política, na qual “os desiguais afirmam o seu pertencimento”. Com relação a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada, o sujeito, no lugar⁶⁸ de liderança indígena, a partir do espaço aberto pelo avanço tecnológico e popularização das ferramentas de postagem na *Web*, coloca em circulação os seus gestos de interpretação, que são gestos marcados por uma voz coletiva.

Para Orlandi (2007, p. 21-22), “o político é o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição”. O sujeito indígena, na função autor no *blog*, formula o seu dizer como liderança e porta-voz de uma coletividade, se significando, ao mesmo tempo, como parte desse coletivo. E nesse movimento, o sujeito indígena se subjetiva e se identifica enquanto parte de um processo de mudança de consequências produtivas.

E pensar esse funcionamento é importante por que, em grande parte dos casos, a “identidade indígena” a partir do discurso da colonização é quase sempre significada como estática. Ou seja, no discurso dominante em circulação,

⁶⁸ De acordo com Pêcheux (1997a, p. 82), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

o sujeito para ser índio precisaria manter certas características (estereotipadas), num funcionamento em que o fato de esses sujeitos se apropriarem de elementos de outras culturas os faria menos índios. E esses sentidos, que se filiam ao discurso da “colonização” (ORLANDI, 1993) circulam no imaginário social num funcionamento parafrástico⁶⁹ no decorrer dos tempos.

2.5. Dispositivo de postagem na *Web* em desenvolvimento e apropriações

Em termos técnicos, um *blog* é um programa padrão, disponibilizado, em grande parte dos casos, de forma gratuita⁷⁰ pelos portais de maior influência na rede⁷¹. A denominação *blog* é uma abreviatura da palavra *weblog*, diário da *Web*⁷². Segundo Marcuschi (2010, p.72), a expressão surgiu de duas palavras: *Web* (rede de computadores) e *log* (uma espécie de diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia). Para Orihuela (2007, p. 2).

os blogs são um meio originário da rede, possivelmente o primeiro meio nativo da *web*. De fato, considera-se que o primeiro blog tenha sido a página *What's new in '92*, publicada por Tim-Berners Lee a partir de janeiro de 1992 para divulgar as novidades do projeto *World Wide Web*.

Dentre os *softwares* que possibilitam a postagem de conteúdo na internet, o *blog* se destaca em termos de desenvolvimento e apropriações. O surgimento dos *blogs* faz parte do desenvolvimento inicial da *Web* escriturável, em meados dos anos 90, época que a internet começa a se popularizar. Nesse período surgem ferramentas para a construção de páginas pessoais. Com a

⁶⁹ Para Orlandi (1999a, p. 36), “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer”. Os sentidos de cultura estática é o que se mantém no discurso sobre os índios, mesmo com as mudanças na formulação.

⁷⁰ De acordo com Heine (2008, p. 151), o primeiro *software* gratuito foi criado pela empresa norte-americana *Pitas*, que deu lugar posteriormente a outros *software* tais como o Blogger, que se popularizou e tornou-se a base para a construção de páginas pessoais na internet.

⁷¹ Blogger, WordPress e outros.

⁷² Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

“segunda onda da *Web* escriturável”, que se iniciou por volta de 1999, o uso da internet aumentou, pois essa inovação trouxe mais velocidade para a publicação das páginas pessoais, possibilitando o envio de *e-mails*, dentre outras possibilidades.

Com o surgimento e aprimoramento dessas ferramentas, as pessoas passaram a poder postar virtualmente uma página na internet, atualizando-a facilmente, de acordo com os seus interesses e objetivos. Além disso, o dispositivo possibilita o arquivamento das informações e o direcionamento do visitante a diferentes espaços dentro e fora do *blog*, mediante *links*.

Esse tipo de *software* permite às pessoas com pouco conhecimento técnico (mesmo àquelas que não conheciam a linguagem HTML⁷³) construir páginas pessoais e atualizá-las constantemente. E essa possibilidade de atualização por pessoas sem conhecimento da linguagem de programação constitui uma das principais diferenças de um *blog* em relação a um outro tipo de *site*.

No que diz respeito a sua utilização, os *blogs* são páginas da *Web* usadas para diversos fins, por artistas, políticos, representantes de empresas, organizações comunitárias, organizações sociais, pessoas comuns, etc. Com relação aos temas, os *blogs* possibilitam uma variedade incalculável de usos e apropriações. Com relação a esse aspecto, Heine (2008, p. 152) afirma que:

há *blogs* de opinião que discutem assuntos diversos. *Blogs* de opinião estão mudando a forma de pesquisa na internet, sendo que dados técnicos sobre determinado assunto são encontrados em *sites* de empresas que provém conteúdos, e as entrevistas são encontrados nos *blogs*. Há os *blogs* políticos que objetivam discutir questões relacionadas à política, além de proporcionarem um espaço de participação dos internautas e os candidatos; os jornalísticos, nos quais são veiculadas notícias e reportagens de maneira independente, sem a censura das grandes empresas jornalísticas; os *blogs* educativos, destinados a propiciar um espaço para a construção do conhecimento e veiculação de

⁷³ HTML, conforme Heine (2008, p. 151), é uma sigla do termo *Hiper Text Markup Language*; é uma das linguagens utilizadas para desenvolver páginas na internet; existem outras linguagens mais avançadas, porém, a maioria dos *sites* é produzida e funciona em linguagem HTML.

conteúdos e textos ligados às diferentes disciplinas abordadas em sala de aula; os fotologs que são espécies de álbum nos quais são postadas fotos digitais acompanhadas de legendas, e os blogs pessoais.

Na tentativa de explicar o número cada vez maior de temas abordados nessa ferramenta de postagem, Orihuela (2007, p.2) afirma que a profusão de temas tratados nos *blogs* se deve ao fato de “ser uma publicação *on-line* centralizada no usuário e nos conteúdos, e não na programação e no *design* gráfico”. Sendo assim, para Orihuela (*op. cit*, p. 2), “os *blogs* multiplicam o leque de opções dos internautas de levar para a rede conteúdos próprios sem intermediários”.

Considerando o formato e a função inicial do dispositivo, muitos estudos classificam os *blogs* como diários ou estabelecem relação destes com o diário, em alguns casos, diários íntimos. A definição de diário pode estar relacionada ao formato da página, mas atualmente sabe-se que esse dispositivo se configura em muitas formas. Nessa direção, a abordagem dos *blogs* enquanto diário virtual, embora seja bastante recorrente, não contempla o potencial que a ferramenta proporciona, em relação à possibilidade de textualização e circulação de discursos. Nesse sentido, Penteado et al. (2009 p. 135) afirmam que, “surgidos no formato de diários *on-line* com relatos pessoais, os *blogs* tomaram novas feições e potencialidades com ambientes para a postagem de notícias, para a emissão de críticas, opiniões”. Nessa direção, os *blogs* assumiram diversos formatos, diferentes de suas formas originais, o que suscita uma série de discussões e debates sobre o que seria um *blog*.

Hoje em dia, os *blogs*, embora mantenham algumas características de diário, não podem ser apenas assim classificados, tendo em vista a multiplicidade de apropriações e usos desse formato de postagem. Para Oliveira (2006, p. 175),

[...] o grande diferencial do *blog* em relação ao diário íntimo é exatamente o acontecimento discursivo do comentário, e, ainda, que o comentário é a regularidade do *blog* e a marca da diferença em relação ao diário íntimo. É o espaço no qual fica assegurado

que o que é escrito ali é lido. Regularidade essa que se opõe ao atributo mais intrínseco do diário íntimo, ou seja, o íntimo, o recôndito, o pessoal, o privado, em tese, tudo que não deve ser lido.

Sem discordar desse posicionamento de Oliveira (2006), mas buscando alargar essa compreensão, entendo que a diferença entre um diário e um *blog* não se limita ao comentário, ela também se mostra na lista de seguidores e no número de acessos. Com base nos *blogs* de autores indígenas em análise, é possível dizer que o que diferencia um *blog* de um diário íntimo é o próprio acontecimento discursivo da escrita, textualização *on-line*, tendo em vista as novas configurações do tempo e do espaço da rede digital e sua utilização.

Assim, embora constatando a relevância do comentário na escrita dos *blogs*, considero que o mais importante é compreender os efeitos de sentido que a relação estabelecida com o outro imaginário (efeito-leitor) produz, na formulação dos discursos produzidos em ambiente eletrônico. E esses efeitos podem ser compreendidos discursivamente a partir do processo da textualização, no qual se destaca o funcionamento da autoria.

Nesse caso, o *blog* pode ser um diário, um espaço para falar de moda, de culinária, de arte, de cultura, etc., assim como pode ser também um espaço político de reivindicações várias. Nessa direção de sentidos, um *blog* pode ser um diário *on-line*, mas nem todos os *blogs* são diários, como alguns estudos postulam.

No tocante ao aspecto da socialização *on-line*, os *blogs* podem ser caracterizados como espaços virtuais de textualização na rede eletrônica que surgem e se desenvolvem, comportando uma enorme variação, o que é próprio dos espaços virtuais. Nessa perspectiva, os *blogs* são espaços para a postagem de diferentes conteúdos pessoais ou não, por parte de indivíduos ou grupos. Nessa direção, para Amaral et al. (2009, p. 32), os *blogs* podem ser compreendidos como artefatos culturais, uma vez que são “o repertório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço”.

Dentre as possibilidades de postagem da *Web*, o *blog* é um dispositivo importante para os índios, já que proporciona novas práticas de linguagem. Para vários povos indígenas, os *blogs* são mecanismos que possibilitam a publicação de diferentes conteúdos referentes às suas culturas, mas é, acima de tudo, um lugar de posicionamento político e de produção de gestos de interpretação, isto é, de gestos de autoria, como será visto no último capítulo.

2.6. Os *blogs* e a textualização *on-line*

O foco da discussão sobre autoria na rede, numa perspectiva discursiva, é a formulação (textualização), embora a constituição e a circulação dos discursos também sejam tratadas de forma indissociável. Para Orlandi (2001, p. 10), a formulação “é o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material ao dizer instaurando o texto”. É compreendido, nessa perspectiva, que o acontecimento⁷⁴ dá contorno material ao dizer nos *blogs*, instaurando o texto na página digital, que é produzido pela formulação. Isso, considerando que a formulação se faz materialmente pela colocação do discurso em texto, pela textualização⁷⁵. A esse respeito Orlandi (2001, p. 87) afirma que:

A formulação da linguagem em texto – textualização – faz-se “às expensas” da relação com o interdiscurso que, por si, é irrepresentável. A formulação dá corpo aos sentidos, dá-se corpo em palavras; nesse processo entra o imaginário, a ideologia, de modo central (gesto de interpretação). Nesse imaginário está inscrita a domesticação da dispersão real dos sentidos (e dos sujeitos) que “inunda” todo texto pela invasão de sentidos das diferentes discursividades que o atravessam.

⁷⁴ De acordo com Pêcheux (1997c), o acontecimento discursivo é o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória.

⁷⁵ A textualização para Gallo (2011, p. 415) é definida como sendo “uma prática de fixação, de ‘escrituração’ de um fragmento. Nessa perspectiva não se tem jamais um texto em si (como objeto). O que se tem é um fragmento determinado, estabilizado, resultado de um trabalho, um funcionamento: a prática de sua produção”.

Nessa compreensão, analisar o discurso *dos blogs* partindo do processo de textualização, pressupõe relacionar a materialidade significativa com o histórico que fala antes na memória discursiva, compreendendo o papel da ideologia e os efeitos de sentidos produzidos pela composição gráfica, imagética e outras materialidades que significam nas múltiplas possibilidades de entradas e saídas no/do texto, em movimento na tela.

Em relação à natureza dispersa e movente da formulação *on-line*, é possível dizer que, apesar de o texto eletrônico oferecer uma gama ilimitada de possibilidade de entradas, saídas e percursos na navegação, um *blog* possui uma página inicial a partir da qual as outras se desdobram por meio de *links*. Nessa página, diferentes linguagens e materialidades significantes se imbricam na constituição dos sentidos. Tanto na página inicial, quanto nos *posts*, os *links* são dispositivos que dão especificidade ao texto na página digital, ou seja, ao hipertexto. É através dos *links* que o texto de uma página digital se desdobra em outras e outras, formando uma espécie de teia, a rede.

De acordo com Xavier (2009, p. 192 - 193), um *link* é um elo digital, que pode ser definido sob dois aspectos complementares: dispositivo técnico-informático e mecanismo de referência digital. Enquanto dispositivo técnico-informático, dá visibilidade e viabilidade ao hipertexto na rede e, como mecanismo de referência digital, aponta virtualmente para uma certa direção, pontecendo dizeres diversos na malha digital.

Em termos discursivos, um *link* pode ser compreendido como um dispositivo de formulação do discurso que materializa a relação entre discursos na rede digital, produzindo efeitos de sentidos. A possibilidade de uso de *links* num *blog*, de acordo com Komesu (2005, p. 99) faz parte da sua própria definição. Para Komesu (op. cit.) o *blog* é,

uma página *web*, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais, colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos)

e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um *link* e sua publicação na *web*.

Na história do *blog*, o uso dos *links* foi o aspecto que marcou a especificidade desse tipo de postagem. Para Orihuela (2007, p. 2), “Embora mais tarde tenham ficado parecidos com diários pessoais, inicialmente a base dos blogs foi o *link*: *links* com um breve comentário, um registro (log) da navegação na *web*”.

Um *link*, enquanto mecanismo de indicação e ligação, desempenha um papel fundamental na construção da rede (de sentidos) e na formulação dos discursos. Nos *blogs*, por ser um mecanismo de formulação do texto, o *link* é um elemento a partir do qual sujeito autor formula interpretação, já que a autoria num *blog* também se constitui através dos gestos de interpretação do sujeito na organização dos *links* no texto. É a partir de uma filiação de sentidos (de memória) que o sujeito, formula suas lincagens, direcionando o dizer para dentro e para fora de seu *blog*.

2.6.1. A relação entre o verbal e não-verbal: a imbricação material significativa

A textualidade em um *blog*, embora mantenha predominância da escrita, é constituída de diversas materialidades significantes (textos escritos, gravuras, fotos, vídeos, mapas, etc.), sendo isto uma particularidade importante na produção de sentidos. De acordo com Marcuschi (2010, p. 22), um “fato inconteste é que a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som”. Mas vale ressaltar que a integração de recursos como imagem e som no processo da escrita na internet vão além de um mero acréscimo de linguagem não-verbal.

Na internet, a escrita aliada a todas as outras materialidades significantes tem importância na constituição dos efeitos de sentidos. Nesse caso, as diferentes materialidades, mais do que uma soma, funcionam pela imbricação material, que, segundo Lagazzi (2011), é o funcionamento da intersecção de

diferentes materialidades significantes uma no entremeio da outra. Para essa autora (op. cit, p. 402), nas análises com diferentes materialidades é importante que o analista mobilize as diferenças materiais, sem que as especificidades de cada materialidade signficante sejam desconsideradas, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra pela contradição. Nesse sentido, “importa a materialidade signficante nas relações que ela permite, no modo pelo qual ela propicia a ancoragem simbólica do sujeito em seus processos de signficção” (LAGAZZI, 2011, p. 401).

Nos *blogs*, a escrita, a animação, o vídeo, a fotografia, a gravura são materialidades significantes que tem cada qual o seu papel na formulação e na construção dos sentidos, mas não são apenas acréscimos um do outro. Essa é uma especificidade da relação entre o verbal e o não-verbal propiciada pelas novas ferramentas de postagem.

2.7. A configuração da ferramenta e a relação autor/leitor nos blogs

O formato textual de um *blog* se constitui pela variabilidade, embora não deixe de apresentar alguns elementos essenciais (perfil do autor, lista de *links*, *posts* com espaço para comentários, etc.). Em termos de *designer* e formatação, as opções são muitas, dependendo do sistema de criação⁷⁶. Nessa direção interpretativa, um *blog* pode ser compreendido como um grande texto, composto por diferentes partes, que se estrutura por elementos de três níveis de produção. Um nível, composto pelo próprio programa (não acessível ao blogueiro), outro, pela configuração do blogueiro e, outro, pela produção diária do autor, os *posts*. Nesse caso, num *post* em circulação em um *blog* aparecem elementos automáticos do próprio *software*, a data, elemento da configuração, a autoria “postado por” e os textos, propriamente ditos (*posts*), produzidos a partir de diferentes materialidades significantes, linguagem verbal e/ou não-verbal.

⁷⁶ Os *blogs* criados pelo sistema *Blogger* (*blogspot*) são mais simples de operar, mas oferecem menos recursos. Os *blogs* criados pelo sistema *WordPress* oferecem mais recursos, mas são complexos em termos de criação e manutenção.

O que é importante destacar é que um *blog*, embora mantenha alguns aspectos formais que o caracterizam em relação a sua função enquanto práticas de linguagem, é um tipo de espaço de postagem personalizado. Cada autor compõe o seu *blog*, dando a ele um formato específico. E esse processo de formular faz parte de um complexo jogo imaginário: a imagem que o autor tem de si, do interlocutor, do objeto do discurso e do próprio espaço de postagem.

Nesse sentido, embora o programa ofereça limites de formatação, o autor compõe o seu *blog* na ilusão de ser a origem do sentido, sendo as opções parte do processo ideológico da interpelação do indivíduo em sujeito, o qual fornece e impõe a evidência dos sentidos. Isso porque ao optar por um ou outro elemento, o sujeito o faz a partir de uma interpretação. No processo de composição da configuração ou da produção dos *posts*, o sujeito interpreta a partir de uma posição-sujeito, filiando o seu dizer a uma determinada formação discursiva.

Com esse funcionamento, o sujeito compõe o seu *blog* sob o efeito imaginário de ser o administrador do espaço, ou seja, ele é o autor não só dos *posts*, mas também da composição (formatação) do *blog*. Nesse caso, a autoria toma uma dimensão não conhecida, não experimentada, isto é, com esse espaço de postagem, é possível que um sujeito, além de legitimar o seu dizer através das postagens, legitima também uma forma de compor o espaço de postagem.

A partir dessa compreensão, é possível dizer que a autoria em um *blog* é um componente de seu funcionamento e se desdobra na possibilidade do comentário. No *blog* a interlocução se faz via postagens de um autor e comentários de um leitor, por um dispositivo que pressupõe atribuições diferentes aos sujeitos. Ao autor, além das postagens, cabe configurar o programa, escolhendo entre possibilidades dadas, o formato e o *design* da página. A ele também é atribuída a função de decidir sobre a produção de conteúdos e as interferências externas. Aos leitores cabe a produção dos comentários, mas se adequando ao espaço moderado.

Nesse caso, o interlocutor pode se tornar autor de um comentário, mas a autoria deste não tem o mesmo *status* da autoria do *post*. Isso porque, no *blog*, de acordo com o funcionamento da própria ferramenta tecnológica, ao internauta fica restrita a função de comentar um assunto exposto, postado.

Em relação ao comentário, o autor tem várias possibilidades de configuração. Ele decide quem pode comentar e se quer moderar ou não os comentários. Apresento na figura 10, abaixo, um exemplo de configuração do comentário no *blog*⁷⁷ Diversidade indígena na rede⁷⁸.

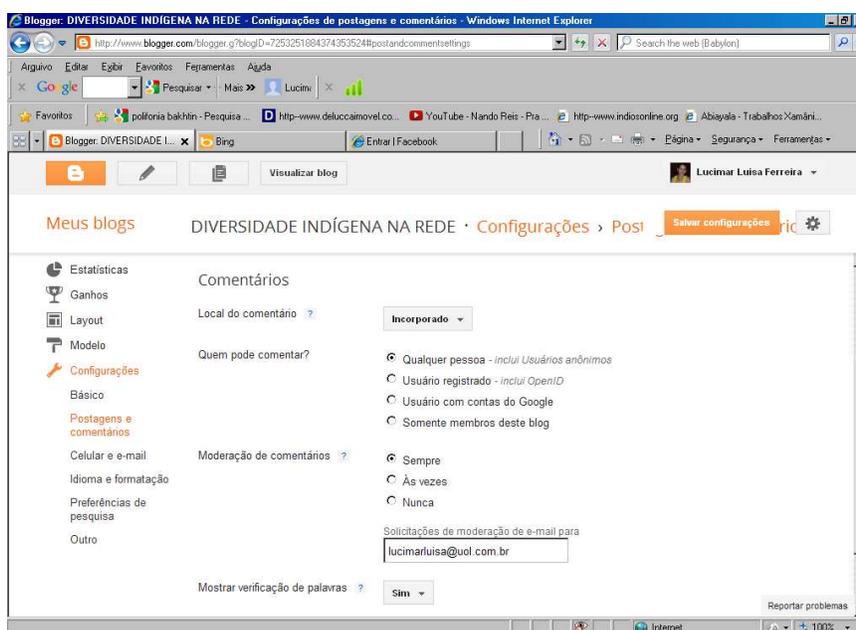


Figura 10: Configuração do comentário no *blog* Diversidade indígena na rede.

Pelo que é possível observar, o comentário em um *blog* circula determinado (comandado) pela moderação exercida pelo autor. Dessa forma, por mais que o *blog* se configure como espaço de dizeres heterogêneos (ROMÃO; MOREIRA, 2008), as vozes não tem o mesmo *status*, já que o autor manuseia a ferramenta, tendo acesso a itens de configuração que o leitor não tem.

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7253251884374353524#basicsettings>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

⁷⁸ Essa é a página de configuração do *blog* Diversidade indígena na rede. Apresento como exemplo essa página do meu *blog* pessoal, porque só o autor tem acesso à configuração de um *blog*.

A partir desse funcionamento, é necessário dizer que, em um *blog*, embora o interlocutor possa também colocar em circulação determinados sentidos, através de seus comentários, a posição do autor em relação à do leitor pode ser considerada hierárquica. Isso porque, num *blog*, há para o autor um poder de controle legitimado, cabendo a este estabelecer o que pode o que não deve ser postado como comentário. Esse funcionamento do *blog* centrado na autoria pode ser relacionado com a perspectiva de Foucault (2001, p. 24-25) quando trata da relação entre obra e comentário. De acordo com Foucault (op. cit), entre o primeiro e o segundo texto há um “desnível”. A respeito disso, afirma que o comentário:

Por um lado permite construir (e indefinidamente) novos discursos [...]. Mas, por outro lado, o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no *texto primeiro*. [...]. O comentário conjura o caso do discurso fazendo-lhe sua parte; permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado (FOUCAULT, op. cit, p. 25-26). (grifo do autor)

Mas, embora o comentário no *blog* possa ser pensado a partir da perspectiva de Foucault (2001), numa compreensão teórica discursiva, poderia dizer que há nesse funcionamento uma relação com o que Pêcheux (1997b, p. 58) chama de divisão social do trabalho de leitura. Nessa divisão, “a alguns, é dado o direito de produzir leituras originais, logo ‘interpretações’ e, a outros, a tarefa subalterna de preparar e de sustentar as ditas interpretações”. O *blog* é uma ferramenta de postagem criada para funcionar a partir dessa concepção de leitura. Ao leitor cabe comentar o que o autor apresenta, mas como o autor do *blog* pode moderar o comentário (ler antes de publicar, ocultar, excluir, etc.), a interpretação do comentário aparece subordinada à interpretação do blogueiro autor. Assim, por mais que o *blog* seja um espaço aberto para o diálogo, esse diálogo é estabelecido a partir das relações hierarquizadas de poder.

Esse é um exemplo de que nos ambientes virtuais as relações de poder continuam em funcionamento. Seja no *blog* ou em qualquer outro ambiente da internet, o político fundamenta as relações e as práticas de linguagem. Nesse sentido, mais que o efeito de fim, de fecho, acabamento na produção das postagens, a autoria num *blog* é uma função do sujeito, que produz *posts*, configura a ferramenta, regulando o espaço de postagem. E este é um processo interpretativo e político. Isso porque na textualização dos *posts* e na configuração do *software* há sempre um sujeito que interpreta a partir de uma posição, se colocando na origem dos sentidos e se responsabilizando pelo que posta e faz circular na rede.

Dessa forma, o *blog* pode ser compreendido enquanto espaço legitimado de dizer, no qual os sujeitos são hierarquizados, no papel de autor e leitor. Embora o *blog* seja espaço de discursos heterogêneos, que possibilita o acolhimento da alteridade, as diferentes vozes não têm o mesmo *status* no funcionamento dos discursos. Isso porque a própria plataforma hierarquiza os sujeitos que a utilizam. O sujeito blogueiro ao postar um texto num *blog* o faz a partir de uma posição de autoria, com as determinações que essa função abarca na sociedade contemporânea.

2.8. O *blog* como espaço de constituição de autoria

Representando as novas configurações da escrita na rede, o *blog* é, como já foi visto, um espaço no qual a autoria pode ser constituída. De acordo com Orlandi (2001) os gestos de autoria são fundados nos efeitos de fim e de fechamento, ou seja, na ilusão da completude e da unidade. Nesse caso, embora a rede seja espaço de heterogeneidade, fluidez e transbordamento dos sentidos, no *blog*, o sujeito, na função-autor, constrói bordas imaginárias e cria fechos para o seu dizer, para o seu texto. Nessa perspectiva, embora ainda pouco discutida, a autoria num *blog* é um aspecto relevante que constitui o seu funcionamento.

Para Orihuela (2007), o *blog* é um formato com autoria centralizada. Para explicar essa definição de autoria, o autor traça um paralelo entre um *blog* e um fórum de discussão, mostrando, assim, as suas diferenças. Para Orihuela (op. cit., p. 5):

O blog é um meio com autoria centralizada, enquanto o fórum tem autoria dispersa; o blog se estrutura cronologicamente, já um fórum se estrutura tematicamente; o blog gera uma comunidade para fora (blogosfera) mediante links de entrada (referers e trackbacks) e saída (links dos posts e blogroll) ao passo que o fórum gera uma comunidade para dentro.

Partindo dessa compreensão, é possível observar que o sujeito na textualização em um *blog* é levado a dizer e a se mostrar na origem do dito, construindo a unidade do texto, num movimento de relação com o leitor. A possibilidade de os leitores *on-line* comentarem os *posts* dá à escrita no *blog* uma especificidade no que diz respeito à antecipação de sentidos.

Uma das mudanças fundamentais que o computador possibilita é a relação dos sujeitos de linguagem a partir de novas configurações de tempo e espaço (Dias, 2004). Nessa direção, para compreender a autoria produzida num *blog* é necessário entender como a relação entre temporalidade e a especificidade é significada no processo de construção dos efeitos de unidade e de fecho. Ou seja, compreender como o espaço de circulação e a atualidade (instantaneidade) do dizer participam da construção dos efeitos de sentidos nessa nova maneira de formular na rede. Isso porque a construção dos efeitos de sentidos, num *blog*, tem relação direta com as condições espaço-temporais de produção da escrita, sem desconsiderar o movimento de antecipação de sentidos.

2.8.1. Transitoriedade e legitimidade do dizer na materialidade digital

A partir do que venho discutindo, nos *blogs*, a construção do efeito de fecho e unidade nas postagens aparece atravessado pelo efeito de transitoriedade das postagens, sendo este um aspecto que interfere na

constituição da autoria. De acordo com Gallo (2008, p. 85), um ‘texto’ circula com marcas de um ‘evento’, que o torna texto e não fragmento. Num *blog*, seja ele criado a partir do Blogger, WordPress ou qualquer outro sistema, a autoria é estabelecida na configuração e a partir daí, a cada postagem feita, ela é mostrada na materialidade significativa.

No processo de configuração, os autores do *blog* são apresentados. Tendo sido configurada, a autoria aparece como timbre na página de cada nova postagem. Na figura 11, abaixo, apresento um exemplo desse processo de configuração da autoria no *blog* Diversidade indígena na rede⁷⁹.

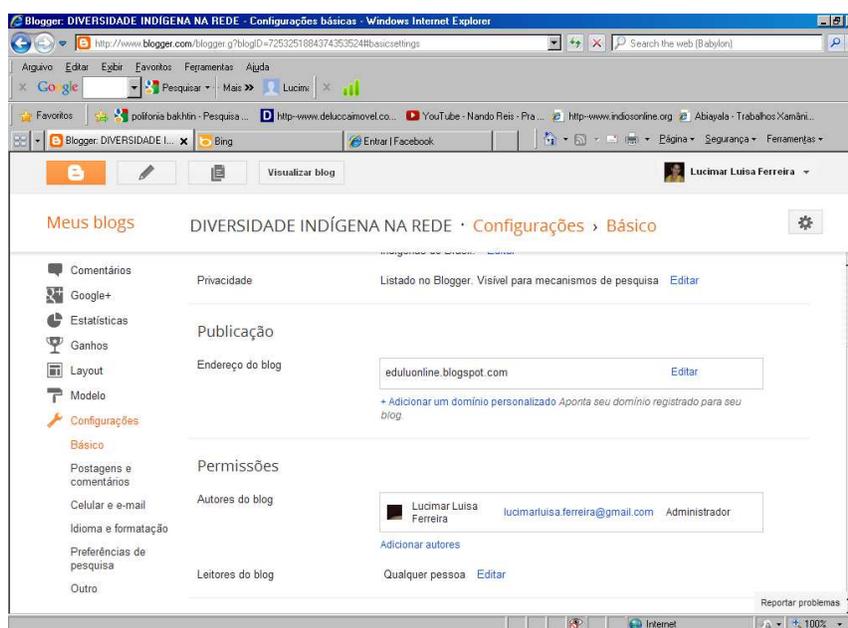


Figura 11: Configuração da autoria no *blog* Diversidade indígena na rede.

E o timbre da autoria, aparece acompanhado da data de postagem, que é estabelecida pelo próprio programa⁸⁰. Na construção dos *posts*, esse timbre funciona imputando a um sujeito a origem e a responsabilidade do dizer que circula, ou seja, o decalque produz o efeito de autoria daquele determinado

⁷⁹Disponível em: <<http://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7253251884374353524#basicsettings>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

⁸⁰ Com relação à data e horário de postagem, o autor pode configurar apenas o formato.

texto colocado em circulação no *blog*. Apresento um exemplo da postagem com autoria e data, em um *post* do *blog* *Nodanakaroda*⁸¹, figura 12.



Figura 12: Data e autoria em um *post* do *blog* *Nodanakaroda*.

Com a sequência “publicado por benjamimray”, antecedida pela data “MAR 7” o *post* é atribuído a um sujeito autor, que tem o *blog* como um espaço de publicação instantânea. Assim, a data “MAR 7” e a sequência “Publicado por benjamimray” produz um efeito de localização do *post*, imputando ao dito uma origem, uma autoria. A data localiza a postagem no tempo⁸², mas pela repetição a cada nova postagem, ela também localiza o dizer no espaço da página digital. Nesse funcionamento, mesmo que a rolagem da página seja feita, a cada reaparição da autoria e da data decalcadas, é possível fazer a demarcação do *post* em relação ao outro. No movimento da rolagem da página, vários *posts* vão

⁸¹ Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em: 20 maio 2012.

⁸² Conforme Komesu (2010, p. 142), as marcações do dia e da hora exata do evento textual, indicadas de modo automático pelo programa, apontam para um duplo caráter na atividade de reformulação dessa escrita. Ao mesmo tempo que o texto do *blog* é *eternizado* porque materializado pelos suportes (da escrita, da internet), ele é, também, extremamente *fugaz*, porque é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação.

sendo encontrados, presença de um dizer, marcado temporalmente, e que já ficou em arquivo⁸³.

Assim, a autoria é reafirmada a cada nova postagem, com a marca temporal que determina um tempo cronológico. Nessa perspectiva, a data, num *post*, é um recurso essencial, que gera um efeito de localização e demarcação do tempo e do espaço, compondo uma atualidade para o dizer imputado a um sujeito. Além disso, a data funciona na organização do arquivo, cujas postagens mais recentes aparecem primeiro.

Nesse caso, a imputação de uma origem e localização no tempo e no espaço digital aparece na materialidade do dito. Os textos dos *posts* aparecem textualizados em dois níveis: um nível relativamente estabilizado, data e autoria, parte do programa e produto da configuração, que aparece automaticamente a cada nova postagem e, outro, pela produção textual diária (apresentada na ordem inversa), isto é, as postagens, que tem no clique “publicar postagem” o seu principal efeito de fecho. Esse efeito será discutido no quarto capítulo.

2.9. Os *blogs* de autores indígenas: o corpus da pesquisa

Na Análise do Discurso não se trabalha com um *corpus* construído a *priori*, pois a seleção dos materiais para a composição do *corpus* já faz parte da análise. Nesse caso, a seleção dos materiais (nos *blogs*) já constitui um dos movimentos da prática analítica. Considerando a definição de discurso como ‘regularidade de uma prática’, “trata-se de pesquisar as regras de sua organização interna e as regras de sua articulação às outras práticas discursivas e às práticas não-discursivas” (MALDIDIER, 1997). Nessa perspectiva, conforme Zoppi-Fontana (2005, p. 95):

o *corpus* responde, assim, aos objetivos de análise e às perguntas formuladas em relação a uma questão, acompanhando, na sua constituição, os diversos momentos da pesquisa, razão pela qual

⁸³ O arquivo é compreendido, conforme Pêcheux (1997b, p.57), no sentido amplo de “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”.

podemos afirmar que a organização e recorte dos materiais a serem analisados reflete o estado atual do processo de análise e não um momento prévio a qualquer manipulação analítica.

Partindo dessa compreensão, para compor o *corpus*⁸⁴ da pesquisa, foram selecionados quatro *blogs* pessoais de autores indígenas, acessados em diferentes momentos nos anos de 2010, 2011 e 2012. Para a seleção, o procedimento de busca dos *blogs* foi, inicialmente, pelo browser *Google* e, depois, através de *links* encontrados em *blogs* acessados, tendo como critérios de escolha, o fato de eles serem de autoria indígena e terem maior tempo de criação e maior número de postagens.

BLOGS DE AUTORES INDÍGENAS	ENDEREÇOS
Blog Baniwaonline	http://baniwaonline.wordpress.com/
Blog M. Marcos Terena	http://www.marcosterena.blogspot.com/
Blog <i>Nodanakaroda</i>	http://rbaniwa.wordpress.com/
Blog Gasodá Surui	http://gasodasurui.blogspot.com/

Figura 13: Quadro com títulos e endereços eletrônicos dos *blogs* analisados.

Os quatro *blogs* selecionados para compor o *corpus* da pesquisa são criados a partir de dois programas ou plataformas gratuitos: *WordPress*⁸⁵

⁸⁴ Em análise de discurso, de acordo com Orlandi (1999a, p. 62-63), “a delimitação do corpus não segue critérios empíricos (positivistas) mas teóricos. [...] A exaustividade almejada – que chamamos vertical – deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática. Essa exaustividade vertical, em profundidade, leva a conseqüências teóricas relevantes e não trata os ‘dados’ como meras ilustrações. Trata de ‘fatos’ da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva.”

⁸⁵ WordPress é aplicativo de sistema de gerenciamento de conteúdo para a web, especialmente para a criação de blogs. O WordPress foi criado a partir do já desaparecido b2/cafelog e é hoje, junto com o Movable Type, o mais popular na criação de weblogs. As causas do seu rápido crescimento são, entre outras, seu tipo de licença (de código aberto), sua facilidade de uso e suas características como gerenciador de conteúdos. É distribuído sob a GNU general Public License, sendo gratuito. (Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>>. Acesso em: 03 jan. 2012).

(Baniwaonline e *Nodanakaroda*) e *Blogger*⁸⁶ (M. Marco Terrena e Gasodá Suruí). Esses *blogs* são de livre acesso, isto é, qualquer internauta pode se tornar o seu leitor sem o uso de senha.

Em relação à classificação, os quatro *blogs*, embora possam ser considerados pessoais, pois têm um sujeito individual que representa a sua autoria, não são voltados para o registro de assuntos de cunho intimista e/ou pessoal.

O *blog* Baniwaonline, criado em junho de 2008, tem uma publicação variada sobre cultura, educação, saúde, meio ambiente, direitos indígenas, encontros e participação em eventos do povo Baniwa. As postagens nesse *blog* não são diárias, mas mantêm uma regularidade no decorrer do tempo desde a sua criação em 2008. A grande maioria dos *posts* nesse *blog* são citações de leis, documentos, matérias que já foram publicadas em outros meios. As postagens tratam de assuntos relevantes em termos de política indígena, mas recebem poucos comentários.

Um aspecto relevante para ser observado nesse *blog* é a lista de links, que promove um movimento de dentro para fora e de fora para dentro. Além dos *links* nas publicações que remetem a fontes e a outras informações complementares; a lista de *links* remete para *sites* diversos que tratam de questões ambientais, educacionais, artísticas, recursos públicos e uso da internet nas aldeias, etc. Produz um efeito de sentido de destaque na ligação entre diferentes instituições que tem interesses e preocupações voltadas para as questões indígenas atuais.

Esse *blog* não possui seguidores, mas conta com quase seis mil acessos⁸⁷. A maioria dos acessos é do Brasil, mas também já foi acessado dos Estados Unidos, Portugal, França, México, Colômbia, Nigéria, Peru, entre outros.

⁸⁶ Blogger é serviço do Google, que oferece ferramentas para edição e gerenciamento de blogs, semelhantemente ao WordPress. O Blogger permite a hospedagem de um número ilimitado de blogs nos servidores do Google, que adotam o endereço *.blogspot.com*. (Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>>. Acesso em: 03 jan. 2012).

⁸⁷ A contagem do número de acessos foi feita em outubro de 2012.

O *blog* Gasodá Suruí está em circulação desde abril de 2009 e, embora trate de diferentes assuntos relacionados às ações e à cultura do povo Suruí, se destaca na postagem de matérias relacionadas à formação e a aquisição de conhecimentos por parte de seu próprio autor. Esse *blog*, numa classificação dos gêneros, poderia ser considerado diário, mas se for analisado numa perspectiva discursiva, é possível compreender que ele não é apenas um diário. Embora trate, na maior parte dos casos, de assuntos ligados à vida pessoal e formação do seu autor, no discurso, o que se constrói é uma imagem indígena positiva de um índio que tem formação, conhecimento dos direitos e da tecnologia e nem por isso é menos índio.

As postagens são, na maioria, assinadas, destacando que o sujeito é índio, mora na aldeia, mas usa o computador, escreve os *posts* numa posição de autoria. Não apresenta lista de *links*, mas os apresenta nas publicações, apontando fontes e informações complementares aos assuntos tratados. O *blog* apresenta uma lista de 18 seguidores. Em todas as suas postagens, recebe poucos comentários.

O *blog* M. Marco Terrena tem em seu arquivo postagens de junho de 2010, mas é membro do *blogger* desde 2008. Os *posts* do *blog* apresentam temas variados, sendo a política partidária o de maior destaque. O *blog*, mais do que os *links* nas publicações indicadoras das fontes e informações adicionais, apresenta uma lista de *links* denominada “parcerias”, que remetem para fora e para dentro. Esses *links* apontam para o *blog* CONAMI (Movimento de mulheres indígenas) e para outros espaços das redes sociais nos quais o autor do *blog* também está inscrito: *Facebook*, *Orkut*, *Twitter*, *You Tube*.

Esse é um *blog* que destaca a figura, a imagem do autor, como liderança política. Assim, o movimento de foco no sujeito é mais um mecanismo que mostra a construção da imagem de um representante indígena, “usuário” da internet e conhecedor dos direitos. O *blog* apresenta uma lista de 124⁸⁸ seguidores e, dos quatro *blogs*, M. Marcos Terrena é o que apresenta um maior número de

⁸⁸ A contagem do número de seguidores foi feita em outubro de 2012.

postagens assinadas. O *blog* conta com mais de 6.000 acessos⁸⁹, sem discriminação de localidade.

O *blog Nodanakaroda* está disponível na rede desde 2008. Dentre os *blogs* analisados este é o que possui o maior número de postagens e comentários. As matérias abordam uma diversidade enorme de assuntos: atividade do povo Baniwa na escola, processo de formação, uso das novas tecnologias, questões ambientais, política e movimentos indígenas. As matérias são na maioria citadas, mas também apresenta algumas assinadas.

O *blog* apresenta *links* nas publicações e algumas palavras são lincadas, formando uma lista com a denominação “palavras usadas”. Essas palavras são *links* que remetem aos *posts* do próprio *blog*. Nesse caso, o direcionamento dos *links* produz um movimento interno, dando destaque ao próprio *blog*.

Aparentemente, os *blogs* são bem diferentes em termos de formato e abordagem dos temas, mas todos eles funcionam como espaço legitimado de dizer indígena. Os temas são parecidos, mas o que os aproxima e os particulariza é o processo discursivo e a constituição da autoria fundados nos gestos de resistência. Isso porque, por mais que as postagens sejam variáveis, no funcionamento, todos os *blogs* fazem parte de um processo discursivo de afirmação indígena⁹⁰, que se dá na relação da escrita do autor indígena numa posição de resistência ao discurso ocidental estereotipado que circula na mídia tradicional e em outros espaços na sociedade.

Com o intuito de compreender esses processos e considerando que na Análise de Discurso o *corpus* é constituído pelo movimento de cruzamentos e desdobramentos das/nas análises, foram recortados diferentes materiais e materialidades⁹¹: fotografia, *slide*, vídeo e escrita. Os recortes para as análises

⁸⁹ A contagem do número de seguidores foi feita em outubro de 2012.

⁹⁰ Estou chamando de afirmação indígena o processo discursivo a partir do qual o sujeito índio se qualifica positivamente face à desqualificação e aos estereótipos do discurso ocidental que circula na mídia tradicional e em outros meios.

⁹¹ Quanto a natureza da linguagem, conforme Orlandi (1999a, p. 62) “devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc”.

foram feitos a partir de páginas iniciais dos *blogs*, títulos, perfis e *posts*.

CAPÍTULO III

Formulação e efeitos de sentido nos *blogs*: uma imagem indígena em construção

Partindo da ideia de que os *blogs* têm funcionamento marcado pelo processo de constituição da autoria na rede, nesse capítulo analiso alguns efeitos de sentido, produzidos pela imbricação de diferentes materialidades significantes na formulação dos *blogs* de autores indígenas, buscando compreender a imagem indígena em construção, a partir dos processos de textualização em ambiente digital. E, nessa direção, compreender o dizer legitimado na rede e os efeitos de pré-construído que possibilitam esta legitimação.

Para a discussão que proponho desenvolver, necessito produzir um deslocamento da perspectiva informacional e pragmática para uma abordagem das práticas discursivas em desenvolvimento no âmbito da rede digital. E, esse enfoque pressupõe que a língua tem seu funcionamento marcado pelo que está fora de sua estrutura, mas lhe é constitutivo, a saber, o sujeito e a história. Nesse processo, a materialidade linguística é a base em que se realizam simbolicamente as relações de forças e de sentidos que emergem dos confrontos ideológicos que atravessam a formação social.

Nessa direção, a língua é um sistema que adquire corporeidade, significado, inscrevendo-se na história (ORLANDI, 2002), sendo a interpretação parte fundamental desse processo. “Diante de qualquer objeto simbólico ‘x’ somos instados a interpretar o que ‘x’ quer dizer” (ORLANDI, 2007, p. 30), pois há para o sujeito uma injunção à interpretação e esta se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio e o interdiscurso. “O espaço da interpretação é o espaço do possível, da falha, do efeito metafórico, do equívoco, em suma: do trabalho da história e do significante, em outras palavras, do trabalho do sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 22).

De acordo com Pecheux (1997a, p. 77), há uma relação necessária

entre as “circunstâncias” de um discurso e os mecanismos formais que o produzem. Nesse sentido, o funcionamento de um texto não pode ser descrito como integralmente linguístico, pois é necessário referi-lo ao “mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso”, isto é, considerar as condições de produção⁹². E, as condições de produção, por sua vez, compreendem os sujeitos, a situação e a memória. As condições de produção em sentido estrito abrangem o contexto imediato, as circunstâncias da enunciação e, em sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 1999a). A memória discursiva, nesse caso, é,

o saber que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 1999a, p. 31).

Os sujeitos do discurso, nessa abordagem teórica, são posições e essas posições correspondem às projeções imaginárias dos lugares sociais que estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. As posições são constituídas a partir do funcionamento das formações imaginárias, que sustentam, também, o jogo de antecipações que configuram a interlocução. Pelo mecanismo de antecipação, o sujeito antecipa-se a seu interlocutor quanto ao sentido de suas palavras. Para Orlandi (1999a), esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu interlocutor.

Partindo desses fundamentos, é necessário pensar que o blogueiro, na criação e na manutenção do seu *blog*, o faz a partir de um imaginário que tem de si, do objeto do discurso, do espaço de postagem e dos interlocutores, leitores *on-line*, numa posição-sujeito determinada historicamente. E é nessa constituição imaginária do sujeito que funciona a função-autor e o efeito-leitor, sendo, essa função e esse efeito, indissociáveis no discurso. O blogueiro constrói a sua

⁹² Cf. Pêcheux, 1997a.

argumentação a partir de uma antecipação de sentidos, tendo em vista o já-dito, o pré-construído.

Assim, com o intuito de direcionar o levantamento dos efeitos de sentidos nos *blogs*, algumas indagações foram feitas. Discursivamente, qual é a natureza das relações entre o verbal e não-verbal nas textualizações dos *blogs* de autores indígenas e o que isso significa? A que rede de sentidos o sujeito indígena filia o seu dizer na produção e manutenção de seus *blogs*? Que processo discursivo e pré-construídos estão na base dos dizeres?

3.1. A imbricação material significante e a antecipação de sentidos: a relação entre o verbal e não-verbal nos *blogs*

De acordo com Orlandi (2001, p. 9), é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde). Isso porque, segundo Orlandi (2001), formular é dar corpo aos sentidos, sabendo que a linguagem é constituída pela incompletude. É essa incompletude que possibilita as várias possibilidades de leitura, ou seja, a produção de interpretação. Segundo Orlandi (2001, p. 64), “uma das maneiras de compreender a interpretação é observar a relação do sujeito-autor com a textualização do discurso”.

Na textualização do discurso, há uma distância não preenchida, há uma incompletude que marca uma abertura do texto em relação à discursividade” (ORLANDI, 2001, p. 64). Isso acontece porque “a linguagem é um sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um.” (ORLANDI, 2007, p. 20). Isso implica considerar que:

não há um sistema de signo só, mas muitos. Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com o sentido se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos:

pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significativa – e/ou a sua percepção – afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele (ORLANDI, 2007, p. 12).

Nos *blogs*, diferentes materialidades significantes compõem a formulação, sendo relevante considerar essas materialidades em seus diferentes modos de significar. Isso porque o não-verbal possui *status* de linguagem, sendo, dessa forma, compreendido como texto, discurso, ou seja, textualização do político (SOUZA, 2011, p. 387-388).

Dessa forma, considerando que todos os elementos verbais e não-verbais participam da formulação dos sentidos em um *blog*, realizo uma análise desses diferentes aspectos, buscando compreender os movimentos de interpretação a partir dos quais sentidos e formações imaginárias diferentes das que circulam nas mídias convencionais são formuladas para os sujeitos e povos indígenas.

3.1.1. Página inicial dos *blogs*: a imagem na construção de uma imagem indígena na rede

Embora o texto eletrônico ofereça uma gama ilimitada de possibilidade de entradas, saídas e percursos de navegação, um *blog* tem uma página principal⁹³ a partir da qual as outras se desdobram por meio de *links*. Apesar de o *blog* ser um programa relativamente formatado, oferece aos sujeitos possibilidades de montagens e construções, ou seja, proporciona espaço de interpretação aos sujeitos que não são apenas “usuários” do computador ou escreventes.

⁹³ Página principal, página inicial, página de entrada (home page ou *homepage* em inglês) é a página inicial de um site da internet (também chamado sítio). Compreende uma apresentação do site e de todo seu conteúdo. Seria como a capa de uma revista. O termo página de entrada também pode se referir à página, o índice de diretório de servidor web site de um grupo, empresa, organização ou indivíduo, ou página principal que é visualizada quando o navegador de internet (como Firefox, Internet Explorer ou Opera) é aberto. (Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_inicial>. Acesso em: 19 out. 2012).

Para melhor compreender o funcionamento do discurso desse espaço de postagem, é importante considerar que o *blog* é um espaço de uso predominante da escrita, mas é o imbricamento (LAGAZZI, 2011) de diferentes materialidades significantes (animações, fotografias, pinturas, vídeos) a base da constituição dos efeitos de sentido.

Tratando da página inicial de um *blog*, muitas regularidades podem ser levantadas por meio dos elementos verbais e não-verbais. Pode-se dizer que o *layout* da página funciona enquanto elemento de apresentação do *blog*, sendo que todos os elementos (verbais e não-verbais) participam da constituição dos sentidos, tendo em vista os deslizos e os efeitos metafóricos.

Sabendo que a construção da página principal, embora seja configuração, não está fora do trabalho da interpretação, é possível destacar as relações de sentidos que esse espaço de postagem pode propiciar em termos de significação. Enquanto *design* da página inicial, os quatro *blogs* em análise apresentam características diferentes, embora todos eles sejam apresentados como espaço de dizer indígena, voltados para a construção de uma imagem indígena distanciada dos estereótipos constituídos pelo discurso etnocentrista ocidental.

Na composição da página principal, o *blog Baniwaonline*⁹⁴ apresenta uma forma básica: título, perfil, postagens e alguns *links*. Em 2010, no alto da página, o título do *blog* Baniwaonline se destaca pela forma e tamanho de letra. De outro lado, com letras menores, o perfil com fotografia. Abaixo, o espaço é subdividido em duas colunas: uma de postagens e, outra, de informações variadas: diversos, meta, etc. Essa página pode ser observada na figura 14, abaixo.

⁹⁴ Disponível em: <<http://baniwaonline.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 jul. 2010.



Figura 14: Página inicial do *blog* Baniwaonline em 2010.

O maior destaque é dado para o nome do *blog* “Baniwaonline”, seguido de uma manchete que aborda um evento de formação. Com relação ao título do *blog* “Baniwaonline”, vale analisar a sua composição. O título é o resultado de uma composição a partir do processo de junção do nome do povo “Baniwa⁹⁵” com a expressão “*on-line*”⁹⁶. Nesse caso, “*on-line*”⁹⁶, entra na composição do nome do *blog* produzindo um efeito de sentido de apropriação da tecnologia. Nesse funcionamento os sentidos são os que colocam em destaque o povo indígena fazendo parte de uma discursividade para a qual a tecnologia é abarcada pelos Baniwa numa relação positiva de composição. Com essa nomeação do *blog*, o sujeito filia o seu dizer a uma discursividade, para a qual o digital significa positivamente.

Nessa estrutura, um *post* sobre um evento de formação é mostrado. O

⁹⁵ O nome Baniwa não é uma autodenominação indígena, mas ele vem sendo usado desde o período colonial para referir-se a um conjunto de povos que se encontram ao longo do rio Içana e seus afluentes.

⁹⁶ Palavra da língua inglesa que significa “em ligação direta com a unidade de processamento central de um computador”. Michaelis – Inglês Português, online na Uol. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=online>>. Acesso em: 16 maio 2011.

título “Aconteceu o I seminário de Design aos representantes Baniwa Coripaco”, juntamente com uma fotografia de um grupo em volta de uma mesa produz um efeito de sentido de trabalho. Nesse caso, a fotografia é um componente importante no direcionamento interpretativo, pois é a imagem que, numa relação de metáfora, constrói o efeito de sentido, já que a palavra trabalho não aparece formulada verbalmente. A foto mostra um grupo ao redor de uma grande mesa, materializando, na sua perspectiva, concentração, empenho e esforço, ou seja, uma atitude de trabalho.

Com essa fotografia, mesmo que não apareça na linearidade do dito na forma verbal, uma imagem dos índios Baniwa é formulada, isto é, eles são trabalhadores e, num funcionamento parafrástico, outros predicados também são formulados: esforçados, estudiosos, concentrados. Nesse caso, é a imagem (fotografia), junto com o verbal, que se encontra construindo uma imagem positiva dos índios na rede.

No ano de 2011 a página inicial do *blog* foi mudando e passa a tematizar a região, isto é, o espaço físico, a natureza. Nesse segundo formato, no topo da página principal, o *blog* Baniwaonline traz a fotografia de um rio com uma mata em sua margem. O título do *blog* não aparece mais em destaque. Na fotografia, o rio aparece imenso e sinuoso. Nesse caso, a perspectiva da fotografia remete a um olhar contemplativo. As cores verde da mata e azul da água e do céu também são representativas, pois elas são repetidas em outros espaços do *blog*, sendo este um elemento que constrói, num movimento metafórico, os sentidos da relação desse sujeito com a natureza. A figura 15, abaixo, é uma ilustração dessa página⁹⁷.

⁹⁷ Disponível em: <<http://baniwaonline.wordpress.com/2011/04/06/organizacao-dos-estados-americanos-determina-suspensao-imediata-de-belo-monte/>>. Acesso em: 03 maio 2011.



Figura 15: Página inicial do *blog* Baniwaonline em 2011.

Nesse formato também aparece um *post*, que trata de um assunto polêmico relacionado à preservação ambiental e aos direitos indígenas. O título “Organização dos Estados Americanos determina suspensão imediata de Belo Monte”, direciona a interpretação para o campo do político⁹⁸. No *blog* a imagem do rio ao lado da matéria produz um efeito de sentido específico, pois o sentido de natureza exuberante da foto se junta com a matéria sobre preservação e direitos. Nesse caso, o efeito de sentido produzido pela formulação é o de que os índios possuem uma relação específica com a natureza e são politizados. Isso mostra que o sujeito, interpelado numa posição de autoria, desloca sentidos (parte do imaginário social) de relação natural dos índios com a natureza. E esse deslocamento é feito a partir da posição indígena de resistência, a partir da qual os sentidos de proximidade e de respeito do sujeito índio com a natureza não o faz um elemento natural.

⁹⁸ De acordo com Orlandi (1998, p. 74), “o político compreendido discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história”.

Do ano de 2011 para o ano de 2012 a página principal⁹⁹ desse *blog* sofreu uma nova mudança, mas de um ano para o outro, mesmo utilizando fotografias diferentes, o *blog* manteve a tematização do espaço físico. Na figura 16, abaixo, essa mudança pode ser observada.

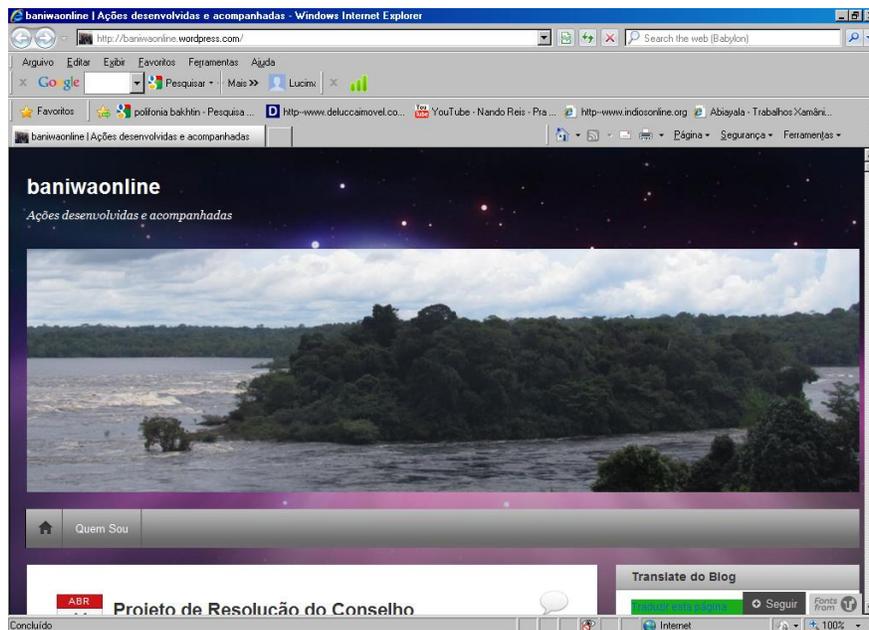


Figura 16: Página inicial do *blog* Baniwaonline em 2011.

Nessa fotografia, também, a perspectiva remete a um gesto de contemplação do sujeito em relação à natureza, sendo o enquadramento da foto o elemento formulador dessa interpretação. Nesse formato, assim como no anterior, uma relação específica do sujeito com a natureza é mostrada, significada, sendo o aspecto político abordado no *post*. Assim, tomando como base a relação entre *layout* da página e *posts* nesse *blog*, é possível dizer que a imagem indígena formulada é a de um sujeito que tem forte relação com a natureza, entretanto essa relação com a natureza não é naturalizada.

⁹⁹ Disponível em: <<http://baniwaonline.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

Nesse discurso, o fato de o sujeito ter uma relação específica e de respeito com a natureza não o faz “selvagem”, como pressupõe o discurso etnocentrista ocidental, ligado à colonização.

Em relação ao *blog Nodanakaroda*, no ano de 2010, a página principal¹⁰⁰ tem um formato básico e tematiza a realização do povo no sentido da subsistência, ou seja, a capacidade de trabalho e de produção de alimentos. A figura 17, abaixo, exemplifica esse funcionamento.

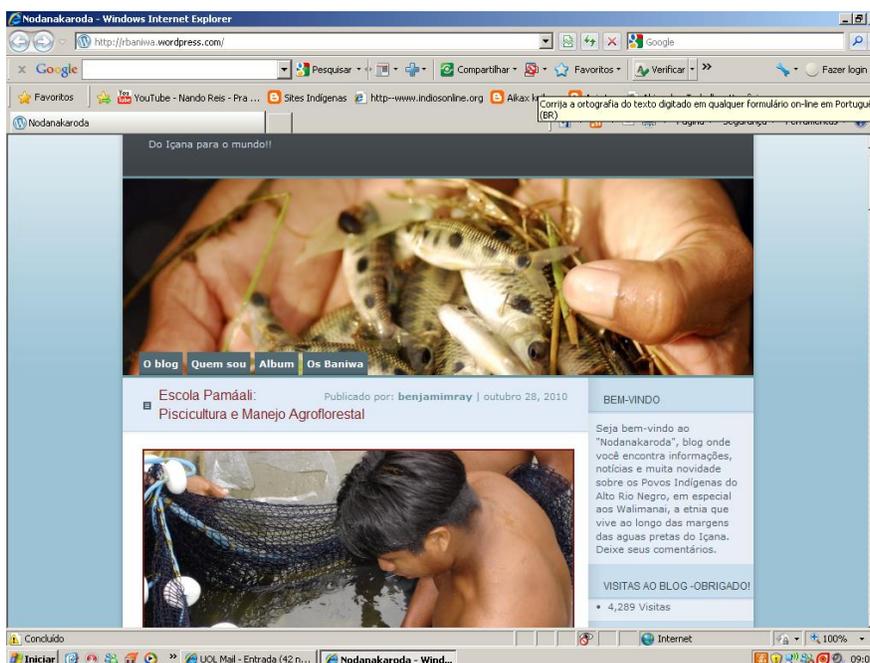


Figura 17: Página inicial do *blog Nodanakaroda* em 2010.

No topo dessa página principal, a fotografia mostra a piscicultura, sendo praticada. Abaixo, a página é subdividida em duas colunas, numa são feitas as postagens e, na outra, aparecem *links* diversos, com destaque na interlocução com o leitor (bem-vido, visitas ao *blog* – obrigado).

A foto do topo destaca duas mãos cheias de peixes, produzindo efeitos de sentido de abundância, de fartura. E esses sentidos são produzidos pela perspectiva da foto que direciona o olhar para as mãos cheias. Essa interpretação

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://rbanywa.wordpress.com/>>. Acesso em: 28 out. 2010.

é possível pelo funcionamento de um traço de incompletude da fotografia, que Souza (2011) define como punctum. De acordo com Souza (2011, p. 389) “o punctum pode significar a falta, a ausência daquilo que o olhar não vê, mas que está lá significando”. Nessa direção, o punctum tem relação com a memória, com o interdiscurso, porque abre a interpretação. A partir do punctum, há toda uma instituição de dizeres, que nos remete à atualização da memória face ao sentido instituído pelo esquecimento (SOUZA, 2011, p. 389).

O sentido de fartura, além de remeter a um tempo de abundância de peixes nos rios, formula uma imagem positiva dos índios na atualidade. Nesse caso, o que se destaca na argumentação é que, mesmo sendo uma atividade modificada, a piscicultura mantém uma relação com um conhecimento tradicional indígena. O enfoque na piscicultura, mostra que na atualidade o povo desenvolve uma atividade de subsistência que tem relação com um saber tradicional, a pesca.

Nesse formato, aparece um *post* sobre piscicultura que também traz uma fotografia. A foto do *post*, tratando de piscicultura, enfoca o trabalho. Na fotografia aparece um homem em movimento de trabalho. A perspectiva da foto, tirada de cima para baixo, focaliza o movimento do corpo, numa postura que simboliza a concentração na atividade que desenvolve. Nessa foto, o que se mostra é a atitude de concentração e esforço em relação ao trabalho.

Nesse caso, a partir das duas fotos, o direcionamento dos sentidos é de que os índios Baniwa, mesmo com modificação, mantêm seus costumes, tem fartura e abundância, conquistadas pelo esforço do trabalho. E esse dizer reformula na rede mundial de computadores, sentidos ligados ao discurso etnocentrista ocidental de que os índios são “preguiçosos”, “improdutivos”. A prática da piscicultura mostra ainda o diálogo intercultural, levando em conta os saberes tradicionais e a tecnologia aprendida na escola formal.

Em 2011, a página inicial¹⁰¹ do *blog* foi mudada e passa a tematizar uma atividade educacional. A figura 18, abaixo, ilustra essa observação.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/>>. Acesso em: 04 maio 2011.



Figura 18: Página inicial do *blog Nodanakaroda* em 2011.

No alto da página aparece o nome do *blog* em destaque e, logo abaixo, a foto de um grupo de jovens. O título do *blog* “*Nodanakaroda*” é uma palavra da língua Baniwa. No *blog* aparece a explicação da palavra¹⁰², mostrando que o interlocutor imaginário não são os Baniwa. Pela explicação da palavra o sujeito autor produz o seu dizer, considerando a abrangência do espaço de postagem. Nesse caso, o sujeito, embora determinado pelos novos modos de produzir o seu dizer, traz no título a sua língua e esse fato tem um significado especial.

Em termos discursivos, esse funcionamento mostra que apesar de pouco usada no *blog*, o povo Baniwa tem uma língua própria falada no cotidiano e que, a partir das novas ferramentas de postagem, circula na rede. Embora seja apenas uma palavra, ela não aparece solta, é o título do *blog* e esse fato significa

¹⁰² *Nodanakaroda* é um termo em Baniwa, significa espaço usado para escrever ou simplesmente “lugar onde escrevo” na tradução literal. Portanto, lugar onde escrevo vários assuntos sobre os Povos Indígenas do Alto Rio Negro. Muitas vezes pego links de publicações sobre estes povos e deixo neste blog para facilitar aos leitores o trabalho de buscar informações. Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/contatos/>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

a presença da língua na rede mundial de computadores¹⁰³.

Nesse formato, no topo da página, a fotografia de um grupo de pessoas jovens, com vestimentas diversas, na página principal, remete à interpretação no sentido de afirmar que os índios Baniwa são pessoas que se vestem de forma variada, produzindo um efeito de sentido de que os índios não se enquadram nos estereótipos que circulam em diferentes meios de comunicação. A perspectiva da foto, tirada de frente, remete a uma ideia de processo de organização do povo, levando a uma memória de trabalho coletivo, colaboração. Através do punctum, que é um traço de textualidade inerente ao caráter de incompletude da fotografia (SOUZA, 2011) a ideia de coletividade e de colaboração é formulada.

Com a apresentação da foto, uma imagem indígena é construída através da imagem. Os jovens indígenas, nesse caso, são significados positivamente como sujeitos que estão em processo de formação e agem coletivamente de forma colaborativa.

No ano de 2012, o *blog* passa a tematizar a natureza, com a fotografia de um rio no topo da página¹⁰⁴. Nessa foto, a água escura representa a denominação “Rio Negro”. O rio, nesse caso, é um aspecto que marca, de forma especial, a relação do sujeito com a natureza. A água é o elemento simbólico a partir da qual esses sentidos são construídos.

A proximidade da câmera em relação ao rio, direciona para uma proximidade do sujeito com o rio. E essa é uma construção metonímica, na qual o elemento água funciona representando o mundo Baniwa ou a natureza de forma geral. A figura 19, abaixo, mostra essa página.

¹⁰³ O fato de o *blog* priorizar o português, pode ser uma forma de o sujeito valorizar o diálogo com a sociedade nacional, na rede de comunicação, o desejado diálogo intercultural que a Escola Pamáali sempre quis fazer: apropriar-se das tecnologias para melhorar a qualidade de vida do povo.

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/2012/03/31/encontro-baniwa-e-coripaco-aconteceu-na-comunidade-de-castelo-branco-medio-icana/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

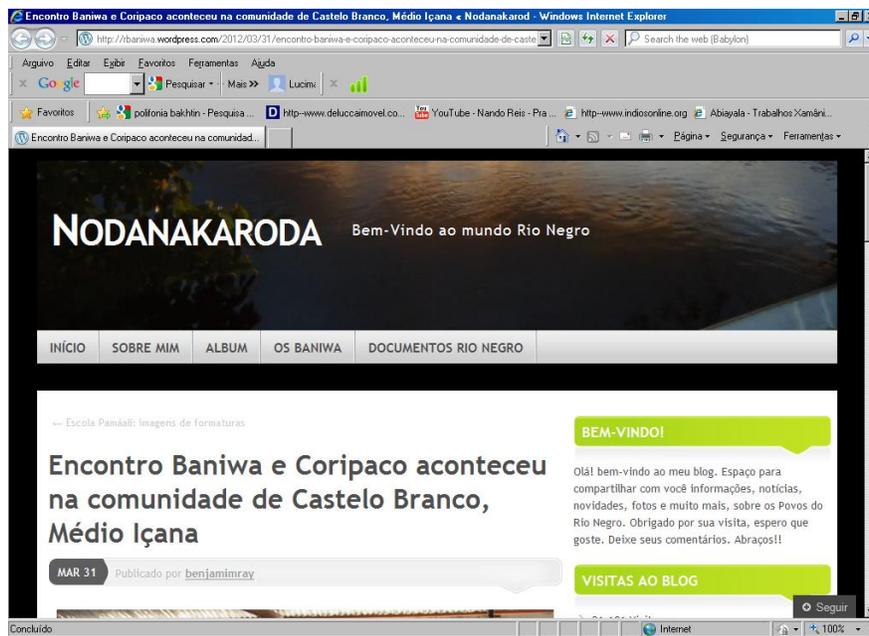


Figura 19: Página inicial do *blog Nodanakaroda* em 2011.

Nesse formato, um *post* tematiza a participação dos índios em um evento de formação. No *post*, a apresentação do processo de formação pressupõe trabalho, empenho e são esses atributos que vão compondo a imagem indígena em circulação na rede nos espaços dos *blogs* de autores indígenas.

No *blog* M. Marcos Terena, a página inicial¹⁰⁵, em 2010, destaca a figura do próprio autor. A página é composta por um fundo verde, sobre o qual aparece de forma ampliada a fotografia do autor, o título, que é o próprio nome do autor e um mapa da América do Sul. O mapa é composto por uma animação, sendo atravessado por uma faixa branca com o dizer “Nós Confiamos em você”, escrito em vermelho. Abaixo, a figura 20, ilustra essa página.

¹⁰⁵ Disponível em: <<http://www.marcosterena.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 out. 2010.

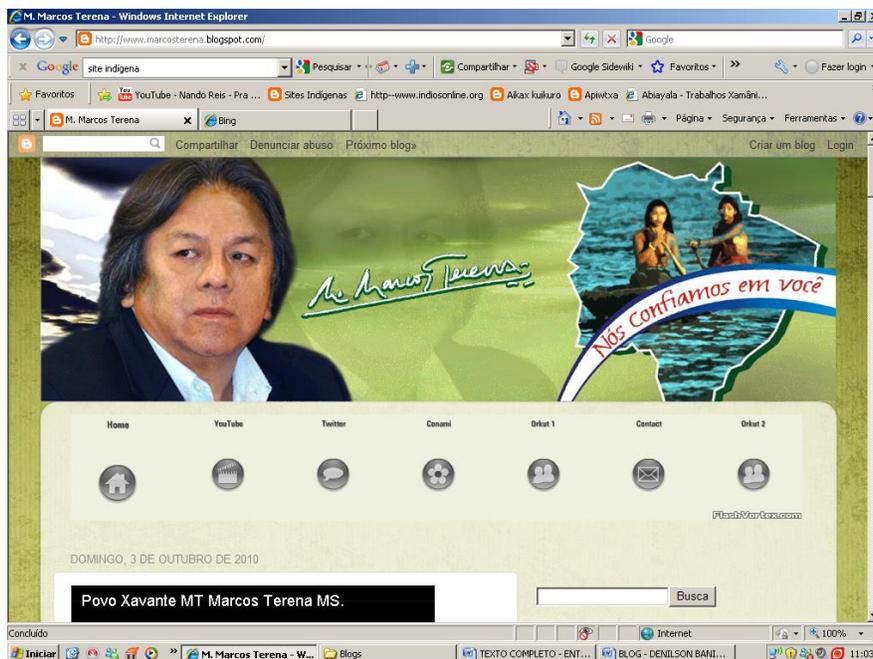


Figura 20: Página inicial do *blog* M. Marcos Terena em 2010.

Nesse *blog*, embora não seja formulado pelo verbal, a relação do sujeito com a natureza funciona através do elemento cor. O processo no qual a cor pressupõe significados é definido por Souza (2011) como policromia. Para Souza (2011, p. 390), “a policromia pode ser definida como uma rede de elementos visuais implícitos ou silenciados que possibilitarão as diferentes interpretações do texto não-verbal”. Nesse funcionamento, o verde simboliza uma relação específica do sujeito com a natureza.

Mas nesse *blog*, além da relação com a natureza pressuposta na cor da foto do topo da página, o mapa direciona a interpretação para uma questão social e política. No mapa, diferentes imagens são passadas em forma de *slides*. O movimento circular da animação, no qual uma imagem sucede a outra, metaforicamente pode significar o movimento da diversidade na América. A faixa que sobrepõe o mapa, remete ao sentido de ordem e progresso da bandeira brasileira, mas com um deslocamento. Nesse funcionamento ela pode representar a força dos povos indígenas da América do Sul. Nesse discurso, a faixa branca e a escrita vermelha pode simbolizar a pacificidade dos movimentos e a resistência

indígena, até o sangue derramado no decorrer do processo histórico. Marcos Terena é símbolo da luta indígena desde a Constituinte, de 1988. Nessa direção, a faixa pode representar a resistência e a força do movimento político indígena no contexto atual da América. Essa interpretação pode ser feita pelo funcionamento da policromia, ou seja, sentidos formulados pelo elemento cor.

A ambiguidade do “nós” que inicia a frase da faixa, dá ao dizer diferentes possibilidades de interpretação, mas remetendo o dizer a suas condições de produção, um sujeito índio escrevendo em seu *blog*, o sentido pode ser remetido ao sujeito político ou ao sujeito índio enquanto parte de uma coletividade. “Você” também funciona de forma ambígua, mas pelo atravessamento da faixa sobre o mapa, uma interpretação possível de ser formulada é de que “você” seja a América, não o lugar, espaço físico, mas o povo que resiste e luta por direitos.

Nesse caso, pensando a composição entre o verbal e o não-verbal, o dizer tematiza via função-autor uma situação de conflito sobre o lugar da diversidade na América do Sul. Da forma como é usada, a palavra “confiamos” funciona ironicamente no enunciado, pois o dizer faz parte de um questionamento sobre o papel da diversidade no continente e, nessa direção, o lugar dos índios no poder político.

O título do *blog* é o nome do próprio autor e isso também tem um significado espacial, já que é o lugar dos índios no poder que está em questionamento. Diferentemente de muitos *blogs*, nos quais o sujeito cria pseudônimo e outras formas de identificação com o intuito de se manter no anonimato, nesse *blog*, o autor, além de o nomear com o seu próprio nome, publica sua foto na página principal.

Do ano de 2010 para o ano de 2011 a página foi modificada três vezes, mas as alterações foram pouco significantes. Na primeira modificação, a fotografia do autor ficou mais destacada ainda e a animação foi ocultada no quadro. Abaixo,

na figura 21, veja um exemplo dessa mudança¹⁰⁶.

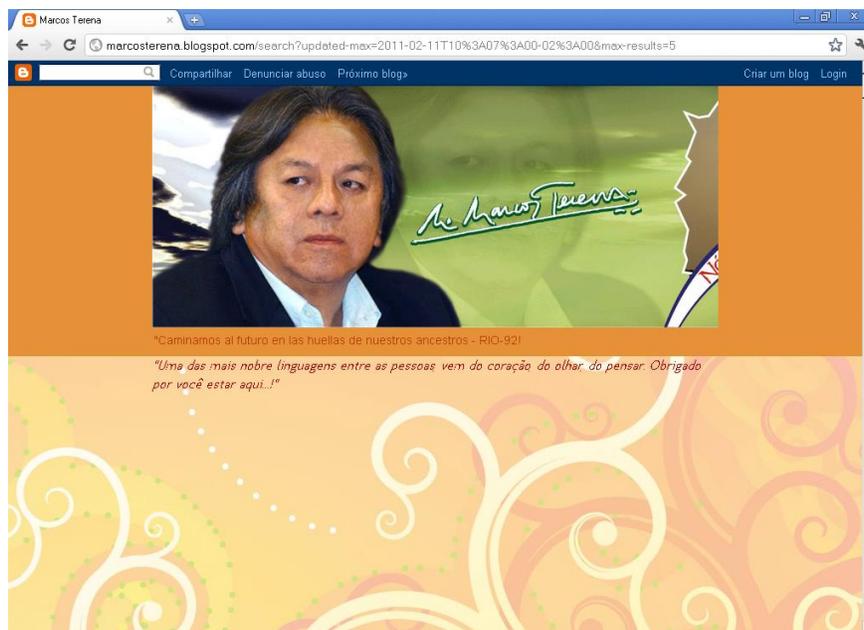


Figura 21: Página inicial do *blog* M. Marcos Terena em 2011.

Além da mudança na composição da cor e motivo da página, foram acrescentados dois dizeres “Caminamos al futuro en las huellas de nuestros ancestros – RIO -92” e “Uma das mais nobres linguagens entre as pessoas vem do coração do olhar do pensar. Obrigado por você estar aqui...”. Os dizeres em português e espanhol reforçam a imagem de um representante, que conhece outras línguas e valoriza a diversidade.

Na segunda modificação em 2011, além da mudança na composição pictórica, foram mudados os dizeres “posso ser o que você é, sem deixar de ser quem eu sou” e “Uma das mais nobres linguagens entre as pessoas vem do coração do olhar do pensar. Obrigado por você tá aqui com a gente”, voltando a ser exibido o mapa com a animação. Abaixo, figura 20, veja um exemplo dessa modificação¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://marcosterena.blogspot.com/>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://marcosterena.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 set. 2011.

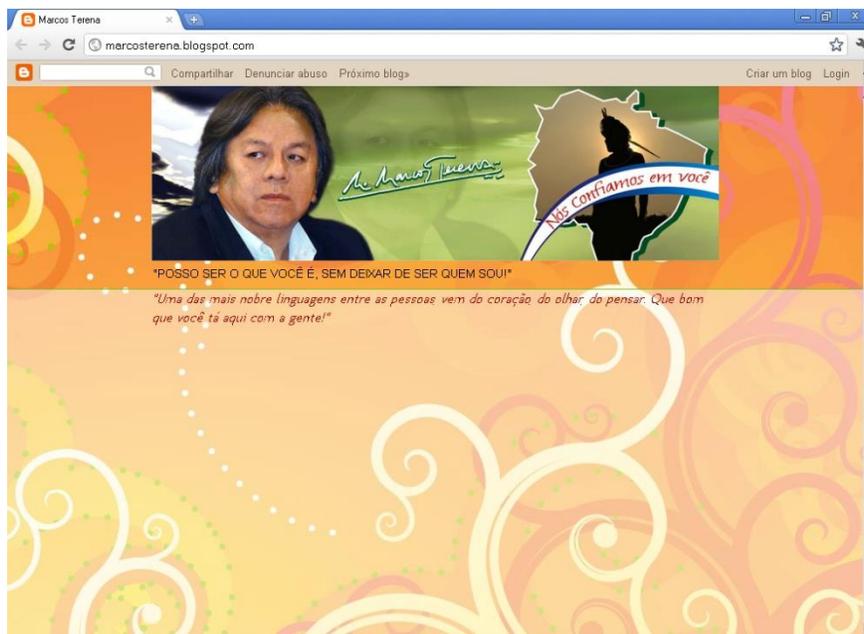


Figura 22: Página inicial do *blog* M. Marcos Terena em 2011.

Com o dizer “posso ser o que você é, sem deixar de ser quem eu sou” há uma afirmação em que o sujeito se reconhece índio num processo de aquisição de elementos de outras culturas, porém isso não o faz menos índio. Pelo que é possível observar, a construção imaginária da liderança indígena qualificada também tem a função de se opor aos discursos depreciadores dos índios em circulação¹⁰⁸.

O *blog* Gasodá Suruí, em 2010, apresenta uma estrutura básica e tematiza as ações do seu povo Suruí. Na página, aparece em destaque no topo, num quadro verde, o título do *blog* que é o nome de seu próprio autor. Abaixo, subdividido em duas colunas são apresentadas as postagens de um lado e, do outro, informações diversas: quem eu sou, seguidores, etc. A figura 23, abaixo, é um exemplo dessa página¹⁰⁹.

¹⁰⁸ De 2011 para 2012, a página foi modificada outras vezes, mas optei por não estender demais a análise.

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://gasodasurui.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 out. 2010.



Figura 23: Página inicial do *blog* Gasodá Suruí em 2010.

Nessa página inicial, embora não apareça foto que mostre diretamente algum elemento da natureza, o fundo verde remete a uma interpretação na qual a natureza, mesmo não sendo retratada diretamente, aparece em funcionamento através do elemento cor. Nesse *blog* também o elemento cor tem seus significados, que funcionam a partir da memória discursiva. A cor verde, assim como nos demais *blogs* que compõem o *corpus* da pesquisa, constrói sentido de relação específica do sujeito com a natureza.

Nesse formato, uma postagem sobre a participação dos índios em uma conferência é apresentada, tematizando o processo de formação. Nesse *blog*, assim como nos outros dois *blogs*: Baniwaonlinear e *Nadanakoroda* são destacadas as ações do povo no processo de formação e nas atividades de sustentabilidade, enfatizando o trabalho.

Um *post* que fala de empreendedorismo indígena compõe a página, destacando o processo de formação. A fotografia de pessoas reunidas que compõe a matéria indica a participação em um encontro de trabalho. Na perspectiva da foto, as pessoas curvadas em direção a uma tela de exposição, pode significar esforço e trabalho. Pelo punctum, traço de incompletude da

fotografia (SOUZA,2011), a ideia de trabalho é formulada nessas condições de produção. Os sentidos de trabalho funciona por meio da memória discursiva, que atualiza sentidos e dizeres já-ditos e esquecidos.

Do ano de 2010 para 2011 a página principal desse *blog* mudou, passando a focar a vida do autor e suas ações dentro e fora da aldeia. Em 2011, a página inicial¹¹⁰ apresenta o fundo todo verde com o título, o próprio nome do autor, destacado. Veja a página inicial do *blog* na figura 24, abaixo.



Figura 24: Página inicial do *blog* Gasodá Suruí em 2011.

No *post*, em um vídeo, o autor fala de si e apresenta a sua filha, um bebê de colo. Nesse vídeo o sujeito aparece sem camisa, de cocar na cabeça e colar indígena. A página é toda verde, com folhas compondo a figura do fundo. Nesse caso, a cor verde, através da policromia, pode significar a relação especial do sujeito com a natureza. No *post*, ao se expor no vídeo, falando de si e de sua vida pessoal, o sujeito produz um gesto de interpretação tocando indiretamente a relação entre espaço público e privado. Mas, nesse caso, falar da vida pessoal e

¹¹⁰ Disponível em: <<http://gasodasurui.blogspot.com/>>. Acesso em: 04 maio 2011.

apresentar a filha, embora seja uma maneira de apresentar as questões privadas no espaço público da rede, tem um funcionamento peculiar, pois essa apresentação faz parte da construção de uma imagem indígena positiva e de um discurso que não representa os índios como sujeitos do passado.

Em termos de discurso, o sujeito promove um deslocamento de sentidos ao se apresentar fisicamente no vídeo, falando oralmente sobre si e sua filha. Nessa ação, o autor do *blog* se posiciona como sujeito índio do presente e, com a apresentação da filha bebê, produz uma inferência de que serão também do futuro. Nesse caso, além de formular uma imagem positiva dos índios o dizer promove uma reformulação dos discursos para os quais os índios são sujeitos do passado, figuras estereotipadas retratadas nos livros de história do Brasil.

Nesse vídeo, uma imagem indígena atual é colocada em circulação, tendo como suporte as novas tecnologias da linguagem. Discursivamente, esse fato pode ser compreendido como um gesto de interpretação do sujeito, tendo em vista as condições de produção próprias do *blog*, isto é, os sujeitos, a situação e a memória.

Reforçando esse funcionamento discursivo, em 2012, a página inicial¹¹¹ foi mudada, passando a mostrar o espaço físico da aldeia. Em 2012, o verde da página passa ser a própria vegetação da região vista em uma perspectiva aérea, sendo o espaço físico mostrado na foto um espaço trabalhado, modificado. A foto de satélite alarga o campo visual e amplia a visão do espaço, dando a interpretar que os índios, embora mantenham uma forte relação com a natureza, interferem no espaço, modificando-o a seu favor. A figura 25, abaixo, é um exemplo dessa página.

¹¹¹ Disponível em: <<http://gasodasurui.blogspot.com.br/2012/04/porque-dia-19-de-abril-dia-do-indio.html>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

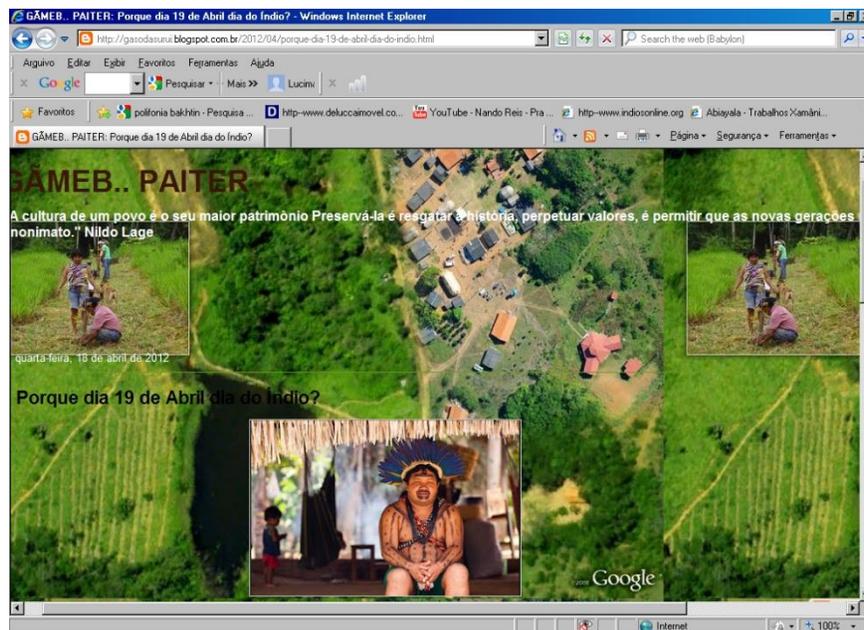


Figura 25: Página inicial do *blog* Gasodá Suruí em 2012.

Completando essa interpretação, a foto do sujeito com pinturas tradicionais sobrepondo a foto do espaço, direciona a interpretação para o sentido de que, embora o espaço esteja modificado, a cultura indígena se mantém forte. Nesse caso, dois argumentos são apresentados pelas fotografias, espaço modificado, representado metaforicamente trabalho e sujeito ornamentado tradicionalmente, representado cultura viva, sendo a ligação entre os dois pressuposta.

Pelo que é possível observar nas páginas principais dos *blogs* em análise, há dois direcionamentos integradores dos sentidos: um que mostra de várias formas a relação do sujeito com a natureza e, o outro, que foca na ação do povo, no trabalho, na formação, sendo os dois movimentos constituidores de uma imagem indígena positiva, diferente da imagem estereotipada que, comumente, circula em diferentes espaços da mídia convencional. Nesse funcionamento do discurso, o índio é significado como um sujeito trabalhador, esforçado, concentrado, que tem uma relação específica com a natureza. Embora pareçam diversos, os sentidos são parte de um mesmo movimento de interpretação que nega pelo não-dito os estereótipos do discurso ocidental dominante.

Esse funcionamento pode ser explicado pelo jogo do imaginário, do qual participa o sujeito na produção dos sentidos. Ao produzir o seu discurso, o sujeito indígena ressalta as especificidades de sua cultura e suas qualificações, num movimento de oposição aos pré-construídos da formação discursiva oposta. O movimento de afirmação nega e/ou se opõe a um não-dito que funciona constitutivamente na memória discursiva em uma posição ideológica contrária, aquela a partir da qual são produzidos os estereótipos.

De acordo com Orlandi (2009, p. 62) “as diferentes linguagens com suas diferentes materialidades, e, entre elas, com decisiva importância, a digital, têm seus distintos modos de significar que, ao mesmo tempo, desafiam o homem, mas são também uma abertura para o (e do) simbólico” (ORLANDI, 2009, p. 62). No caso dos *blogs* em análise, o não-verbal é um componente importante na construção da imagem indígena. A apresentação de vídeo (Gasodá Suruí), a animação (M. Marco Terena) e as várias fotos que compõem as páginas principais são materialidade significativa que faz parte da formulação do discurso nesse espaço.

Nessa direção, o *blog* com seus variados recursos de postagem possibilita novos contornos à função-autor. Entendendo esta como a dimensão do sujeito que trabalha a coerência e construção da unidade do/no texto, a formulação de uma imagem positiva dos índios constitui o foco da produção dos sentidos, sendo a partir de uma posição de autoria que o sujeito produz o contradiscurso e o deslocamento de sentidos estereotipados sobre os índios na rede.

3.1.2. O sujeito nos perfis

O perfil é um elemento importante para a compreensão do processo discursivo de um *blog*, pois este é um espaço no qual o sujeito autor produz uma descrição de si, que funciona como a sua apresentação aos interlocutores (efeito-leitor). O perfil de um *blog* é um elemento produzido no processo de configuração

do *software*, por isso é parte do processo de interpretação e constituição da função-autor.

O processo de antecipação dos sentidos acontece no discurso, em toda a formulação nos *blogs*, mas, no perfil, esse funcionamento se destaca. Isso porque na apresentação, o sujeito escreve sobre si, tendo em vista uma relação direta e instantânea com o seu interlocutor. Nesse caso, a escrita dos perfis constitui uma “escrita de si”, formulada a partir do lugar de blogueiro, autor na rede, com o imaginário e as determinações que esse lugar de discurso pressupõe. Nos perfis dos *blogs* analisados, a “escrita de si” tem um funcionamento peculiar, tendo em vista a antecipação de sentidos sobre esses sujeitos em circulação em diferentes mídias.

No *blog* Baniwaonline, o sujeito, na sua apresentação inicial, se identifica indígena Baniwa (etnia específica), mas é na dimensão da cidadania que ele se representa. Essa foto pode ser vista na figura 26, abaixo.

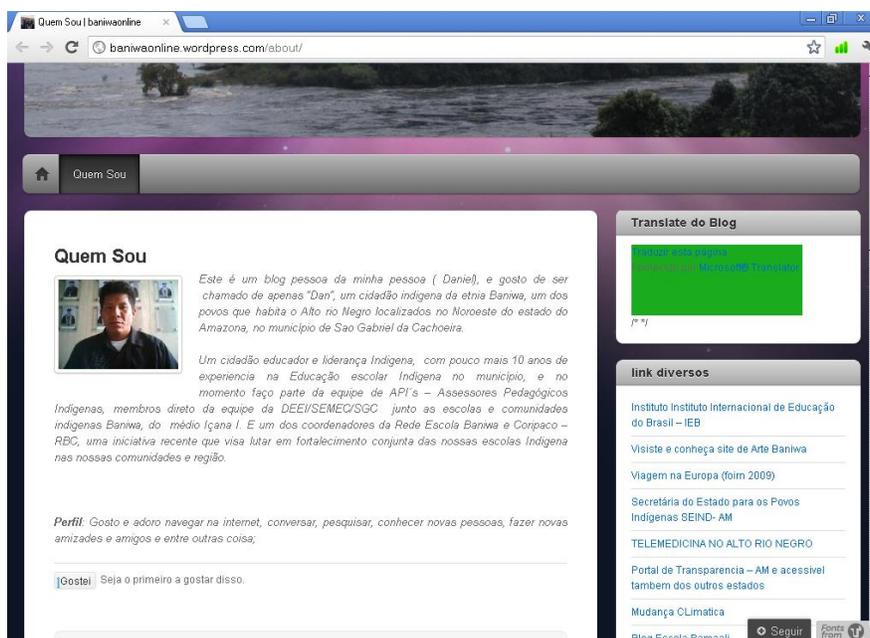


Figura 26: Perfil do *blog* Baniwaonline.

No perfil¹¹², os sentidos de formalidade são construídos pela foto e pelo texto escrito. O blogueiros de terno, nessa foto, traduz a formalidade que essa posição representa para o sujeito índio autor em um *blog*, lugar discursivo de interlocução entre a sua cultura e a cultura do não-índio. O formato da foto do perfil é o de um documento, trazendo aí a marca de uma discursividade, que adequa os sujeitos aos padrões de formalidade de qualquer empresa ou repartição pública. Essa formalidade é um processo de construção de uma imagem indígena positiva de representante, tendo em vista a função que o sujeito desempenha na rede. O *blog* representa para esse sujeito um espaço legitimado de produção de autoria, portanto espaço para a formalidade no dizer e na apresentação pessoal.

O texto escrito também é formal, embora a ideia de informalidade apareça atravessando o dizer na frase inicial. A sequência discursiva SD1 é a transcrição do perfil desse *blog*.

SD1 - Este é um blog pessoa (sic) da minha pessoa [Daniel], e gosto de ser chamado de apenas “Dan”, um cidadão indígena da etnia Baniwa, um dos povos que habita o Alto rio Negro localizados no Noroeste do estado do Amazonas, no município de São Gabriel da Cachoeira. Um cidadão educador e liderança Indígena, com pouco mais 10 anos de experiência na Educação escolar Indígena no município, e no momento faço parte da equipe de API’s – Assessores Pedagógicos Indígenas, membros direto da equipe da DEEI/SEMEC/SGC junto as escolas e comunidades indígenas Baniwa, do médio Içana I. E um dos coordenadores da Rede Escola Baniwa e Coripaco – RBC, uma iniciativa recente que visa lutar em fortalecimento conjunta das nossas escolas Indígena nas nossas comunidades e região.

No seu dizer, sequência SD1, o sujeito se apresenta como cidadão indígena e com essa designação, o sujeito circunscreve o seu dizer numa discursividade jurídica (LAGAZZI, 2010), para a qual todos são iguais perante a lei. Ao se denominar “cidadão” o sujeito se considera fazendo parte de um sistema social dividido, no qual o sujeito é individuado pelo Estado (ORLANDI, 2011).

¹¹² Disponível em: <<http://baniwaonline.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Entretanto, ao se denominar “indígena da etnia Baniwa”, o sujeito se constitui no espaço da diferença étnica constitutiva do país, sendo esta uma contradição que constitui o sujeito no nível do imaginário. Ele se constitui no espaço da diferença e no espaço do direito garantidos.

No texto, há um deslizamento de sentidos de pessoa para cidadão indígena da etnia Baniwa. E esse deslizamento funciona mostrando que, embora o sujeito autor do *blog*, faça parte de uma individualidade e pertença a uma etnia, o lugar de direito (a cidadania) é parte fundamental de sua identificação.

Nesse caso, o sujeito se significa pelo viés do jurídico, sendo o espaço físico que habita, marca importante de sua presença física na atualidade no território brasileiro. O dizer funciona em contraposição às discursividades que significam os índios no Brasil como sujeitos do passado¹¹³. O povo Baniwa habita um espaço físico, ou seja, o sujeito é um cidadão indígena que faz parte de uma etnia específica e que habita uma região do Brasil. A afirmação de que os índios são sujeitos habitantes do estado do Amazonas funciona em relação de oposição aos discursos que desconsideram a existência dos índios na atualidade no país.

Além disso, ao se apresentar como cidadão com várias atribuições, o sujeito se afirma enquanto sujeito de direito, qualificado como qualquer outro sujeito no país, contradizendo os discursos para os quais os índios são “menos evoluídos”, “incapazes”. Com essa afirmação, também nega o pré-construído depreciativo, no qual os índios são parte do meio natural geográfico¹¹⁴.

No perfil do *blog* Gasodá Suruí, sequência SD2, reproduzida abaixo, o sujeito se apresenta também com formalidade, entretanto ressalta a condição de ser indígena brasileiro. A foto do perfil, figuras 23 e 24, já analisadas no item anterior, apresenta a formalidade que a posição de autoria no *blog* pressupõe. Mas nesse *blog*, a formalidade é composta por um traço indígena simbolicamente mostrado pelo cocar na cabeça, representando a diversidade do povo brasileiro.

¹¹³ Cf. FERREIRA; ZOPPI-FONTANA, 2010. Nesse artigo analisa-se, em livros didáticos de História, o funcionamento de um discurso de espaço vazio encontrado pelos portugueses na época do “descobrimento”.

¹¹⁴ Cf. FERREIRA, 2000.

O cocar representa metaforicamente a cultura indígena compondo esse sujeito em sua função na rede mundial de computadores. Gasodá Suruí é um autor indígena no *blog*. Esse sentido tem relação com a descrição de si (texto escrito) que o sujeito produz, se denominando indígena brasileiro.

SD2 - Gosodá Suruí

Cacoal, Rondônia, Brazil

Indigena Brasileiro Pertencente ao Povo Paiter de Rondônia. graduado em Turismo pela Faculdade São Lucas de Porto Velho - Brasil. Atualmente e Coordenador de Cultura Gamebey e responsavel pelo Projeto de Elaboração de Plano de Turimo Paiter na Associação Metareilá do Povo Indigena Surui.

Nesse texto do perfil, o sujeito se denomina indígena brasileiro, dando relevo à condição de ser indígena. O sujeito é um brasileiro, indígena de uma etnia específica, Suruí Paiter. Ao se apresentar como índio da etnia Suruí Paiter, de Cacoal – RO, o sujeito se mostra parte de um povo específico, de uma etnia, que reside em um estado brasileiro, Rondônia, mas o que o identifica é a condição de ser indígena. E ser brasileiro é um jeito de se considerar parte de um povo que tem direitos garantidos perante o Estado Brasileiro. Sendo assim, o sujeito é antes de tudo um indígena, de uma etnia específica, que vive em uma terra indígena em uma região do país.

Com relação à formação acadêmica que aparece destacada, o sujeito mostra que pode ser índio e ter cursado a Faculdade de turismo. O sujeito se autodenomina indígena de uma etnia específica e membro de uma Associação do Povo Indígena Suruí. Nesse caso, são formulados sentidos de que os índios podem adquirir elementos de outras culturas sem deixar de ser o que são. Nessa direção, a qualificação é apresentada como argumento de que é possível adquirir conhecimentos de outra cultura sem perder a sua. Esse é um discurso que reformula os sentidos para os quais ser índio é manter uma cultura estática. O argumento da formação é utilizado na composição de uma imagem indígena

positiva. Uma imagem de liderança que mantém a sua cultura viva, embora tenha adquirido elementos da cultura ocidental. Nesse caso, metaforicamente o cocar significa a cultura indígena convivendo com elementos de outras culturas. Isso porque, embora numa posição formal do autor no *blog*, o sujeito se constitui no espaço da diferença étnica, sendo este um gesto de resistência.

No *blog* M. Marcos Terena, no perfil, não há foto do autor. Mas nesse *blog*, a foto pode ser dispensada no perfil porque ela já é apresentada, em destaque, na página principal. Nessa fotografia da página de entrada, o sujeito vestido de terno, figuras 20, 21, 22, se apresenta na formalidade que a sua posição de autor no *blog* pressupõe.

No texto do perfil, sequência SD3, abaixo, o sujeito se apresenta como índio do Brasil com qualificações.

SD3 – M. Marcos Terena
Terra Indígena de Taunay, Pantanal - Mato Grosso do Sul, Brazil.
Índio do Brasil, Comunicador, Escritor e Aviador¹¹⁵

No texto, sequência SD3, o sujeito se identifica como índio do Brasil, mas a escrita de “Brazil”, com uma ortografia não condizente com a língua portuguesa, remete o dizer a sentidos de internacionalização. Nesse gesto, o sujeito se mostra numa posição globalizada de relação com outras línguas. Nesse discurso, o sujeito se identifica como índio do Brasil, marcando a sua relação com índios de outros países. Nessa direção de sentidos, o sujeito índio destaca a sua localização no país, a terra indígena. Nesse caso, o sujeito se significa a partir do povo, e do espaço em que vive a sua etnia.

O sujeito, nesse discurso, além de ser “índio do Brasil”, é comunicador, escritor e aviador. O sujeito é um índio do Brasil, pertencente a uma terra indígena, que tem qualificações. No apontamento das qualificações, o sujeito mostra uma imagem de índio qualificado, contrapondo saberes discursivos para os

¹¹⁵ Disponível em: <<http://www.marcosterena.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

quais os índios que adquirem elementos de outras culturas deixam de ser o que são.

No perfil do *blog Nodanakaroda*, o sujeito se apresenta também como indígena da etnia Baniwa, vindo de uma das comunidades do Içana, com várias funções. A fotografia do perfil¹¹⁶ não é formal e não apresenta explicitamente traço da cultura indígena, como nos outros *blogs* analisados. A figura 27, abaixo, é o exemplo dessa página.



Figura 27: Perfil do *blog Nodanakaroda*.

A foto com roupa comum, figura 27, e a apresentação do conhecimento da tecnologia, contrapõe sentidos de que para ser índio o sujeito precisa manter a sua cultura estática. A foto mostra um sujeito vestido com traje comum, como qualquer outro sujeito da sociedade não-índia, mas no texto do perfil o sujeito se afirma indígena. A sequência SD4, abaixo, é um trecho desse perfil.

¹¹⁶ Disponível em: <<http://r baniwa.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

SD4 – Sou Raimundo Miguel ou Ray como sou mais conhecido, indígena da etnia Baniwa, vindo de uma das muitas comunidades da região do Içana.

Comecei a blogar desde 2007, usando o blogger, depois migrei para o WP em 2008 numa das oficinas que participei sobre produção de conteúdo. Hoje, sou professor da escola Pamáali em Novas Tecnologias, coordeno o setor de comunicação da escola, responsável pela produção de conteúdo para o blog da escola e das redes sociais. E ainda sobra um tempinho para postar neste blog e as minhas redes sociais. E ainda participo como moderador de um grupo de discussão de indígenas na web – a Rede de Cultura Digital Indígena – indicado no Simpósio realizado na USP, em dezembro de 2010¹¹⁷.

Nesse texto, sequência discursiva SD4, o sujeito se afirma indígena de uma etnia específica, sem se referir a algum elemento que simbolize a sua cultura. Nesse caso, mais do que marcar a condição de indígena por algum elemento da sua cultura, nesse perfil, o sujeito se apresenta marcado pelas funções que desempenha: professor da escola Pamáali, coordenar do setor de comunicação, responsável pela produção de conteúdo e moderador de um grupo de discussão na web. Como é possível observar, nesse texto, o que passa ser destacado é o domínio que o sujeito tem no uso da internet. O sujeito é um indígena, imaginariamente, marcado pelo discurso da tecnologia.

Nesse caso, o sujeito índio se coloca no lugar da diferença, mas fazendo parte dos novos tempos, de uma atualidade marcada pelo avanço das novas tecnologias. O sujeito, afetado ideologicamente pelo discurso tecnológico, enuncia enquanto usuário da rede mundial de computadores e conhecedor dessa tecnologia. O uso de palavras e siglas do campo tecnológico (blogger, WP) atesta este funcionamento.

Nessa direção, o sujeito, com domínio da tecnologia, desempenha funções. O autor do *blog* se mostra um sujeito comprometido com a causa indígena, que tem como aliada a internet. Assim, o sujeito produz seu texto, promovendo um deslocamento dos sentidos para os quais os índios como seres do passado.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

O deslocamento promove um movimento de ressignificação numa direção de dentro para fora e de fora para dentro. Ao se mostrar constituído na esfera tecnológica, mostra um elemento de fora sendo usado pelos sujeitos em prol do povo. Mas ao se significar constituído no espaço da tecnologia e nem por isso menos índio, coloca em ressignificação o imaginário de que o índio que se apropria de elementos de outras culturas deixa de ser índio.

Nos *blogs*, ao afirmar indígena e cidadão qualificado, pertencente a um espaço físico, os autores se mostram parte de um povo inserido no território nacional. Deste modo, o sujeito se significa na conquista dos direitos, como cidadão; mas é a partir de sua inserção no espaço, em relação à terra indígena, que ele se significa como índio de uma etnia específica. O pertencimento a uma etnia que vive em um espaço físico é significativo nesse discurso, funcionando como espaço simbólico de identificação do sujeito. Orlandi (2011, p. 23) afirma que, na perspectiva discursiva, o efeito de pertencer ao grupo é uma das ilusões que liga o indivíduo a suas condições sociais de existência. Nesse imaginário, ser índio é manter com a sua etnia e com o espaço físico uma relação de pertencimento e discursivizar-se como cidadão e o *blog* é um espaço de postagem que oferece essa possibilidade.

Em três dos quatro *blogs* analisados, a fotografia do perfil apresenta uma situação formal e se contrapõe à informalidade de outras fotos que circulam nos *posts*. Esse contraponto indica as diferentes posições do sujeito em relação à informalidade do cotidiano, em participação de eventos e a formalidade que representa a posição de autoria no *blog*. No vídeo e em situações de formação, o sujeito ocupa um lugar menos formal e mais próximo de seus costumes. As imagens do perfil, com terno, e as outras, mostram esse sujeito em contextos diferentes, dando a interpretar que um índio não tem uma imagem única e fixa, conforme representado nos estereótipos que abundam em textos de diversas naturezas que circulam na mídia e na escola. A sua imagem depende do espaço de dizer.

Em todos os *blogs* analisados, as qualificações e funções dos sujeitos são destacadas e a formalidade da apresentação dos perfis tem relação com a posição discursiva, que eles ocupam, a saber: representante indígena, autor (*blogger*) qualificado. Esse é um efeito de sentido produzido a partir de já ditos constitutivos da memória discursiva, ou seja, esse funcionamento tem relação com a antecipação de sentidos negativos sobre os índios. E o *blog* dos índios é um espaço para fazer circular sentidos deslocados, produzidos a partir de uma posição-sujeito constituída historicamente no espaço simbólico da resistência. Nesse discurso, a formalidade da imagem da foto constrói metaforicamente a imagem formal e respeitosa da liderança e do representante indígena na rede.

3.1.3. Os *posts*: verbal e não-verbal na formulação de sentidos de apropriação da ferramenta tecnológica

O *post* num *blog* constitui um dos elementos fundamentais do dispositivo, sendo a parte através da qual se produz a renovação diária. Embora as postagens sejam guardadas no arquivo, o *post* é uma publicação dinâmica, transitória. Nesse sentido, o texto do *post* tem sua significação marcada pelo movimento e pela imbricação de diferentes materialidades significantes. De acordo com Orihuela (2007, p. 3):

o principal elemento de um blog são as anotações (*posts*), ordenadas segundo a cronologia inversa (com as mais recentes primeiro), em que cada uma possui um endereço URL permanente (permalink ou link permanente), o que facilita a sua conexão a partir de sites externos.

É por intermédio dos *posts* que o blogueiro faz suas publicações, disponibilizando ou não espaço para os comentários, isto é, produz os seus textos, publicando-os instantaneamente no *blog*.

Com o intuito de compreender melhor o funcionamento da imagem junto ao verbal, analiso dois posts publicados nos *blogs*: Gasodá Suruí e M.

Marcos Terena, que compõem o *corpus* da pesquisa. Nos dois *posts*, a imagem, embora funcionando de formas diferentes, não são meras ilustrações, são materialidades significantes dos efeitos de sentidos de apropriação da tecnologia computacional por parte dos sujeitos indígenas.

O primeiro *post* a ser analisado foi publicado no dia 8 de fevereiro de 2012, no *blog* Gasodá Suruí, sequência SD5, transcrita abaixo.

SD5 - Windows 7 apresenta: Meu Mundo, Meu Computador, com Gasodá Suruí

Já não é mais novidade o poder que um computador tem de fazer com que lugares e pessoas a quilômetros de distância pareçam estar aqui do lado – ou mesmo na nossa frente. O que dizer, então, sobre um rondoniense que, com a ajuda de um computador com Windows, não apenas viu as portas do mundo se abrirem diante de seus olhos, mas também trouxe para a sua vida ninguém menos do que sua esposa?



Pois é essa a história de Gasodá, um autêntico índio pertencente à etnia Paiter, também conhecida como Suruí (que quer dizer “gente de verdade”), que só foi ter contato com um computador pela primeira vez no laboratório de informática da Faculdade São Lucas de Porto Velho, onde se formou em Turismo. No começo, ele tinha medo até de mexer: “Se a gente tocasse (no computador) de uma maneira errada, poderia até explodir. Era o que eu pensava”. Ainda bem que o medo passou, porque o computador abriu um

mundo de possibilidades na vida dele. Além do diploma, ele conheceu e se apaixonou pela mulher da sua vida, com quem conversava pelo Messenger¹¹⁸.

Postado por Gasodá Surui

Nesse *post*, o blogueiro, Gasodá Suruí, é personagem principal de uma propaganda do Windows 7. O texto da propaganda é uma citação sem fonte postada por Gasodá Suruí no seu *blog* pessoal, produzindo efeitos de sentidos específicos. A escrita em terceira pessoa mostra que o autor do *blog* não é o autor do texto, ele é o personagem da propaganda.

Na propaganda, por intermédio de um locutor de fora (a Microsoft) o personagem indígena é destacado como usuário do sistema operacional Windows 7, mostrando a função e o alcance do programa. No destaque dado ao personagem: “um autêntico índio rondoniense, que faz uso do sistema operacional”, está em funcionamento sentidos de inusitado, de não esperado. Esse efeito é produzido pelo funcionamento do imaginário e os sentidos cristalizados em relação ao índio como sujeitos “pouco evoluídos tecnologicamente” e que vivem em lugares distantes.

Nesse discurso, um índio, morador de Rondônia, usar o computador é algo inovador. O sentido de inovação, num movimento metafórico, significa o programa Windows 7, que é usado por pessoas que não dominam a tecnologia e que moram em lugares distantes.

O texto é uma propaganda, certamente produzida com fins comerciais, mas ao ser postado no *blog*, produz efeitos de sentido específicos. Ele funciona produzindo efeitos de sentidos de domínio da tecnologia por parte de Gasodá Suruí. Nessa direção, ao mostrar a sua história pessoal de uso do computador, o autor do *blog* se destaca enquanto detentor de um conhecimento tecnológico legitimado sem deixar de ser índio. Esses sentidos de afirmação da identidade indígena são mostrados pela foto, na qual aparece ornamentado de forma

¹¹⁸ Disponível em: <<http://gasodasurui.blogspot.com.br/2012/02/windows-7-apresenta-meu-mundo-meu.html>>. Acesso em: 25 maio 2012.

tradicional com cocar, colares e pintura corporal.

A foto, enquanto parte da propaganda, comprova a “autenticidade dos índios”, mas como *post* em um *blog* pessoal de Gasodá Suruí, significa a cultura do povo viva e forte, mesmo num processo de incorporação de elementos de outras culturas. No *blog* a fotografia funciona como gesto de um sujeito que, por mais que tenha domínio da tecnologia, continua mantendo a sua cultura. Com essa postagem, o sujeito indígena blogueiro se contra-identifica aos sentidos para os quais os índios são sujeitos menos evoluídos tecnologicamente, estão perdendo as suas culturas e se adquirirem elementos de outras culturas deixariam de ser o que são.

Pelo funcionamento dos efeitos de sentidos do texto sendo determinado pelo espaço de circulação, é possível afirmar que, numa perspectiva discursiva, um texto pode adquirir diferentes sentidos dependendo de suas condições de produção e circulação¹¹⁹.

O segundo *post* foi publicado no *blog* M. Marcos Terena no 28 de janeiro de 2011. Nesse *post*, o blogueiro trata da relação de desvantagem dos índios com os “brancos”, destacando a importância do domínio da tecnologia por parte dos índios. Pela forma de seleção e a publicação da foto compondo o texto, o blogueiro se inscreve também num processo discursivo de contra-identificação aos sentidos de que com a incorporação de elementos de outras culturas os índios deixariam de ser índios. A sequência discursiva SD6, abaixo, é a transcrição desse *post*.

SD6 - sexta-feira, 28 de janeiro de 2011

A REVOLUÇÃO CULTURAL INDÍGENA

¹¹⁹ A partir desse funcionamento, é possível dizer que a ação de cortar e colar em um *blog* não é uma mera repetição. Cada colagem, constitui um outro texto com sentidos diferentes.



Irmãos Indígenas, Amigos e Guerreiras.

Cada dia, cada semana, cada mês, cada ano surge um curso sobre o tema indígena. Geralmente feito pelo homem branco, produzido e inventado em salas apertadas com ares condicionados.

Depois de pronto, correm atrás de algum dinheiro, patrocínio do governo ou de outro.

É quando entra a figura indígena. Tornam-se amigos, aliados, etc... Geralmente são utilizados irmãos indígenas que vivem fora de suas aldeias, mas mantêm língua, costume e conhecem a tradição.

Esse é o truque usado contra os indígenas ao longo de todo processo colonizador.

É hora de levantar a bandeira indígena sobre a Educação. Uma Universidade Intercultural Indígena no Brasil seria um grande passo para a autonomia pessoal e coletiva dos direitos indígenas: conhecimento em igualdade de condição com o mundo global. As instituições educacionais e os intelectuais têm um verdadeiro pavor dessa verdade e por isso, oferecem migalhas como bolsas de estudos, cotas e ainda falam que estão fazendo-nos bem e que é um reconhecimento...

Tomara que a nova geração raciocine sobre isso e busque concretizar esse sonho, mesmo que demore algum tempo. Isso sim, que se poderia chamar: revolução... cultural!

Marcos Terena¹²⁰

¹²⁰ Disponível em: <<http://www.marcosterena.blogspot.com.br/search?updated-max=2011-02-19T23:32:00-02:00&max-results=3&start=6&by-date=false>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

Nessa postagem, a foto junto ao verbal também tem um funcionamento específico, já que não ilustra o texto. A foto compõe o *post* através de argumentos diversos e que complementam o texto escrito. Na foto, as pessoas aparecem vestidas com roupas comuns, mas com adornos indígenas. Na foto, esses adornos podem simbolizar metaforicamente a cultura viva, mesmo num espaço cultural do não-índio.

Na imagem, aparecem as pessoas sentadas em frente a um computador, numa posição de uso, de apropriação e, até mesmo de trabalho. As mãos no *mouse* indicam o domínio da ferramenta, sendo este gesto produzido a partir da inscrição do sujeito num discurso de valorização da tecnologia e do trabalho. A marca da cultura indígena aparece no adorno na cabeça, na pintura e nos colares. Metaforicamente, o adorno significa a presença e a força da cultura, em um espaço de avanço tecnológico.

Pelo que é possível observar no movimento de interpretação no qual se insere o sujeito com o seu gesto na seleção e na publicação da foto, a apropriação dos instrumentos tecnológicos pode fazer parte da sua luta contra a dominação dos “brancos”. E, nesse processo de domínio da tecnologia, na posição autor, o sujeito indígena pode colocar em circulação a sua versão da história.

Nesse segundo *post*, embora atravessado por sentidos ocidentais de trabalho e avanço tecnológico, o sujeito posta uma crítica sobre a relação dos “brancos” com os índios desde a colonização. Uma marca do atravessamento do discurso ocidental é a palavra “irmãos”, que remete a um discurso religioso cristão¹²¹. Mas, com os trechos “Tornam-se amigos, aliados, etc...”, “Esse é o truque usado contra os indígenas ao longo de todo processo colonizador”, o sujeito diz numa posição discursiva constituída no espaço simbólico da resistência aos sentidos de dominação. A palavra “truque” indica esse posicionamento do

¹²¹ Evangélicos usam a forma de tratamento “irmãos” para designar aqueles que comungam da mesma seita religiosa.

sujeito da resistência, no que diz respeito à relação desvantajosa estabelecida entre índios e não-índios.

O assunto atual, a universidade indígena, é levantado, mas é o questionamento do tipo de relação que a sociedade envolvente estabelece com os índios, desde a colonização, a questão do debate. Mas, no texto, não é colocada em discussão a atitude de sujeitos individuais. O que se questiona é o sistema de relações institucionais. Com o trecho “As instituições educacionais e os intelectuais tem um verdadeiro pavor dessa verdade e por isso, oferecem migalhas como bolsas de estudos, cotas e ainda falam que estão fazendo-nos bem e que é um reconhecimento...”, a crítica é direcionada ao sistema educacional: instituições e intelectuais. A palavra “branco” indica a interpretação de distanciamento com esse outro, o agente do contato na colonização. Com o trecho “ainda falam que estão fazendo-nos bem”, o sujeito se inclui num coletivo: nós indígena, marcando um distanciamento entre os índios e os “brancos”.

A instantaneidade e a dinamicidade das postagens é um aspecto que influencia a produção dos sentidos do que é postado no *blog*. Considerando a relevância do avanço tecnológico e das discussões sobre a formação universitária dos índios e as diferentes iniciativas surgidas em várias regiões do país, o texto, coloca em questão uma problemática anterior, a relação dos “brancos” com os índios, mostrando que estes podem dominar a tecnologia, ter formação e continuar sendo índio, com uma cultura viva e forte. Com a dinâmica da rede, esse processo de apropriação da ferramenta dos índios pode ter mais visibilidade pela circulação.

Diante das análises das páginas iniciais, perfis e *post* dos *blogs*, é possível perceber que a relação entre o verbal e o não-verbal contribui para a compreensão de que o uso das imagens, gravuras, fotografias, vídeos e animações na composição da textualidade eletrônica, em circulação na rede, é uma particularidade relevante na construção dos sentidos. De acordo com Orlandi (2010, p. 12),

habitualmente, o que acontece é que há uma determinação ideológica do verbal sobre o não-verbal, achatando as especificidades. Como se fossem meras adições, soma. No entanto, uma imagem posta junto ao verbal, no digital, não deve ser simples exercício de ilustração, mas significação atestando a abertura do simbólico, dispersão de sentidos.

No caso que analiso, o uso da fotografia de um autor na primeira página de um *blog* ou na produção de um *post*, não é simples ilustração. Também não é ilustração a postagem de um vídeo no qual o sujeito indígena com adornos tradicionais se apresenta oralmente e apresenta a sua filha bebê. Além disso, não é ilustração a postagem de uma animação, cujo efeito é a dinâmica na relação da diversidade na América do Sul. Essas formas não-verbais são materialidades que participam da constituição dos sentidos por intermédio de sua formulação.

A predominância da cor verde na composição da página principal também é uma materialidade importante, pois marca a inscrição do sujeito numa memória de relação específica com a natureza. Nesse sentido, o sujeito se apropria da ferramenta tecnológica, o computador, na produção da sua escrita, se subjetivando marcado por um elemento simbólico, a natureza, que o constitui como diferente.

Uma das discussões importantes na era digital é a mudança do caráter da imagem. Em relação à imagem, Nazario (2005, p. 413) considera que:

o digital desmaterializa a imagem e instaura uma realidade imaginária [...]. As novas tecnologias digitais transformam a imagem em movimento numa estrutura inteiramente construída: o que na era moderna era material e concreto tornou-se, na era pós-moderna, abstrato e fluído.

Com relação a essa transformação da imagem, numa perspectiva discursiva, o produtivo é compreender o processo material/interpretativo da composição da imagem e a sua colocação junto ao verbal. É no espaço simbólico da perspectiva das fotos, da edição dos vídeos, da montagem da animação e todas as formas de manipulação e produção que são materializados os gestos de

interpretação dos sujeitos, que sempre terá o funcionamento do ideológico, portanto, do político.

Pelo que venho observando, nos *blogs* em análise, resguardando as especificidades, os sentidos direcionam, de forma geral, para a construção de uma imagem positiva dos índios na rede, sendo essa construção um gesto político, formulado pelo verbal na imbricação com o não-verbal. Isso porque,

o caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outros aspectos, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem, produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. Movimento totalmente inverso ao que ocorre com a linguagem verbal (SOUZA, 2011, p. 388).

A imagem, nesse caso, complementa o texto escrito, sendo um recurso argumentativo próprio dos espaços de escrita dos *blogs*. Sendo assim, o não-verbal é um componente da composição do texto na rede digital que participa da formulação dos sentidos. Como na rede a postagem é instantânea e a renovação dos assuntos é constante, de alguma forma, esse funcionamento pode proporcionar via circulação, uma maior visibilidade da imagem indígena construída e dos deslocamentos de sentidos produzidos.

3.2. O sujeito no movimento e fluidez dos sentidos na rede: o processo de contra-identificação

Conforme o que se observa nas análises, os sujeitos indígenas, enquanto ocupam a função-autor nos *blogs*, tomam posição¹²², atravessados por discursos, com os quais se indentificam e contra-identificam. Nessa perspectiva, os efeitos de sentidos produzidos pela formulação nos *blogs*, a partir do funcionamento da função-autor contrapõem-se ao discurso etnocentrista ocidental (FD1), desqualificando os seus pré-construídos.

¹²² Cf. Pêcheux, 1995.

No discurso, o 'pré-construído' é considerado o sentido que está em posição de anterioridade ou exterioridade em relação ao enunciado. Conforme Pêcheux (1995, p. 99), "P. Henry propôs o termo 'pré-construído' para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é 'construído' pelo enunciado". Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático.

Solange Gallo (2008, p. 27) propõe "um alargamento da noção, evidenciando o 'pré-construído' em uma construção onde não há uma operação sintática na base de sua produção. Portanto, propõe que o 'pré-construído' pode ser produzido independentemente de uma posição enunciativa. Nos *blogs*, o pré-construído tem um funcionamento fora de uma operação sintática, já que a desqualificação dos pré-construídos do discurso etnocentrista ocidental funciona como efeito do não-dito.

Nas postagens, ao se apresentar como índio pertencente a uma aldeia, a uma terra de antepassados indígenas, localizada em um espaço determinado, o sujeito se afirma na diferença étnica, que sempre habitou e habita o território brasileiro. Nesse dizer os sentidos formulados são os de índios vistos como sujeitos do presente, embora tenham passado por um processo de contato massacrante e devastador. O sujeito desse discurso se contra-identifica aos sentidos de que os índios são sujeitos do passado e aos que tratam como espaço vazio o território encontrado pelos colonizadores na época do "descobrimento".

Ao se apresentar na rede com conhecimento da tecnologia e nem por isso menos índio, o sujeito produz interpretação na direção da afirmação de que, embora com mudanças provocadas pelo contato, os índios não deixam de ser o que são, em relação à especificidade étnica e cultural. Nesse sentido, na divulgação das ações, execução de projetos, organização coletiva e processo de formação os sentidos em funcionamento são os de índios sujeitos capazes e trabalhadores, que mantém viva a sua cultura e lutam pela autossustentabilidade, embora com a aquisição e elementos de outras culturas e afetados por sentidos ocidentais. Nesse processo discursivo, o sujeito se contra-identifica aos sentidos

estereotipados da FD1, que significam negativamente os índios como sujeitos incapazes, preguiçosos e, caso adquiram elementos de outras culturas, deixam de ser índios.

Além disso, na afirmação da cidadania explicitamente colocada nos *blogs*, os sentidos mobilizados, representam os índios de forma não naturalizada, embora tenham uma relação específica com a natureza. A relação com a natureza é forte e específica, mas não é uma relação natural, pois os índios são sujeitos históricos, com direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988 e politizados nos movimentos e lutas em prol de direitos. Com esse dizer o sujeito se contra-identifica aos sentidos depreciadores que consideram os índios “menos evoluídos”, “silvícolas” e “selvagens”.

E, com a publicação de conhecimentos que mostram as especificidades das culturas, o sujeito inscrito numa Formação discursiva indígena de resistência¹²³ apresenta a diversidade indígena, se contra-identificando à generalização do discurso ocidental para o qual os índios são todos iguais.

O quadro, figura 28, sintetiza o processo de contra-identificação do sujeito indígena aos pré-construídos do discurso etnocentrista ocidental.

Efeitos de sentidos produzidos pela formulação nos <i>blogs</i> Formação discursiva indígena de resistência (FD3)		Pré-construídos da Formação discursiva etnocentrista ocidental (FD1)
- Os antepassados indígenas eram donos do território brasileiro. (Os índios já habitavam o Brasil na época da chegada dos colonizadores. O espaço encontrado pelos portugueses não era vazio)	Contra-identificação	- “O Brasil foi descoberto”
- Os índios são sujeitos do presente e habitam o Brasil. (Apresentação do espaço físico, da terra indígena, da aldeia)	Contra-identificação	- “Os índios são sujeitos do passado”

¹²³ Daqui por diante FD3.

- Os índios são cidadãos com direitos e capacidade intelectual. (Discussão política, luta pelos direitos adquiridos legalmente e destaque na formação)	Contra-Identificação	- “Os índios são menos evoluídos, selvagens”
- Os índios são trabalhadores. (Divulgação das ações dos povos e execução dos projetos)	Contra-Identificação	- “Os índios são sujeitos incapazes e preguiçosos”
- Os índios podem adquirir conhecimento de outras culturas e continuar sendo índios. (Divulgação de ações que mostram o domínio da tecnologia)	Contra-Identificação	- “Os sujeitos que adquirem elementos da outra cultura não são mais índios”
- Os índios se vestem de maneira diversificada. (Uso de vestimentas tradicionais e não tradicionais)	Contra-Identificação	- “Os índios são sujeitos que vivem quase nus e/ou adornados com penas”
- Os índios são diferentes e possuem cultura específica. (Divulgação de especificidades das culturas)	Contra-Identificação	- “Os índios são todos iguais”

Figura 28: Quadro de funcionamento da contra-identificação.

Conforme o exposto, é possível compreender que, com esse funcionamento, na textualização nos *blogs*, há no discurso um processo de contra-identificação dos índios ao discurso etnocentrista ocidental dominante. Nesse processo, os sujeitos produzem o que Pêcheux (1995) denomina de contradiscurso. O contradiscurso, de acordo Pêcheux (op. cit, p. 215), é um processo a partir do qual “o sujeito se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’ como determinação exterior de sua interioridade subjetiva.” Isso entendendo que, mesmo afetado por sentidos ocidentais capitalista de trabalho, de economia, de formação, de preservação da natureza, de domínio da tecnologia, o sujeito produz uma contra-identificação aos sentidos da Formação discursiva etnocentrista ocidental, que é conservadora em

relação aos discursos que sustentam/sustentaram as ações do contato no processo de colonização do Brasil.

Mas o *blog* não é apenas um lugar de produzir o contradiscurso, isto é, ele é espaço para a tomada de posição do sujeito, numa posição Índio/indígena autor, a partir da qual produz a resistência. Na função-autor, o sujeito produz seus gestos de interpretação, se identificando à Formação discursiva indígena de resistência (FD3), que desqualifica, pelo não dito, os pré-construídos da Formação discursiva etnocentrista ocidental. E, esse é o funcionamento discursivo que será tratado no quarto capítulo.

CAPÍTULO IV

A autoria como gesto de resistência dos índios na rede: a construção imaginária da unidade do texto na página digital e o efeito-autor

Em termos discursivos, para que um sujeito se torne autor de seu texto não é necessário que seja original, mas é preciso que ele tenha condições materiais de produzir uma interpretação, filiando-se a uma rede de sentidos legitimados e constituídos historicamente. Nessa direção de sentidos, os *blogs* podem ser espaço para a constituição da autoria na rede, tendo em vista a legitimação instantânea do dizer. Isso por que, de acordo com Gallo (2011, p. 418), todo sujeito que tem acesso às novas mídias e à internet, pode ter acesso aos novos (e instantâneos) meios de legitimação de sua produção. “Esse sujeito pode ser autor de um blog, ou de um vídeo no You Tube, ou de um verbete na Wikipédia, sem ter passado pelos rituais da escrita e do Discurso da Escrita”.

A partir dessa compreensão, os *blogs* em análise, páginas pessoais de lideranças indígenas criadas e mantidas em circulação, podem ser compreendidos como espaço de autoria, já que são espaços de dizer legitimado, que cumprem uma função social e/ou política para esses sujeitos e suas comunidades. Considerando que os *blogs* de autores indígenas sejam espaços de autoria na rede digital, neste capítulo desenvolvo uma análise dos gestos e efeitos dessa autoria, tendo em vista a função-autor e o efeito-leitor. Isso por que a autoria que proponho discutir, neste trabalho, está relacionada a um efeito e a uma função do sujeito, que configura a ferramenta e produz seus *posts*, se colocando na origem do sentido.

Nessa abordagem, sabendo que estar *on-line* é uma condição da textualização nesse espaço de postagem, proponho tratar da posição da qual o sujeito produz as suas publicações, procurando observar os gestos de interpretação dos sujeitos interpelados pela ideologia no processo de sua inscrição no repetível histórico. Isso considerando que no acontecimento da formulação em

um *blog*, a ilusão da instantaneidade e da presença imediata do interlocutor (efeito-leitor) constitui a produção dos sentidos.

A partir da observação e da análise de *posts*, discuto a constituição da especificidade dos gestos de autoria indígena e os seus efeitos discursivos na rede, considerando a tensa relação entre dispersão e unidade, isto é, discurso/texto e sujeito/autor. Assumo esta discussão, sabendo que “o sujeito precisa passar da multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentando-se como autor responsável pela unidade e coerência do que diz”(ORLANDI, 1999a, p. 76).

Nesse caso, algumas questões podem ser colocadas no sentido de direcionar as análises. É possível dizer que o *blog* é um espaço de legitimação de dizeres indígenas na rede mundial de computadores? Em que posição-sujeito o blogueiro se constitui autor de seu texto produzindo interpretação que circula e reverbera na rede? Como é constituída a autoria enquanto efeito e função do sujeito nos *blogs* de autores indígenas? Que efeito-leitor esse discurso produz?

4.1. Tempo e espaço na textualização *on-line*: da dispersão e fluidez dos sentidos, o desejado efeito de fim

Na prática da textualização, o autor constrói imaginariamente a unidade do texto e o efeito de unidade sempre mantém uma relação com a dispersão dos sentidos que o atravessam. De acordo com Orlandi (2001, p. 84),

o texto é carregado de discursividades superpostas que não estão (não podem estar) perfeitamente articuladas na espacialização linear do texto, ou seja, não cabem na linha. A formulação é assim um gesto que se con-firma (con-figura, con-forma) no meio da variação: o sentido sempre poderia ser outro.

Partindo dessa compreensão da textualidade, a função-autor é a dimensão do sujeito que trabalha a amarração e contenção dos sentidos, criando, com esse gesto, o efeito de unidade. Assim, na posição autor o sujeito “precisa ter

domínio (ainda que imaginariamente) dos sentidos que supõe produzir, fazendo movimentos de referência, antecipação e retroação, não deixando o sentido ir para qualquer lugar nem ser qualquer um” (ROMÃO, 2006, p. 17). Isso porque, de acordo com Orlandi (2007, p. 68-69) a autoria é uma função do sujeito responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto. A esse respeito diz:

Se a noção de sujeito recobre não uma forma de subjetividade mas um lugar, uma posição discursiva (marcada pela sua descontinuidade nas dissensões múltiplas do texto) a noção de autor é já uma função da noção de sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo o efeito de continuidade do sujeito. A partir daí – à diferença de Foucault, que guarda a noção de autor para situações enunciativas especiais (em que o texto original, “de autor”, se opõe ao comentário) – procuramos estender a noção de autoria para o uso corrente, enquanto função enunciativa do sujeito, distinta da de enunciador e de locutor (Orlandi, 1987). Com isso, a função-autor, para nós, não se limita, como em Foucault (1983), a um quadro restrito e privilegiado de produtores “originais” de linguagem (que se definiriam em relação a uma obra). Para nós a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim. Em outras palavras, ela se aplica ao corriqueiro da fabricação da unidade do dizer comum, afetada pela responsabilidade social (Orlandi, 1993): o autor responde pelo que diz ou escreve pois é suposto estar em sua origem. Assim, estabelecemos uma correlação entre sujeito/autor e discurso/texto (entre dispersão/unidade, etc.).

Tendo essa noção de autoria como suporte de compreensão da textualização produzida nos *blogs*, desenvolvo as análises, discutindo a possibilidade de autoria na rede e o que essa possibilidade pode significar para os índios na produção de seus gestos de interpretação e, nestes gestos, a resistência.

4.1.1. Sob o efeito imaginário da ausência de intermediários

Em termos discursivos, um texto formulado *on-line* funciona e produz sentidos diferentemente de um texto escrito em outro suporte. Isso por que os sentidos de um texto são parte de processos discursivos constituídos historicamente e determinados pelas suas condições de produção. Em termos de condição de produção, o *blog* é um espaço de postagem que funciona sob o efeito de uma interlocução imediata e sem intermediários, ou seja, a escrita é produzida sob a ilusão de tempo real. Nessa direção de sentidos, para Komesu (2010, p. 142), “os *blogs* podem ser caracterizados por uma *relação temporal síncrona*, ou seja, constituída na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede”.

O efeito da interlocução sem intermediários, nos *blogs* em análise, pode ser observado nos enunciados de boas-vindas e em outros espaços das páginas iniciais. As sequências SD7 e SD8, abaixo, são exemplos tirados dos *blogs*: *Nodanakaroda* e *Baniwaonline*, mas em todos os *blogs* esse funcionamento pode ser observado.

SD7 - Olá! bem-vindo ao meu blog. Espaço para compartilhar com você informações, notícias, novidades, fotos e muito mais, sobre os Povos do Rio Negro. Obrigado por sua visita, espero que goste. Deixe seus comentários. Abraços!!¹²⁴

SD8 - Veja a síntese da reunião do GT de discussão do Programa de Formação Avançada Indígena Rio Negro¹²⁵

As formas pronominais e verbais na segunda pessoa (você, goste, deixe, veja) materializa essa relação do blogueiro com o leitor. O autor configura o seu *blog* e produz suas postagens sob o efeito dessa proximidade imaginária, uma vez que a relação com o outro em um *blog* é perpassada pelo imaginário. Nesse caso, o blogueiro, num processo de antecipação de sentidos, se dirige a um

¹²⁴ Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

¹²⁵ Título de um *post* publicado no *blog* Baniwaonline no dia 06 de abril de 2012. Disponível em: <<http://baniwaonline.wordpress.com/page/2/>>. 29 set. 2012.

público leitor próximo virtualmente, os seguidores¹²⁶, afetado pelo jogo das formações imaginárias.

Com o intuito de compreender melhor esse funcionamento imaginário da ausência de intermediário na textualização *on-line*, analiso um *post* publicado no *blog Nodanakaroda*, no dia 18 de junho de 2012, sequência SD9, abaixo.

SD9 - Pitsiro Pamáali, segunda edição de 2012 já disponível.
JUN 18 - Publicado por benjamimray



PITSIRO PAMÁALI
Boletim Informativo da Escola Indígena Baniwa Coripaco Pamáali, N.º 4, Edição 2/2012

EIBC- Pamáali lançou o primeiro livro da série Kaawhiperi Yoodzawaaka



A EIBC- Pamáali inaugurou a Série Kaawhiperi Yoodzawaaka com o Lançamento do livro O que a GENTE precisa para VIVER e ESTAR BEM no mundo, em São Gabriel da Cachoeira e Castelo Branco ainda no começo do ano. A coleção é composta por 13 monografias, resultado de anos de pesquisas realizadas pelos alunos do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Kaakhattaadapa -CPDEK e coordenado por professores das Escolas Baniwa e Coripaco. A série traz versão em Baniwa e Português.



A escola Pamáali recebeu visitas durante o primeiro semestre deste ano. Apesar de chegarem com um objetivo de trabalho como a equipe da escola Heliene (Oficina), Labe Diniz (consultora), foram chamadas de visitas. Na foto grupo Koliwa, na EBC na primeira semana de maio.



Escola Pamáali na primeira etapa letiva realizou seminários de apresentação de pesquisas desenvolvidas por grupos de alunos. Na foto, aluno Genivaldo Pereira apresentando sobre as "Fontes de Energia Limpas", durante um seminário na escola.

Equipe Austríaca visitou escola Pamáali em abril
Intercâmbio de experiência do Grupo Koliwa (Povos Xikrin e Krahô) na Escola Pamáali
Rede de Escolas Baniwa e Coripaco realiza oficina de organização e revisão de material para publicação das Escolas Heliene e Kayakaapoli.
Escola Pamáali instalou mini-usina de hidro-cinética

Publicações | Escola Pamáali | Movimento Indígena | Sustentabilidade | Aconteceu

¹²⁶ Nesse funcionamento imaginário específico, os leitores do *blog* não são apenas visitantes, eles são seguidores, considerando as funções desses sujeitos no mundo virtual.

Foto: Reprodução

Pessoal, como falei no post anterior, apenas hoje consegui acessar meu blog. E em primeiro lugar quero compartilhar com todos os visitantes do blog a Edição 2 do Boletim Informativo da Escola Baniwa Coripaco Pamáali, Médio Içana.

A edição 2, cobre as principais atividades que ocorreram na primeira etapa letiva da Escola Pamáali que aconteceu nos dias 26 de março a 08 de Junho. A edição destaca o lançamento do primeiro Livro Kaawhiperi Yoodzawaaka e muito mais!

Você pode ler e baixar o boletim nesse endereço: <http://pt.scribd.com/doc/97204297/Pitsiro-Edicao-2-2012>

Abraços e uma boa leitura

O *post*, sequência discursiva SD9, é a informação sobre uma publicação da edição 2 do boletim informativo da Escola Baniwa Coripaco Pamáali e a sua disponibilidade na rede. A forma com que o blogueiro se dirige ao público leitor tem relação com o imaginário de um interlocutor próximo em dois sentidos, em termos de distância e em termos de intimidade. A palavra “pessoal”, funcionando como vocativo, indica uma proximidade do interlocutor em termos de tempo e de espaço, ou seja, o que está sendo formulado e escrito será lido naquele momento por um sujeito próximo, que está *on-line*, ou seja, o *post* é produzido sob o imaginário de um interlocutor conectado.

Os efeitos da proximidade também podem ser observados no jeito espontâneo de dizer do blogueiro. Na posição de autor do *blog*, ele se dirige diretamente ao seu interlocutor e esse funcionamento é mostrado no uso da forma de tratamento “você”. O jeito direto de se dirigir aos seus interlocutores (segunda pessoa) dá à escrita um tom de informalidade, de conversa. A palavra “pessoal”, que aparentemente é indeterminada, adquire uma determinação no período seguinte “E em primeiro lugar quero compartilhar com todos os visitantes do blog a Edição 2 do Boletim Informativo da Escola Baniwa Coripaco Pamáali, Médio Içana”. Nesse enunciado o interlocutor é denominado “visitante”, ou seja, o internauta que navega pela rede, mas o funcionamento é o de um seguidor, como já foi referido.

Nesse funcionamento, a proximidade virtual com o interlocutor faz parte

das relações de sentidos estabelecidas no *blog* e destas com a exterioridade. O público é o visitante, conhecido virtualmente, sendo o jeito coloquial de dizer do blogueiro parte desse funcionamento. O blogueiro retoma um *post* anterior, pressupondo que o interlocutor que lê o seu *post* atual, tenha também lido o texto anterior, sendo a partir desse imaginário que a unidade textual se constrói. É a partir de um imaginário de interlocutor, embora visitante, já conhecido virtualmente que o texto é produzido e o seu fecho imaginário construído.

O blogueiro disponibiliza no *blog* um material produzido pela sua comunidade numa atividade da escola e com esse gesto coloca em funcionamento sentidos para os quais os índios estão conectados e fazem parte da nova realidade tecnológica contemporânea. Com o enunciado “Você pode ler e baixar o boletim nesse endereço: <http://pt.scribd.com/doc/97204297/Pitsiro-Edicao-2-2012>”, o texto é finalizado, fechado, indicando um desdobramento do trabalho da leitura, já que o material pode ser lido no momento e/ou pode ser baixado, arquivado, guardado para ser lido em um outro momento, não determinado.

O *link* de acesso ao material, materializa sentidos de ações mediadas pela tecnologia. Com a indicação do *site* para a aquisição do material, o autor fecha o texto, numa posição de detentor dos conhecimentos técnicos de manuseio da ferramenta e das relações virtuais. Esse gesto constitui o sujeito índio no exercício da autoria na rede. O *post* não é assinado, mas pelo mecanismo do *blog* “Postado por benjamimray”, a responsabilidade do texto que circula é atribuída ao blogueiro que coloca em circulação um informativo sobre as atividades da escola de sua comunidade.

Nesse caso, através do *post*, o autor produz um gesto de interpretação significando os índios numa posição de conhecedores e detentores da tecnologia, sendo a apropriação da ferramenta tecnológica uma questão importante que faz parte da constituição do sujeito indígena na contemporaneidade. Isso por que para ser autor na rede, o sujeito precisa se apropriar da ferramenta e nessa apropriação o sujeito interpreta, significa e se constitui nessa atualidade marcada

pelo avanço tecnológico.

Situando historicamente o *post*, é possível compreender que os sentidos nele produzidos fazem parte de um processo discursivo maior que é o de afirmação indígena na rede. No processo de afirmação, o domínio da tecnologia funciona como um elemento que qualifica o sujeito índio. O fato de o sujeito indígena se apropriar da ferramenta e produzir seu dizer na rede, numa posição de autoria, evidencia que os índios são capazes de lidar com o mundo digital e estão dominando a tecnologia. Assim, o gesto de autoria é produzido pela inscrição do sujeito no processo discursivo de afirmação da identidade, sendo a relação de proximidade com o leitor virtual componente importante desse processo. A relação de proximidade com o leitor produz um efeito de evidência de que os índios ocupam um novo espaço de significação e esses sentidos são compartilhados com diferentes internautas.

Numa perspectiva discursiva, o dizer mantém relação com o não-dito ou que poderia ser dito. E essa relação só é possível por que no discurso há um espaço preenchido pela memória na sua relação com a história. É pela memória do contato entre índios e não-índios constituída na história do Brasil que se tem acesso ao pré-construído do discurso etnocentrista ocidental. No processo de afirmação indígena, no qual os índios são reconhecidos como detentores de conhecimentos tecnológicos, os pré-construídos do discurso ocidental de que “os índios são incapazes” e “pouco evoluídos tecnologicamente” são colocados em questão. As verdades desse discurso são desestabilizadas pelo efeito da evidência que a disponibilização do material na rede promove.

4.1.2. A instantaneidade da publicação: o clique “publicar postagem” produzindo o efeito de fecho

É na posição sujeito-autor conectado, que o blogueiro produz o seu *post*, se dirigindo, na ilusão de tempo real, a um público leitor imaginário virtualmente próximo, sem pressupor intermediários. E é dessa maneira que o

efeito de estar *on-line* dá contorno ao que é formulado, escrito e postado no *blog*. Enquanto estrutura formal, um *post* aparece com uma data e uma autoria marcada, sendo estes aspectos, produtos de sua configuração. Como já foi dito, a data e a autoria marcadas, em forma de decalque, em cada *post*, imputa a um sujeito a origem do texto postado em um determinado tempo, ancorando a produção dos sentidos no acontecimento da enunciação.

Para tratar do evento discursivo na textualização *on-line*, tomo como base as discussões teóricas de Solange Gallo (2008, 2011) sobre espaços cambiáveis. Em analogia com o “ao vivo”, Solange Gallo (2011, p.421) considera que no *on-line* o que há é um preenchimento permanente dos “espaços cambiáveis”. Há uma fluidez que exige permanente presentificação.

Solange Gallo (2011, p. 421-422) formulou a noção de espaços cambiáveis para explicar o funcionamento do “ao vivo” nas produções radiofônicas¹²⁷. A esse respeito, Gallo (2011, p. 421) afirma que,

ser “ao vivo” exigiu de nós a elaboração de uma nova noção que pudesse dar conta do efeito de “fecho” e da unidade que se produzia nessas condições. Isso porque o momento da transmissão do programa “ao vivo” constituía uma mínima parte do conteúdo, que se materializava nesse momento. O restante era gravado pelos alunos anteriormente, na própria escola, e trazido em fita cassete. Mas essa instância que aí se materializava no momento da transmissão produzia o EFEITO-autor (unidade, fim) para todo o material produzido em outro momento e transmitido ali como se estivesse sendo produzido “ao vivo”. Ou seja, esses “espaços cambiáveis” eram os espaços preenchidos durante a transmissão: a locução da hora presente, as respostas aos ouvintes pelo telefone etc. Uma vez preenchidos, eles refletiam seu efeito de “presente” para todo o conteúdo do programa.

No *blog*, um funcionamento semelhante se processa. Tudo que é produzido, formulado, citado tem efeito de fecho pelo clique “publicar postagem”. É nesse clique, no evento (acontecimento) discursivo da postagem, que os espaços

¹²⁷ A noção “espaços cambiáveis” foi formulada por Solange Gallo em sua pesquisa de doutorado sobre produções radiofônicas, na década de 90, publicada em forma de livro no ano de 2008, com o título: “Como o texto se produz: uma perspectiva discursiva”.

cambiáveis são preenchidos e todo o conteúdo adquire sua significação sob o efeito de presente. Para Gallo (2011, p. 421),

o evento discursivo é o momento da saturação dos “espaços cambiáveis” e que tem relação com a presentificação. O conteúdo desses espaços é a materialização do “presente” do texto. Em outras palavras, diremos que no preenchimento dos “espaços cambiáveis” se materializa a relação entre os interlocutores (locutor/ouvinte).

No *blog*, poderia dizer que é no evento discursivo de cada postagem que os “espaços cambiáveis” são preenchidos na relação autor/leitor. A data de cada *post* é a materialidade dessa presentificação, que remete a um movimento transitório da publicação na rede. Isso considerando que em um *blog*, embora os *posts* sejam produzidos sob o imaginário de estabilidade, pois ficam no arquivo, é no movimento e na fluidez que os textos produzem sentidos. Os *posts* vão sendo arquivados, mas podem desaparecer a qualquer momento e isso afeta a sua significação. De acordo com Komesu (2010, p. 142),

as marcações do dia e da hora exata do evento textual, indicadas de modo automático pelo programa, apontam para um duplo caráter na atividade de reformulação dessa escrita. Ao mesmo tempo que o texto do *blog* é *eternizado* porque materializado pelos suportes (da escrita, da internet), ele é, também, extremamente *fugaz*, porque é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação. (Grifos da autora)

Na figura 29, abaixo, apresento um exemplo de como a presentificação do dizer aparece marcada materialmente na página digital.



Figura 29: A data em um *post* do *blog* Nodanakaroda – out. de 2010.

A data “AGOS 31” localiza o *post* no tempo e no espaço da página digital aparentemente sem borda, produzindo a presentificação do texto, que apresenta um ritual tradicional sendo praticado pelo povo depois de muito tempo de silêncio. Para compreender esse funcionamento, analiso esse *post*, sequência SD10, abaixo.

SD10 - Escola Pamáali, danças tradicionais Baniwa voltam a acontecer depois de muitos anos de silêncio.

AGO 31 - Publicado por benjamimray



Formatura de alunos de ensino fundamental na Escola Pamáali (foto: Plínio M).

Tradicionalmente, as flautas e instrumentos são guardadas em igarapés, lá podem ficar quanto tempo for necessário, quando são retirados para as festas o som continua sendo o mesmo, muitas vezes melhor do que antes. Deixar os instrumentos na água é uma forma certa de preservar e manter as flautas em plenas condições de serem usadas.

Antes da chegada dos missionários evangelicos na região, os Baniwa realizavam suas festas de comemorações e rituais que eram realizadas em certos períodos. Depois da chegada deles, a forma de viver nas comunidades mudou também. Houve uma conversão em massa da população. Depois de alguns anos, outros preferiram voltar a viver como viviam antes, outros preferiram seguir a nova crença. Muitos velhos deixaram de passar o rico conhecimento de danças e muito conhecimento tradicional que possuíam. As flautas foram guardadas, o conhecimento guardado e demorou muito tempo para que voltasse a soar. A região ficou em silencio por um bom tempo, embora em algumas comunidades ainda estivessem acontecendo, mas, o trecho do médio ficou em silencio.

Quando em 2004, as flautas voltaram a soar na região, na primeira formatura de ensino fundamental da escola Pamáali. Dezesete jovens, e ao redor mais de 300 pessoas assistindo aquilo que há tempo os olhos não viam. Alguns velhos ficaram emocionados ao ver e ouvir o som das flautas. Quanto tempo demorou para tirarem as flautas das águas. Depois, em outras formaturas continuaram as apresentações. Hoje, na região é comum ver danças tradicionais em eventos e recepções.

Demorou, mas, é muito bom saber que os velhos não deixaram o conhecimento e as danças desaparecerem, apenas guardaram elas nos igarapés, porque sabiam que algum dia eles iriam usá-las¹²⁸.

Nessa sequência SD10, o blogueiro produz seu texto, enfocando o retorno de um ritual Baniwa, que foi silenciado por um longo tempo na ação do contato. De acordo com o *post*, o ritual das flautas foi silenciado por ações religiosas externas, mas está sendo retomado pelo povo. O ritual, na atualidade, faz parte dos eventos, das recepções e das formaturas.

No gesto de referir o conhecimento tradicional no presente, nesse *post*, o blogueiro mostra que, apesar de silenciado por circunstâncias religiosas externas, ele continua vivo culturalmente. Esse funcionamento pode ser observado na temporalidade do texto. No *post*, o blogueiro faz uma retomada ao passado para explicar a ação do contato, mas é no presente que ele se refere ao ritual. Com o trecho “Hoje, na região é comum ver danças tradicionais em eventos e recepções” o presente do ritual é formulado, mostrando a sua atualização nas circunstâncias atuais. O tempo presente marca a retomada de um processo cultural que, embora tenha sido silenciado, nunca deixou de existir.

A fotografia neste *post* compõe o texto, produzindo um efeito de evidência da atualização do ritual. A imagem funciona argumentando num sentido de afirmar que o ritual está sendo praticado no presente, ou seja, está sendo realizado, por mais que tenha sido afetado por circunstâncias do contato.

Com o trecho “é muito bom saber que os velhos não deixaram o conhecimento e as danças desaparecerem, apenas guardaram elas nos igarapés, porque sabiam que algum dia eles iriam usá-las” o texto é fechado, terminado, dando legitimidade à ação dos velhos frente às ações do contato. Nesse sentido, a manutenção do ritual foi possível porque os velhos, responsáveis pela manutenção e pelo repasse dos conhecimentos tradicionais, sempre acreditaram na sua existência.

¹²⁸ Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/2010/08/31/escola-pamaali-4/>>. Acesso em: 02 out. 2010.

No *post*, o blogueiro autor posta um conhecimento cultural sendo retomado pelo povo, deixando pressuposta a violência do contato e o texto só se constrói assim porque o sujeito é o autor do *blog*. Ou seja, é na posição de autor no *blog* que o sujeito indígena apresenta na rede um ritual de sua etnia, fazendo uma denúncia sobre o processo de contato e dominação religiosa. O sujeito produz uma interpretação sobre a dominação religiosa e a faz circular na rede no espaço do *blog*. A matéria não é assinada, mas a sua autoria funciona como efeito do mecanismo do *blog* “Postado por benjamimray”. Assim, mesmo sem assinar a matéria, o autor ao postar uma crítica em seu *blog*, se coloca imaginariamente na origem do sentido e responsável pela crítica que faz circular na rede.

Com esse *post*, o autor do *blog* afirma que a cultura faz parte de um processo de transformações de consequências históricas, mas que ela nunca deixou de existir. Nessa direção de sentidos, o *post* produz uma evidência de que os índios Baniwa têm uma cultura viva, atualizada e, ao mesmo tempo, formula e enuncia uma denúncia, que funciona como gesto de linguagem (PAYER, 2006) e se completa no clique “publicar postagem”. É nesse clique que o sentido do texto se completa, já que é nesse clique que o texto adquire o efeito de fecho e os espaços cambiáveis são preenchidos.

4.1.3. As bordas imaginárias do texto na página digital

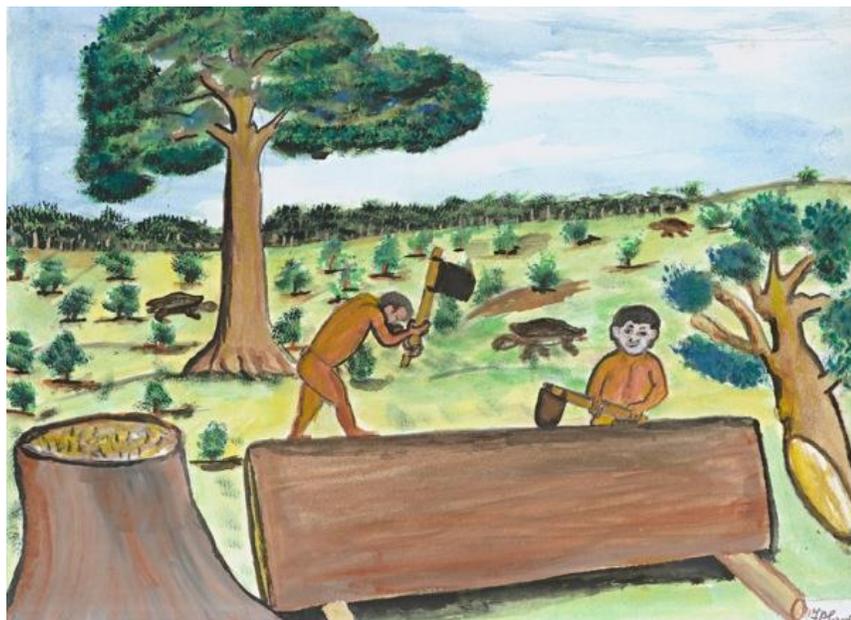
Considerando que a função-autor é a dimensão do sujeito que trabalha a construção da unidade dos sentidos face à dispersão, o texto produzido no computador, de forma *on-line*, além do clique “publicar postagem”, tem suas bordas construídas na relação com o espaço de postagem e o efeito-leitor.

Na sequência SD11, abaixo, apresento o funcionamento do movimento do autor no fechamento do texto na página digital. O *post*, publicado no dia 16 de outubro de 2010, no *blog Nodanakaroda*, trata de um mito da tradição oral sendo reproduzido na materialidade digital.

SD11 - A grande “Arvore”
OUT 16

Publicado por benjamimray

Para cada povo existe a sua forma e sua versão de origem do mundo e de muitas outras coisas que vemos e vivemos hoje. Para nós Baniwa, depois que foi criado o mundo pelo “Heeko”, ainda não existiam muitas coisas que vemos hoje. Entre eles as Plantas Medicinais e outras que são usadas por nós. Havia um grupo de “Pessoas” naquele tempo. E um dia ficaram sabendo que existia uma árvore grande, onde podiam encontrar tudo o que precisassem para viver e deixar para sua descendência. E foram procurar a arvore. A anta estava entre eles. Depois de muito esforço conseguiram derrubar a grande arvore. E cada um levou o que conseguiu pegar, porque tinha muitos “Lipira”, insetos que não deixavam eles pegarem o que queriam facilmente. E a história apenas começa aqui, e vai longe. Esse momento importante na vida dos Baniwa pode ver vivida através da ilustração do artista conhecido e reconhecido no Rio Negro, Feliciano Lana¹²⁹.



O *post*, sequência discursiva SD11, é um trecho de uma narrativa tradicional do povo Baniwa, que foi recortada/recontada de uma forma específica

¹²⁹ Disponível em: <<http://rbaniwa.wordpress.com/2010/10/16/a-grande-arvore/>>. Acesso em: 02 out. 2010.

para ser postada no *blog* e circular na rede. E esse é um funcionamento que mostra o sujeito no trabalho de amarração e contenção dos sentidos. Isso porque o ajustamento da narrativa é feito com base no tempo (presente), no espaço de postagem (*blog*), sendo os interlocutores imaginários um público heterogêneo.

Enquanto blogueiro, que escreve para um público heterogêneo não-Baniwa, o autor produz seu texto se adequando ao espaço de produção escrita do *blog*. Na narração da história, embora a igualdade entre as culturas apareça como pressuposto em funcionamento, o sujeito se identifica a uma especificidade étnica Baniwa. Por intermédio do trecho: “Para nós Baniwa, depois que foi criado o mundo pelo “Heeko”, ainda não existiam muitas coisas que vemos hoje.” o autor se inclui em um “nós” (índios Baniwa - etnia específica), embora, como blogueiro, seja mediador entre várias formas de compreender a criação do mundo.

Na reprodução da narrativa, a temporalidade e a heterogeneidade são aspectos importantes da formulação do texto. O *post* é escrito no presente, mas os sentidos são estabelecidos numa relação com o passado, com a tradição oral. As formas verbais: “existe”, “vemos” e “vivemos” do primeiro parágrafo, e as formas: “começa” e “vai”, do último, materializam o funcionamento da atualização da narrativa. Já as formas “existiam”, “ficaram”, “levou”, “conseguiu” e outras, apresentam a relação com o passado, com o tempo dos ancestrais. Assim, a força de significação da história é colocada na relação com os antepassados, detentores dos conhecimentos da tradição oral.

Nesse caso, a heterogeneidade do texto presente que circula no *blog* é constituída pelo efeito das vozes dos ancestrais que o atravessam, num movimento de retomada de um tempo anterior, passado. Nesse caso, a memória em funcionamento é a indígena (da oralidade) em que o contador de história não é qualquer um, ou seja, o repasse do conhecimento tradicional tem uma forma específica de ser realizado. O conhecimento coletivo atual do povo pode ser formulado para circular na rede, no presente, mas a legitimidade do que é dito aparece significada em outro tempo e lugar, no passado dos ancestrais.

Com o trecho “e a história apenas começa aqui, e vai longe” o texto é

finalizado, fechado, acabado, sendo este o efeito de fecho que se completa com o clique “publicar postagem”. É nesse gesto, no processo de textualização que o texto, aparentemente incompleto adquire a sua unidade, coerência e fim. A narrativa não é completa, mas esse trecho é suficiente o para fim a que se destina. A narrativa no *blog* é um exemplo da cultura indígena baniwa viva e forte e isso dá coerência para essa finalização.

A publicação aparece coerente porque a narrativa, inacabada, funciona como um exemplo daquilo que o povo tem de conhecimento tradicional vivo, mas que tem uma forma própria de circular. E esse funcionamento dá indicativo de que a história do povo, o mito, não cabe no espaço do *blog*, ela vai além, ficando no espaço do não-dito, que funciona na memória e que constitui os discursos e os sujeitos. De acordo com Orlandi (2007, p. 76),

o fechamento do texto que aparece como responsabilidade do autor, necessário mas ao mesmo tempo arbitrário, resulta dessa dupla (e dúbia) determinação da interpretação. A formulação (do autor) está determinada pelo interpretável referido às condições de produção e pelo interpretável referido ao dizível.

No caso desse *post*, a narrativa para circular na rede sofre adaptações necessárias nas condições de produção em que o texto é produzido. Assim, o conteúdo postado é um conhecimento tradicional Baniwa, que vem dos antepassados, uma memória da oralidade, que ao ser escrita em forma de *post*, tem seu sentido atualizado.

O *blog*, nesse caso, é um espaço de presentificar e atualizar um mito de origem, significativo para o povo. E esse funcionamento marca um gesto de interpretação do sujeito autor Baniwa, ou seja, presentificar uma narrativa tradicional na rede constitui um gesto de autoria. O autor produz um texto escrito, atualizando um saber da oralidade e, embora não assine o texto, assume a responsabilidade pelos sentidos que coloca em circulação na rede. O mecanismo de postagem no *blog*, “postado por benjamimray” marca a legitimação da sua autoria.

O sujeito indígena no exercício da função-autor trabalha a contenção dos sentidos, sendo na dimensão do acontecimento da publicação que o texto adquire o efeito de unidade e fecho, passando a compor o arquivo do *blog*, disponível no espaço fluido da rede.

Em termos de processo discursivo, esse *post* é construído a partir da inscrição do sujeito também no discurso de afirmação indígena, a partir do qual os índios têm uma cultura viva e forte. Esses dizeres funcionam promovendo, na dimensão simbólica, a desestabilização dos pré-construídos do discurso etnocentrista ocidental de que os “índios já perderam ou estão perdendo as suas culturas”.

Ao afirmar que os Baniwa possuem uma maneira específica de explicar a origem do mundo, o autor do *blog*, além de falar dessa outra maneira, dá uma atualidade para essa explicação. Esse conhecimento não está enfraquecido, continua vivo e em circulação, embora em outras condições de produção e produzindo outros efeitos de sentidos, os da rede digital.

4.1.4. O efeito-leitor dando coerência à produção das postagens

Para Amaral et al. (2009, p 33), o *blog* é uma personalização de seu autor que é expressa a partir de suas escolhas de publicação. Isso pode ser compreendido que, em um *blog*, o autor produz o seu texto sob o efeito de controlar o que diz e como diz, mas isso é um efeito de identificação imaginária do sujeito com posição de autoria. É pelo imaginário de interlocutor X que o sujeito autor produz o seu texto com coerência e fecho. Assim, no *blog*, a produção dos *posts* tem, no efeito-leitor, um componente importante do processo de construção da unidade. Mas essa relação, por ser uma prática de linguagem, não é direta, ela é simbólica, mediada pelo imaginário e pela ideologia. Para Orlandi (1999a, p. 76), a representação do sujeito em autor,

[...] tem seu pólo correspondente que é o leitor. De tal modo isso é assim que cobra-se do leitor um modo de leitura especificado pois

ele está, como o autor, afetado pela sua inserção no social e na história. O leitor tem sua identidade configurada enquanto tal pelo lugar social em que se define 'sua' leitura, pela qual, aliás ele é considerado responsável.

Assim, na constituição do autor na rede, o efeito-leitor *on-line* funciona dando coerência ao que é formulado. O *post* a ser analisado é um texto publicado no *blog* Gasodá Suruí, no dia 18 de novembro de 2010. Nessa postagem, sequência SD12, reproduzida abaixo, o blogueiro escreve sobre um conhecimento tradicional de seu povo, a pintura corporal, sob o efeito de um leitor *on-line*, o internauta que procura informações.

SD12 - quinta-feira, 18 de novembro de 2010

PINTURA CORPORAL INDIGENA PAITER DE RONDÔNIA



Uma das características que mais marcam a cultura indígena é a pintura corporal que pode ser vista como tão necessária e importante esteticamente como a roupa usada pelo “homem branco”. Da mesma forma não é diferente para os Paiter (também conhecido como os Surui de Rondônia). Os Paiter habitam a Terra Indígenas Sete de Setembro. Uma área equivalente a 248.000 hectares. Localizado no entre os municípios de Cacoal no estado de Rondônia e Rondolândia no Mato Grosso. A pintura corporal para os Paiter tem sentidos diversos, não somente na vaidade, ou na busca pela estética perfeita, mas pelos valores que são considerados e transmitidos através desta arte. Feita de jenipapo, urucum, tem como objetivo diferir os povos, determinar a função de cada um dentro da aldeia e até mostrar o estado civil. A pintura corporal Paiter varia de acordo com o gênero. Pois assim desta forma tem a pintura da mulher, homem, moça e jovem indígena Paiter. O processo de preparação da tinta consiste em ralar a fruta com semente e depois colocar ralo na folha de palmeira para ser assado e depois espremido para sair o caldo preto e grosso. Nos dias comuns a pintura pode ser bastante simples, porém nas festas, nos combates deve ser bem fortes e com bastante enfeites com arte Paiter. Geralmente na sociedade Paiter a pintura corporal o homem pinta o corpo da sua esposa e dos filhos. Enquanto a mulher pode pintar o corpo do marido. Cada etnia tem sua própria marca e se alguma outra utilizar a mesma, uma luta entre as aldeias pode ocorrer. Esta é uma arte muito especial porque não está associada a nenhum fim utilitário, mas apenas a pura busca da beleza dos Paiter.

Autor: Gasodá Surui

Postado por Gasodá Surui¹³⁰

No *post*, sequência SD12, a fotografia é parte fundamental da produção dos efeitos de sentidos, tendo em vista que quem aparece pintado é o próprio autor do *blog*. No texto são apresentadas as particularidades da pintura dos Suruí, tendo como leitor um internauta que não é um índio Suruí. O blogueiro fala da pintura corporal, mas ao se referir ao povo Suruí, apresenta uma informação sobre localização geográfica do povo, demonstrando que o leitor imaginário é um seguidor que, embora desconheça a realidade indígena no país, se interessa por outras informações relacionadas aos povos indígenas.

¹³⁰ Disponível em: <<http://gasodasurui.blogspot.com.br>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

Nesse caso, o blogueiro é interpelado por sentidos da rede como espaço de divulgação cultural, que tem um público específico, os seguidores. A pintura é mostrada de maneira ilustrativa, tendo em vista que não faz parte de uma situação específica de uso na comunidade e o sujeito pausa para a foto, sendo esse gesto que direciona para sentidos de exposição. E sendo a rede um espaço de divulgação, o texto sobre pintura corporal aparece com essa finalidade. E, nesse caso, a divulgação funciona como parte integrante do processo de interlocução com os seguidores.

O conhecimento postado é reconhecidamente coletivo do povo Surui Paiter, mas o texto, enquanto unidade, que circula na rede é de Gasodá Surui. O sujeito enquanto parte do coletivo, povo Suruí, é autor de um texto sobre a pintura corporal desse povo que circula na rede. O sujeito se coloca imaginariamente na origem do sentido se individualizando no processo da escrita. O sujeito é um índio que tem um conhecimento cultural específico e domina outros conhecimentos relacionados à cultura letrada e aos novos espaços da escrita proporcionados pelo avanço da tecnologia. E esse é outro movimento de sentido que compõe o processo de afirmação.

Com o trecho “Esta é uma arte muito especial porque não está associada a nenhum fim utilitário, mas apenas a pura busca da beleza dos Paiter”, o texto é fechado, terminado. O fato da pintura não ser ligada a fins utilitários produz um efeito de valorização da cultura. E esse sentido de valorização funciona no movimento inverso aos discursos que tratam os índios como “selvagens”.

A assinatura poderia ser suprimida, já que o *blog* funciona como um mecanismo que marca a origem da postagem, mas o sujeito assina a produção do texto, se colocando na origem dos sentidos produzidos pelo *post*. Com a assinatura, o sujeito singulariza a sua produção e se constitui autor daquele *post* específico que circula em seu *blog*. Ao publicar sua foto, pintado, de forma tradicional, o sujeito se coloca na condição de indígena autor na rede, mas detentor dos conhecimentos tradicionais.

4.2. A legitimação do dizer indígena na rede: processo discursivo de afirmação indígena e de denúncia

Pelo que é possível compreender, o efeito de instantaneidade da publicação constitui parte fundamental da construção imaginárias da unidade do texto no *blog*, dando contorno ao processo discursivo de afirmação indígena e de denúncia na rede. Para discurtir esse funcionamento analiso dois *posts* publicados nos *blogs*: M. Marcos Terena e Gasodá Suruí. Nos dois *posts*, embora com temáticas totalmente diferentes, uma denúncia sobre a situação dos índios frente ao processo de contato no decorrer da história é enunciada. Em ambos os *posts*, a atualidade das questões e o espaço de postagem possibilita uma discussão fundada numa retomada histórica da relação desvantajosa dos índios com os “brancos” no decorrer do contato.

O primeiro *post*, seqüências discursivas SD13, abaixo, foi publicado no *blog* M. Marcos Terena, no dia 14 de junho de 2010. Nesse texto, numa discussão sobre política partidária do ano de 2010, o blogueiro propõe um posicionamento dos índios diante dos programas políticos dos candidatos à presidência.

SD13 - segunda-feira, 14 de junho de 2010

MARINA, SERRA, DILMA: qual é o programa de índio?
POSSO SER O QUE VOCÊ É, SEM DEIXAR DE SER QUEM SOU!

Finalmente três brasileiros se apresentam como candidatos a serem Presidentes do nosso País. Serra, Dilma e Marina. Cada um com seu grupo. Cada um com suas idéias. Cada um com suas estratégias.

Finalmente o Governo Lula já vai deixando saudades, terminando depois de oito anos sua governança pelo Brasil junto com Sarney, Fernando Collor, ACM, Paulo Maluf, Jáder Barbalho, Renan Calheiros entre outros "grandes" políticos que nunca deixaram o poder, mesmo enlameados de denúncias sobre suas formas de ações. Ao longo desse governo, diversos companheiros de lutas por um Brasil mais socialista, solidário e autodeterminado foram sendo alijados como Plínio de Arruda Sampaio, Heloisa Helena,

Ivan Valente, Marina Silva, Frei Beto, mas tudo foi se ajeitando em nome da "governabilidade".

Agora. Olhando para o horizonte que gera um novo sol, nós as primeiras nações desse grande País, queremos saber de verdade, mesmo que ela seja cruel, ferina ou de felicidades: Qual é o programa de índio desse pessoal?

Demarcação das Terras é um compromisso moral e tem que ser feito pelo Poder executivo e não pelo Senado como está sendo sendo proposto por vários Senadores, a maioria deles suplentes, sem mandato popular.

Por isso irmãos indígenas e parentes, vamos atrás de Serra, Dilma e Marina sem medo de ser feliz.

Dizem que a Marina sempre vai estar do nosso lado, mas não custa nada confirmar em linha direta.

Dizem que Dilma e Serra são brutos, agressivos e mal humorados, não custa nada chamá-los para uma roda de conversa com chá de coca, ayuasca ou mesmo um chimarrão.

E quanto antes levantarmos os cinco pontos que queremos quando o novo sol chegar, mais claro ficará nossa posição como indígenas do Brasil e também, vamos clarear com o fogo sagrado a intenção do próximo governo para nós.

Mas assim como fizemos com Figueiredo no passado, pedindo para ele não assinar nenhuma lei de mineração ou Funai até que o governo civil assumisse com Tancredo Neves, seria uma forma elegante pedir para a turma do Lula parar de se comprometer com o futuro que ainda não chegou, a não ser no governo de transição quando mais uma vez parentes, temos que estar lá confirmando item por item nossos compromissos, afinal em 1981 já dizíamos: posso ser o que você é, sem deixar de ser quem sou!

M. MARCOS TERENA¹³¹

O *post*, publicado num período de campanha, trata do processo político partidário brasileiro do ano de 2010, mas o que se coloca em discussão é a realidade dos índios e a sua relação com os “brancos” no decorrer do processo de contato. O blogueiro indígena produz o seu *post* interpelado por sentidos que significam os índios num processo de afirmação no país. O enunciado: “POSSO SER O QUE VOCÊ É, SEM DEIXAR DE SER QUEM SOU”, que abre e fecha o texto, funciona emblematicamente significando o lema do processo histórico da afirmação indígena. O enunciado, em letras garrafais materializa e significa a força

¹³¹ Disponível em: <<http://www.marcosterena.blogspot.com.br/2010/06/marina-serra-dilma-qual-e-o-programa-de.html>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

política dos povos. A letra maiúscula, na textualização na página digital, produz o efeito de grito que, no clique “publicar postagem”, soa e ecoa na rede. A afirmação indígena também é significada nas formas verbais “poder” e “ser” conjugadas no presente. Esse enunciado textualiza um discurso para o qual os índios podem adquirir elementos de outras culturas e continuar sendo o que são, índios.

O enunciado escrito em primeira pessoa significa o dizer de uma liderança política, que produz o seu texto enquanto liderança. Esse lugar de liderança é também mostrada na composição do título do *post*, no qual uma pergunta direta aos candidatos à presidência é feita. O texto não é um documento endereçado aos candidatos e, sendo assim, a pergunta é retórica. Ou seja, o autor do *post* não está realmente fazendo pergunta aos candidatos sobre os seus planos de governo. A pergunta serve de encadeamento argumentativo da discussão sobre a falta de políticas públicas direcionadas aos índios no país.

Na postagem, por meio do trecho “Agora. Olhando para o horizonte que gera um novo sol, nós as primeiras nações desse grande País, queremos saber de verdade, mesmo que ela seja cruel, ferina ou de felicidades: Qual é o programa de índio desse pessoal?” o sujeito se identifica ao “nós”, povos indígenas, afirmando ser essas nações as primeiras do país. Esse é um sentido que funciona pela evidência da interpelação ideológica do sujeito numa posição indígena de resistência, que se contra-identifica ao discurso do “descobrimento do Brasil”.

Com o trecho: “nós as primeiras nações desse grande País, queremos saber”, o autor do *blog*, no lugar de liderança, dá eco à voz de uma coletividade indígena. Com a pergunta “Qual é o programa de índio desse pessoal?”, um deslocamento do sentido pejorativo da formulação é promovido. O sujeito indígena autor do *blog* dá à expressão uma interpretação nova de programa político direcionado aos índios.

A expressão que comumente é usada com sentido negativo, no texto, adquire um sentido positivo de programa político, que talvez os candidatos não tenham formulado. O sentido da expressão tem na historicidade da luta dos povos em prol dos direitos adquiridos na Constituição Federal de 1988 o fundamento de

sua significação. Só através da história e da memória é que a expressão pode ter o seu sentido atualizado.

Nessa direção, na formulação no *blog*, o blogueiro produz o seu texto no lugar da liderança, num tempo presente, marcado pela disputa de política partidária. Nesse caso, há em funcionamento uma posição sujeito índio/indígena autor conhecedor dos direitos, que se coloca como liderança e porta-voz não só de sua etnia, mas de uma coletividade indígena. O sujeito índio/indígena autor produz o seu texto inscrito numa formação discursiva indígena de resistência (FD3), a partir da qual critica o sistema político brasileiro. E, nessa posição, afetado por uma memória indígena e uma memória da luta face ao processo desvantajoso do contato, publica o seu texto no *blog*, produzindo gestos de interpretação no presente, formulando uma imagem e deslocando sentidos negativos sobre os índios cristalizados e em circulação nas mídias tradicionais.

Nesse processo se adequa ao espaço discursivo do *blog*, com tudo o que lhe é próprio. E, mais do que isso, se apropria da ferramenta para fazer circular na rede uma nova discursividade sobre os índios na contemporaneidade. A temporalidade do *post* é importante pois marca uma mudança histórica das formas de dizer e reivindicar dos índios. O *post* é produzido no presente, atualizando uma questão polêmica sobre direitos indígenas no país.

O *post* é assinado e essa assinatura reforça que o texto é o posicionamento atual de um autor indígena. Com a assinatura, o sujeito distingue o seu texto de outros, citados, que poderiam ser postados em seu *blog*. A frase “posso ser o que você é, sem deixar de ser quem sou”, produz o efeito de fecho no texto, sintetizando um modo de compreender a relação entre índios e “brancos” na atualidade. O enunciado formula a possibilidade de os índios continuarem sendo o que são, mesmo com a incorporação¹³² de elementos de outras culturas.

Nessa direção de sentidos, o blogueiro, numa posição índio/indígena autor, no lugar de porta-voz de seu povo, posta seus conteúdos no *blog*,

¹³² Cf. Orlandi, 1990.

estabelecendo uma relação com a exterioridade, a memória discursiva, reformulando e fazendo circular sentidos de denúncia na rede mundial de computadores. A rede, nesse caso, funciona como suporte para a ação de uma liderança indígena, que discute e luta em prol de direitos coletivos.

O segundo *post* é uma publicação feita no *blog* Gasodá Suruí, no dia 18 de abril de 2012, sequência SD14, transcrita abaixo. Nesse texto o blogueiro escreve sobre a comemoração do dia do índio, 19 de abril, enfatizando os aspectos negativos do contato entre índios e “brancos”.

SD14 - quarta-feira, 18 de abril de 2012

Porque dia 19 de Abril dia do Índio?



Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, encontraram uma natureza exuberante e um povo nativo muito diferente do europeu. Como acreditavam ter chegado à Índia, que era o destino de sua viagem, apelidaram este povo de Índio. Para os colonizadores europeus, todos os nativos eram índios. Essa generalização proposital favoreceu a dominação destes povos. Na verdade existiam muitas nações, etnias e grupos diferentes. Estes grupos formavam um universo completamente heterogêneo, disputavam territórios, e possuíam cultura e idiomas próprios. No início, os europeus se aproveitaram desta diversidade e usaram o índio como aliado. Porém, logo decidiram torná-lo escravo e, nesta luta, inúmeras populações foram praticamente dizimadas. Mas o

dia do Índio mesmo foi instituído pela primeira vez em 1940, durante o I Congresso Indigenista Interamericano, no México. No Brasil, a data passou a valer a partir de 1943, por decreto do então presidente Getúlio Vargas, depois da insistência do Marechal Cândido Rondon, um dos primeiros a se preocupar com esta questão no país. E hoje a realidade indígena é completamente diferente de quando eles eram os donos desta terra. Obrigados a viver em áreas cada vez menores, os índios foram, gradativamente, perdendo seus hábitos e costumes. O contato com o homem branco contribui para esta aculturação, além de trazer doenças e outros males para dentro das aldeias. Muitos índios buscaram fugir da miséria migrando para os grandes centros urbanos. Mas, vítimas de preconceito e sem conseguir se integrar transformou-se em indigentes. Um triste jogo de palavras que em nada lembra os tempos gloriosos de grandes guerreiros, pois tinham um contato total com a natureza, pois dependiam dela para quase tudo. Os rios, árvores, animais, ervas e plantas eram de extrema importância para sua vida. A religião era baseada na crença em espíritos de antepassados e forças da natureza. Tudo isso foi sendo extinto aos poucos pela cultura dos brancos¹³³.

Gasodá Suruí

Postado por Gasodá Surui

O *post* é publicado sob o efeito imaginário de instantaneidade do dizer na rede, já que a sua relevância tem relação direta com o momento das discussões sobre assuntos indígenas na mídia. O texto é o posicionamento de um índio sobre a relação de contato desfavorável dos índios com os “brancos” no decorrer da história. Nessa postagem, sequência SD14, o blogueiro indígena publica um texto sobre a data “comemorativa” do dia do índio e publica uma foto sua ornamentado de acordo com a sua cultura no espaço da aldeia.

Nesse *post*, a publicação de uma fotografia junto ao texto verbal tem um funcionamento peculiar, já que o não-verbal não é apenas ilustração do texto escrito. Ou seja, a foto do autor do *blog* usando adornos tradicionais não é uma ilustração do texto que questiona as desvantagens da relação dos índios com os “brancos”, no decorrer do contato. A foto, mais do que ilustrar, compõe o texto, produzindo um argumento diverso dos apresentados no texto verbal. Enquanto no

¹³³ Disponível em: <<http://gasodasurui.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

texto verbal, a atualidade dos povos indígenas não é mencionada e o sujeito mantém um distanciamento em relação aos índios dos quais fala, na foto, ele se mostra ornamentado, produzindo um efeito de sentido de que a sua cultura se mantém.

O enunciado inicial, “Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, encontraram uma natureza exuberante e um povo nativo muito diferente do europeu” marca um tempo e um fazer colonizador, isto é, uma perspectiva ocidental da História, mas ao mesmo tempo o texto formula uma denúncia. Essa denúncia é explicitada pelo encadeamento da narrativa, relação de causa e efeito. Dessa forma, embora mantenha quase inalterada a história oficial do contato contada pelos colonizadores, a posição do sujeito é a da resistência em relação às ações do contato.

No *post*, a versão da história oficial do “descobrimento do Brasil” é mantida em alguns aspectos, inclusive na denominação “nativos”, mas o sentido de que o Brasil era um espaço vazio é deslocado. Com o trecho, “E hoje a realidade indígena é completamente diferente de quando eles eram os donos desta terra”, uma afirmação de que os índios eram os donos das terras brasileiras funciona sob o efeito de uma evidência. E essa evidência é dada pela posição do sujeito indígena, que é a posição da resistência coletiva das diferentes etnias. Para o sujeito, o sentido de que os índios eram os donos das terras brasileiras funciona, no enunciado, como um saber anterior, um pré-construído do discurso de resistência indígena com o qual o sujeito se identifica.

O sujeito coloca em circulação no *blog*, um dia antes da “comemoração”, sentidos de que as terras brasileiras na época da chegada dos europeus já tinham dono e, com a foto, a interpretação de que esses povos continuam fortes na manutenção de sua cultura é produzida. E a afirmação de que os índios eram donos das terras brasileiras desloca os sentidos do espaço vazio encontrado pelos portugueses, tal como é formulado no discurso colonizador.

No texto escrito é ressaltado um passado negativo do encontro dos índios com os “brancos”, no decorrer da colonização, sendo o tempo passado a marca da destruição que vai da chegada dos europeus ao Brasil, em 1500, a quase extinção da cultura dos índios. Mas a foto mostra um índio, o próprio autor do *blog*, com traços de uma cultura que se mantém. Na ligação entre texto escrito e fotografia fica um espaço que só pode ser preenchido pela memória constituída na história. Remetendo o texto à sua historicidade, uma interpretação possível é que, embora tenha passado por um processo de contato devastador, os índios continuam fortes com uma cultura viva.

No *post* publicado um dia antes da “comemoração do dia do índio”, ao fazer a publicação em seu *blog* e assinar o texto, o sujeito se coloca imaginariamente na origem dos sentidos, se comprometendo com uma versão sobre a “comemoração do dia do índio” que faz circular na rede. Há nesse gesto a afirmação de uma responsabilidade, mas também, uma reafirmação, no nível do dito, de que os índios são sujeitos do presente, detentores de conhecimentos e posicionamento em relação aos fatos históricos.

No texto, a coerência de tudo o que é dito é produzida pela escrita do *post*, publicado no dia 18 de abril, um dia antes da “comemoração do dia do índio”, por um indígena, numa posição de resistência. E o enunciado “Tudo isso foi sendo extinto aos poucos pela cultura dos brancos”, produz o efeito de fecho, de fim imaginário ao texto, sob o efeito de uma denúncia. E é o gesto de resistência e de denúncia, *on-line*, que constitui a autoria neste *post*, ou melhor, na rede.

De acordo com Payer (2006), a denúncia, em seu funcionamento discursivo, pode ser pensada a partir de suas condições de produção. Para essa autora (op. cit., p. 64),

[...] as condições de produção da denúncia são tais que o sujeito que denuncia aparece na posição de detentor de um saber discursivo diante do qual o único gesto que ele pode realizar é o de *enunciar este saber diante de um outro*, uma espécie de

árbitro, este sim representado na condição de poder realizar uma outra ação, implicada na denúncia: tomar providência em relação ao objeto denunciado.

Nas postagens feitas nos *blogs*, a denúncia aparece enunciada por uma liderança indígena nas circunstâncias de um processo de afirmação, sendo essa condição significativa na produção dos efeitos de sentido. O autor do *blog*, no gesto de apresentar a força e a capacidade de seu povo em manter a cultura, mesmo em condições adversas, produz a denúncia, que não é explicitada diretamente. E isso é possível porque de acordo com Payer (op. cit., p. 64), a denúncia supõe, “além do *interlocutor empírico imediato* – aquele a quem se diz – um outro *interlocutor discursivo*: instância terceira em face da qual a denúncia tem razão de ser”. Nos *posts*, o interlocutor imediato é o internauta que navega pela rede e o interlocutor discursivo pode ser o Estado. A denúncia, nesse caso, sendo parte do processo de afirmação indígena na rede, mais do que enunciar um saber a um outro, que pode tomar providência em relação ao objeto denunciado, mostra e destaca a capacidade e a força dos povos, mesmo em situações desvantajosas.

Diante do que foi visto, é importante considerar que a temporalidade é um aspecto fundamental da transformação da autoria na rede digital. O autor em um *blog* produz o seu *post* sob o efeito imaginário de que sua produção circula instantaneamente. A unidade de tudo que é postado é produzido nos cortes/recortes e nas montagens do texto na página digital, sendo na instantaneidade do clique “publicar postagem” que o texto adquire o efeito de completude. É no evento discursivo de cada postagem que cada texto se constitui unidade que ficará no arquivo.

4.2.1. A relação dos índios com a natureza discursivizada no *blog*

Conforme as observações dos *blogs* em análise, grande parte dos *posts* atualiza sentidos a respeito da relação dos índios com o espaço físico e

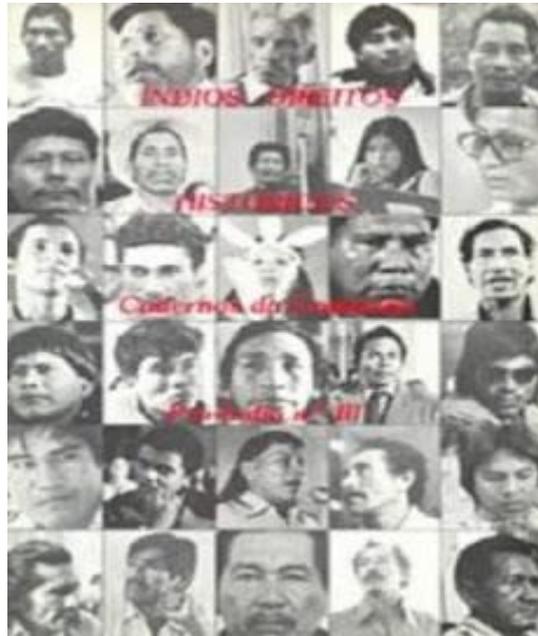
essa atualização é feita a partir de um movimento de sentidos na direção de uma complementaridade entre natureza, sagrado e humanidade. E esses sentidos mantêm relação de distanciamento ao discurso que circula na mídia tradicional: jornais, rádio e tevê, que geralmente noticia as polêmicas disputas e movimentos em prol da demarcação das terras tradicionais, quase sempre num discurso que resguarda a propriedade privada, colocando em segundo plano as questões ambientais, sociais e culturais.

Apresentando um tratamento diferenciado à questão do espaço físico e da terra, nos *blogs* esse assunto é tratado enquanto especificidade que constitui o sujeito na sua subjetivação na diferença étnica, isto é, o sujeito se significa na relação com o espaço físico e com o conhecimento que tem da natureza. Assim, a relação com o espaço constitui o sujeito índio, sendo a rede um espaço para a sua discursivização e atualização.

Com o intuito de compreender esse funcionamento, analiso um *post* publicado no *blog* M. Marcos Terena, no dia 11 de fevereiro de 2011. O texto aborda a relação dos índios com a natureza, sendo o funcionamento da memória um aspecto importante na produção de sentidos.

SD15 - Sexta-feira, 11 de fevereiro de 2011

Posso tudo naquele que me fortalece!



Amigos, irmãos e guerreiros,

Tem uma frase bíblica que afirma:

"Posso tudo naquele que me fortalece!"

Do ponto de vista espiritual tem um sentido e do religioso um outro, mas no dia a dia isso serve para nos mostrar o caminho que queremos seguir, a forma de ser de cada um e de como nos vêem. Nós Povos Indígenas amamos muito essa terra e respeitamos o grande Criador das águas, do vento, do sol e da vida. E assim nos sentimos fortalecidos. E assim assumimos o compromisso com a Mãe Terra e a Humanidade.

Marcos Terena¹³⁴

Nesse *post*, sequência SD15, o sujeito é interpelado pelo discurso ocidental cristão, mas produz o seu texto numa posição-sujeito índio/indígena autor, que constrói pela linguagem uma relação específica com a natureza. A frase bíblica “posso tudo naquele que me fortalece”, formulada por meio de citação, é a marca da inscrição do sujeito no discurso religioso cristão, mas, embora seja atravessado por esse discurso, formula a sua compreensão da natureza, inscrito

¹³⁴ Disponível em: <<http://www.marcosterena.blogspot.com.br/search?updated-max=2011-02-19T23:32:00-02:00&max-results=3&start=6&by-date=false>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

numa memória indígena de respeito e valorização, deslocando sentidos para os quais a natureza é um recurso a ser explorado e comercializado.

Nessa sequência, o sujeito se inclui numa coletividade “nós” indígenas, fazendo menção a uma dimensão cosmológica que considera comum aos povos indígenas. Com as sequências “amamos essa terra” e “respeitamos o grande Criador das águas, do vento, do sol e da vida”, o sujeito formula o seu dizer no lugar de porta-voz¹³⁵ de uma forma específica indígena de conceber e tratar a vida, o sagrado e a natureza. O sujeito fala em nome de uma coletividade que tem “compromisso” com a natureza e com a humanidade. A expressão “Mãe Terra” grafada com inicial maiúscula, assim como “Criador” e “Humanidade” mostra um gesto de interpretação específico a respeito da terra. A terra é a mãe que dá a vida e oferece o alimento, tendo o mesmo valor de Criador e Humanidade.

Nesse discurso, a relação entre Mãe Terra, Criador e Humanidade é de complementaridade. Nessa direção de sentidos, Criador, Mãe Terra e Humanidade fazem parte de um mesmo encadeamento de valores. Mas esse encadeamento, não quer dizer que todos os povos indígenas tenham uma única concepção a respeito da relação sagrado/homem/natureza. Ao se afirmar em uma espiritualidade indígena, o sujeito coloca em funcionamento uma crítica às posturas ocidentais no que se refere à dinâmica social da devastação da natureza e o descompromisso com a humanidade (desigualdade social), um não-dito que constitui o dizer por intermédio da memória discursiva.

Mas, essa afirmação de relação com o espaço físico, com a natureza só é apresentada, tendo em vista o espaço de postagem que é o *blog* na sua relação com o efeito-leitor. Nesse funcionamento, é o sujeito na posição índio/indígena autor, apresentando para um sujeito não-indígena a relação que os índios estabelecem com a natureza, na atualidade.

Pensando o dizer na sua relação com os outros sentidos, que também circulam na rede, essa direção de interpretação tem relação de contra-

¹³⁵ Cf. Zoppi-Fontana, 1997.

identificação aos discursos para os quais a natureza é um recurso que o homem domina, explora e destrói.

4.2.2. A memória discursiva produzindo eco na rede

A relação com a memória na rede digital muda porque nesses espaços de postagem a memória é saturada. Conforme Gallo (2011,p. 421), os espaços próprios da internet são saturados (tudo está lá). Mas isso não quer dizer que o sujeito que se inscreve nos discursos da rede não tenha possibilidade de interpretação. Embora o espaço da internet seja saturado pelo funcionamento da memória metálica, considerada por Orlandi (2010), na sua dimensão de extensão horizontal, seriação), por ser um espaço de linguagem há sempre o funcionamento da memória discursiva, isto é, o interdiscurso. Conforme Orlandi (1999a, p. 31), a memória tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. “Ela é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

Para compreender um pouco sobre o funcionamento da memória discursiva na discursivização da relação do sujeito índio com a natureza, analiso um *post* publicado no *blog Nodanakaroda*, no dia 28 de fevereiro de 2011, sequência discursiva SD16, no qual a memória discursiva produz eco na rede.

SD16 - Içana: Belezas e barreiras

FEV 28 - Publicado por benjamimray



Foto: Zennilda C.

Olhar e passar uma cachoeira sempre é uma emoção. Se olhar aquelas ondas e espumas no sentido mais profundo te faz pensar em várias coisas. No Içana algumas são mais fáceis e outras mais difíceis. Algumas desaparecem quando o rio está cheio, as mais grandes se tornam mais perigosas. Quase em todas elas já aconteceu acidentes, por isso, para as pessoas que viajam, são necessários os mínimos cuidados.

As imagens acima são da cachoeira de Matapí uma das maiores do Içana. Para passar o trecho que é composta de duas cachoeiras enormes, o jeito é arrastar a canoa, para isso, o apoio de quem conhece é sempre recomendado. Mas, é a natureza. São as belezas e barreiras que se passa no Içana quando viaja.¹³⁶

O *post*, sequência SD16, enfoca a relação do sujeito com o rio, com a natureza. O sujeito se significa fazendo parte de uma forma específica de significar a natureza, ficando essa forma não-dita, mas em funcionamento na

¹³⁶ Disponível: <<http://rbaniwa.wordpress.com/page/20/>>. 21 ago. 20012.

memória discursiva. No trecho “olhar e passar uma cachoeira sempre é uma emoção”, a palavra “sempre” significa o sujeito numa relação de constante retorno ao que já foi sentido e dito e que ficou esquecido. A palavra significa movimento, mas esse movimento marca um retorno ao espaço significado, aos sentidos formulados. No fragmento “se olhar aquelas ondas e espumas no sentido mais profundo te faz pensar em várias coisas” o sujeito se coloca num espaço de produção de sentidos, cuja memória indígena faz significar ressoando, através do não-dito, como algo vivo e forte.

Assim, a relação dos índios com a natureza é discursivizada nos *blogs*, no espaço específico da memória indígena. Nesse *post*, a natureza é significada como parte de uma dimensão superior pouco conhecida do homem, que é admirada e precisa ser respeitada. Mesmo que não seja dito, fica pressuposta uma relação forte de encanto (beleza) e respeito (perigo).

Nessa direção, nos gestos de autoria na rede sempre haverá o funcionamento da memória discursiva, que se estrutura pela profundidade, possibilitando o movimento dos sentidos, o deslize, a metáfora. Isso porque de acordo com Romão (2006, p. 17),

para controlar o fio do discurso, o sujeito necessita de referências a outros discursos já dados sobre o assunto; precisa passar por várias regiões da memória, entrelaçando à sua voz essas superfícies e retalhos discursivos, depositários de sentidos do que “*só é encontrável em outro lugar*”. (grifos da autora)

No caso específico de um autor de um *blog*, mesmo tendo seu discurso afetado pela memória metálica (memória horizontal que funciona sob o efeito de saturação dos sentidos, tudo está lá), a memória discursiva não deixa de produzir os seus efeitos.

4.3. O sujeito índio/indígena autor no *blog*: uma posição legitimada na/pela rede

Se para a comunicação e para a pragmática a relação dos interlocutores no suporte digital é tratada como interatividade¹³⁷, numa abordagem discursiva, essa relação não pode ser assim compreendida. A noção de interatividade precisa ser deslocada, pois, num funcionamento discursivo, o sujeito não é o indivíduo empírico e nem o sujeito intencional dos atos e ações. De acordo com Pêcheux (2011, p. 230),

a análise de discurso não se satisfaz com a concepção do sujeito cognitivo epistêmico, 'mestre em seu domínio' e estratégico em seus atos (face às coerções bio-sociológicas); ela supõe a divisão do sujeito como marca da sua inscrição no campo do simbólico.

Isso poderia ser compreendido no sentido de que o sujeito não preexiste à linguagem, ou seja, ele é efeito da linguagem. Para Paul Henry (1992, 165), "o simbólico é aquilo que, na linguagem, é constitutivo do sujeito como efeito". Nessa direção, nas práticas de linguagem seja na rede ou não, a relação entre os interlocutores não pode ser considerada como uma relação direta, interativa, já que ela é mediada pelo simbólico e pela ideologia. De acordo com Pêcheux (1995, p. 214),

Não se trata de dizer, porém, que uma prática (discursiva ou não) seja *a prática de sujeitos* (no sentido de atos, ações, atividades de um sujeito – isso seria cair no golpe do que chamamos "efeito Münchhausen!"), mas sim de constatar que todo sujeito é constitutivamente *colocado como* autor de e responsável por seus atos (por suas "condutas" e por suas "palavras") em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em "sujeito responsável".

¹³⁷ De acordo com Komesu (2010, p. 144), uma das principais características atribuídas aos suportes eletrônicos da internet é a questão da interatividade. Trata-se da interface entre o usuário e a máquina, mas também da possibilidade de contato entre o usuário e outros usuários, na utilização de ferramentas que impulsionam a comunicação de maneira veloz, com a eliminação de barreiras geográficas. A noção de interatividade na internet pode ser assim associada à questão do tempo e do espaço.

Nos *blogs* ou em qualquer outra prática de linguagem, o sujeito formula mediado pelo simbólico, a partir de uma posição que resulta do processo de interpelação ideológica que faz do indivíduo o sujeito responsável. Para Orlandi (1999a, p. 20), “o sujeito de linguagem é descentrado, disperso, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam.

Nos *blogs*, na posição de autoria, o descentramento e a dispersão do sujeito funciona sob o efeito de unidade. Nas textualizações, na maior parte dos casos, o enunciador é coletivo, com dois funcionamentos diferentes. O sujeito enuncia como “nós”, sendo este “nós” composto pelo desdobramento de um “nós índios” (etnia específica) e um “nós indígena” (representação simbólica das diferentes etnias). O “nós índios” designa o sujeito numa relação interna com sua etnia e o “nós indígenas” representa o sujeito na relação com o grande grupo composto pelas diferentes etnias.

No exercício da autoria nos *blogs*, filiado ao processo discursivo de resistência indígena na rede, a dispersão do sujeito funciona sob o efeito de unidade, ou seja, a função-autor une, num funcionamento imaginário, as duas posições sob o efeito de completude. Nesse funcionamento, nas práticas de textualização nos *blogs*, o sujeito índio/indígena autor se constitui como uma unidade feita na dispersão, entendendo a dispersão como a ocupação de várias posições pelo sujeito dentro de uma mesma formação discursiva. Para tratar da posição sujeito índio/indígena autor nos *blogs*, responsável pelas suas palavras, trago para análise um *post* publicado no *blog* Baniwaonline no dia 19 de julho de 2012, sequência SD17, reproduzida abaixo.

SD17 - Veja o que circula na rede Social em relação aos direitos dos “índios”

JUL – 19 - 2012

ADVOCACIA GERAL DA UNIÃO DECIDE QUE O GOVERNO NÃO PRECISA CONSULTAR ÍNDIOS PARA INTERVIR EM TERRAS INDÍGENAS

A Advocacia Geral da União baixou uma portaria que prevê que o poder público faça intervenções em terras indígenas sem consultar os povos indígenas interessados. Para a AGU o governo pode, se quiser, fazer estradas, hidrelétricas, instalar bases militares sem consultar os índios ou a Funai.

Esta portaria viola flagrantemente o artigo 231 da Constituição federal e todas as convenções internacionais que o Brasil assinou referentes ao tema como a Declaração da ONU para os Povos Indígenas, que prevê consultas aos povos indígenas quando seus interesses são afetados.

A AGU alega seguir as diretrizes do STF definidas durante o julgamento do caso da Raposa Serra do Sol.

A portaria da AGU chega ao cúmulo de vedar a reavaliação do tamanho das terras indígenas demarcadas.

Neste jogo de braço que o governo impõe de forma autoritária aos povos indígenas é importante perguntar:

o que vale mais? O direito constitucional, as convenções que têm o peso de lei ou as portarias de AGU? Esta portaria é claramente inconstitucional, fere o cerne dos principais direitos indígenas. A intenção da portaria é “uniformizar” a atuação jurídica do poder executivo. Ou seja, quer estabelecer parâmetros que vão permitir aos ministérios do PAC fazer o que quiser, estradas, hidrovias, sem precisar ouvir quem quer que seja. Se for do interesse promover a mineração, pra que ouvir os índios e perder tempo? A AGU diz que governo e empresas podem ir lá, implantar os seus projetos e ponto final. O “interesse nacional” deve falar mais alto. Nacional, cara pálida? Quem ganha com isto? Alguém pergunta pra nós se queremos este modelo de desenvolvimento?

Esta portaria está a serviço de quem? Dos realmente interessados – governo e empresários – em avançar sobre as Terras Indígenas, sobre os recursos naturais que lá existem – retirar este “impecilho à marcha do desenvolvimento”. O PAC não pode parar mesmo que às custas da destruição do modo de vida das comunidades indígenas se isto for do “interesse nacional”. Eles – governo e empresários – se entendem como os verdadeiros intérpretes dos “interesses nacionais”. Este pensamento prevaleceu no Brasil entre 64 e 82. Lembram-se? Foram os tempos da ditadura militar. Dá para aceitar isto?¹³⁸

online em:<https://www.facebook.com/mafonn>, em 18 de julho de 2012.

¹³⁸ Disponível em: <<http://baniwaonline.wordpress.com/2012/07/19/veja-o-que-circula-na-rede-social-em-relacao-aos-direitos-dos-indios/>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

Na sequência discursiva SD17, o autor do *blog* posta um texto que discute a contradição do Estado brasileiro em relação aos direitos dos índios. O *post* é uma citação com indicação da fonte, mostrando que o texto já circula na internet. O texto materializa, no presente, uma denúncia da violação dos direitos indígenas, mas é no comentário introdutório que fica marcada linguisticamente a posição do sujeito na filiação de sentidos na rede. A palavra “índios” marcada por aspas é a marca linguística de um distanciamento do blogueiro em relação a um discurso, ou seja, ao discurso ocidental do contato, da colonização, que retorna em forma de memória.

Nesse caso, o sujeito índio/indígena autor do *blog*, inscrito na formação discursiva indígena de resistência (FD3), mesmo afetado pela memória do contato, produz seu *post*, sendo as aspas a marca da delimitação do que pode e do que não é possível ser dito nessa posição-sujeito. No texto, outras formulações também são marcadas com aspas: “impecílho à marcha do desenvolvimento” e “interesses nacionais”, mostrando a posição do sujeito índio/indígena em relação à filiação de sentidos e interpelação ideológica. Nessas marcações estão materializadas a delimitação de um discurso outro com o qual o sujeito da resistência indígena se contra-identifica. Para Pêcheux (1995, p. 214),

os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeito de seu discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. [...] “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina.

Na posição sujeito autor, se identificando à Formação discursiva indígena de resistência (FD3), produz sua interpretação, seu discurso, que desconstrói, no presente, através do não-dito, “as verdades” da Formação discursiva etnocentrista ocidental (FD1), ou seja, os seus pré-construídos. De acordo com Orlandi (2007, p. 69-70),

a função-autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações. O que significa que, embora ele se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico. Ou seja, o autor, embora não instaure discursividade (como o autor “original” de Foucault), produz, no entanto, um lugar de interpretação no meio dos outros. Esta é sua particularidade. O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ele historiciza seu dizer. Porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), ele produz assim um evento interpretativo (ORLANDI, 2007, p. 69 - 70).

Nesse processo, o blogueiro, na sua prática de linguagem, é interpelado em sujeito índio/indígena autor responsável pelo dizer que constrói uma imagem indígena na rede e reformula sentidos sobre os índios em circulação nas mídias tradicionais. Nesse movimento de sentidos, a imagem indígena é construída numa direção inversa à significação estereotipada do discurso ocidental do contato.

Os índios significados a partir da formação discursiva indígena de resistência (FD3) são sujeitos que: a) ocupam um espaço físico no país; b) apropriam-se e dominam as ferramentas tecnológicas; c) possuem uma cultura viva e forte sendo atualizada; d) trabalham; e) têm formação e capacidade intelectual, e, f) se adquirem elementos de outras culturas não deixam de ser o que são, índios. E esse dizer é legitimado pelo novo sistema de postagem na rede que é o *blog*.

E isso acontece porque o sujeito no exercício da função-autor no *blog* se coloca na origem dos sentidos¹³⁹ e responsabiliza pelo que diz e faz circular na rede. Nesse processo, o autor trabalha a construção da unidade, configurando a ferramenta e moderando os comentários. O autor dos *blogs*, no trabalho de

¹³⁹ Esse processo está relacionado com o esquecimento nº 1 do qual trata Pêcheux (1995) nos seus trabalhos sobre funcionamento do discurso. Para Pêcheux (op. cit., p. 173), o discurso funciona a partir de dois esquecimentos: esquecimento nº 2, instância enunciativa e, esquecimento nº 1, nível ideológico. No esquecimento nº 1, que é da instância do inconsciente, “o sujeito-falante não pode se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina”. De acordo com Orlandi (1999a, p. 35), “esse esquecimento resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes”.

construção da unidade e de coerência do texto, produz bordas imaginárias para o seu dizer, numa relação de proximidade com o interlocutor, ou seja, com os seguidores.

Nesse caso, o autor produz os seus *posts*, na ilusão de tempo real, sem pressupor intermediários. A partir deste funcionamento, a autoria se dá no contecimento discursivo de textualização, num processo sem mediação.

4.4. Na falha do discurso ocidental dominante, a resistência dos índios na rede

A tomada de posição do sujeito índio/indígena na textualização dos *blogs* é um processo que se faz por intermédio de seus gestos de interpretação na posição de autoria, que encontra na rede espaço legitimado para fazer circular sentidos silenciados em outras mídias, sendo, esse gesto político, a materialização da resistência. Nas textualizações, o sujeito, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos representa pela linguagem o seu papel na ordem em que está inscrito.

Na formulação nos *blogs*, por mais que o sujeito se inscreva numa memória do contato, a partir da qual produz a contra-identificação, produz os seus textos a partir dos quais promove uma denúncia na rede mundial de computadores, sendo a forma de circulação não mediada, própria dessas mídias, ampliadora desse gesto político. Isso acontece porque, por mais que seja atravessado por vários discursos (discurso ligado aos movimentos das minorias étnicas em prol de direitos e discurso ocidental capitalista e religioso cristão), o sujeito, em uma posição índio/indígena autor, se constitui (descentrado, disperso) no espaço simbólico da resistência coletiva indígena, que desqualifica os sentidos estereotipados do discurso ocidental dominante.

Como forma de sintetizar o foi tratado nas análises, apresento um quadro, figura 30, abaixo, com o funcionamento do discurso nos *blogs* de autores indígenas.

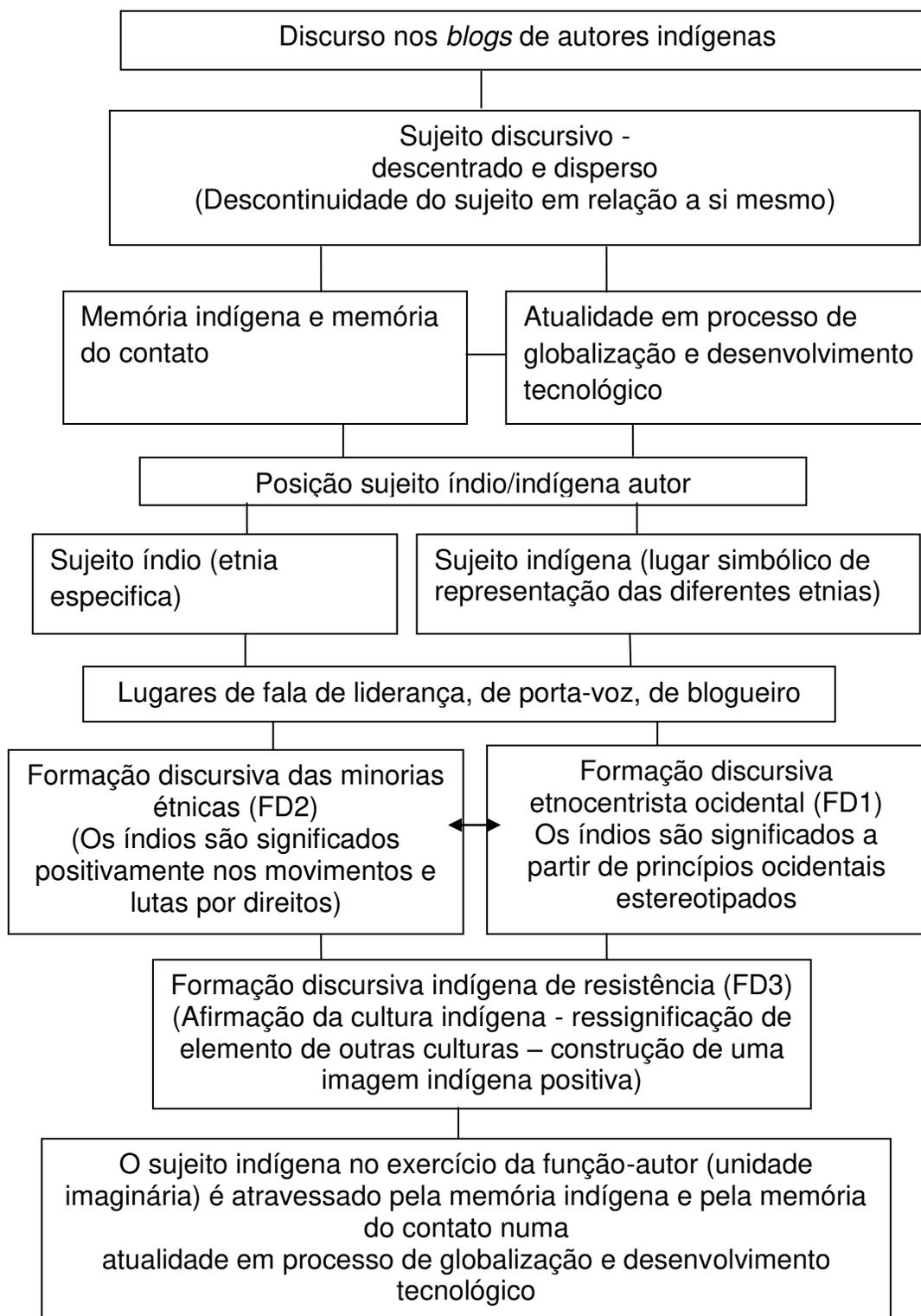


Figura 30: Organograma do funcionamento discursivo do *blog*

Nesse quadro, vários aspectos podem ser destacados, mas vou

ressaltar a constituição do efeito-autor no jogo das formações discursivas. De acordo com Gallo (2011, p. 414), a autoria na dimensão de efeito, “tem sua fundação em um evento discursivo no qual pelo menos duas formações discursivas dominantes se encontram em contradição, produzindo uma resultante que passará a produzir o EFEITO-autor aos sujeitos nela inscritos”.

No caso da autoria indígena nos *blogs*, como resultado da contradição entre a Formação discursiva etnocentrista ocidental (FD1) e a Formação discursiva das minorias étnicas (FD2) produz-se uma terceira, Formação discursiva indígena de resistência (FD3), sendo a partir desta última que o sujeito índio/indígena se constitui como diferente. E é nesse espaço da diferença que a memória discursiva funciona produzindo eco na rede. Para Orlandi (2007, p. 15), “o espaço de interpretação no qual o autor se insere com seu gesto – e que o constitui enquanto autor – deriva de sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso. Nesse funcionamento, o sujeito índio/indígena por mais que seja afetado por ideologias próprias do mundo ocidental tecnológico e globalizado, cria o seu *blog*, configura a ferramenta e escreve os seus *posts* inscrito num discurso indígena de resistência, a partir do qual sentidos e conhecimentos culturais ancestrais são atualizados.

Assim, no exercício da função-autor, o sujeito índio/indígena, promove deslocamentos de sentidos, e, nesse gesto, coloca em circulação na rede, sentidos silenciados ao longo da história. Nesse caso, há o funcionamento da história fazendo sentido e a memória produzindo eco, materializada na formulação e textualização dos *blogs*. Isso porque,

[...] se o discurso é uma materialidade histórica sempre já dada, na qual os sujeitos são interpelados e produzidos como “produtores livres” de seus discursos cotidianos, literários, ideológicos, políticos, científicos etc..., a questão primordial cessa de ser a da subjetividade produtora do discurso e torna-se a das formas de existência histórica da discursividade (Pêcheux, 2011, p. 156).

Nesse caso, o autor na posição índio/indígena inscreve o seu dizer em uma discursividade historicamente constituída nas lutas indígenas em prol de direitos, sendo este um processo de funcionamento oposto ao silenciamento e desqualificação que os povos sofrem ao longo da história.

Nesse processo, o sujeito autor no *blog* produz gestos de interpretação e de resistência no/pelo discurso e isso acontece porque a língua falha, o Estado no sistema capitalista falha e a ideologia também falha e é na falha que o sujeito irrompe com outros sentidos. De acordo com Orlandi (2012, p.231), na falha, “a ideologia [...] se abre em ruptura, onde o sujeito pode irromper com seus outros sentidos e com eles ecoar na história”.

Sendo assim, mais do que um mecanismo de postagens de diários on-line, os *blogs* são espaços que promovem redimensionamento da autoria na rede, dando voz a sujeitos historicamente silenciados. No caso analisado, os *blogs* dos autores indígenas, mais do que suporte de linguagem, funcionam como suporte de autoria, possibilitando gestos de interpretação, e nestes, a resistência dos índios na rede. Conforme Orlandi (2012, p. 231),

Somos sujeitos interpelados pela ideologia e é só pelo trabalho e pela necessidade histórica da resistência que a ruptura se dá quando a língua se abre em falha, na falha da ideologia, enquanto o Estado falha, estruturalmente, em sua articulação do simbólico com o político. Não é, pois pela magia, nem pela vontade, mas pela práxis que a resistência toma seu lugar.

Considerando essa compreensão de resistência, é possível afirmar que, embora a internet seja uma tecnologia que tende, por princípio, à exclusão, no caso dos índios no Brasil, ela surge como possibilidade de produção e circulação de outros sentidos.

Pelo que foi possível compreender com as análises, o *blog*, mais do que um espaço de divulgar aspectos da cultura, fatos políticos e cotidianos dos povos, constitui espaço de acontecimento discursivo no qual o sujeito índio/indígena, na posição de autoria, se afirma e reformula a sua imagem, produzindo deslocamentos de sentidos na rede mundial de computadores.

Isso mostra que, embora não seja possível desconsiderar o que Mattar (2009) afirma sobre autoria na internet, em termos discursivos nos *blogs*, enquanto gesto e efeito, a autoria funciona, materializando a resistência dos índios no ciberespaço. Nesse sentido, a internet cumpre um papel importante na formulação e circulação dos discursos dos índios na contemporaneidade, oportunizando a esses povos o espaço de dizer e se dizer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta pesquisa, propuz pensar a autoria em *blogs*, a partir de um viés discursivo, no qual língua, ideologia e história funcionam indissociavelmente na constituição dos sentidos e dos sujeitos na rede. Dando especificidade à discussão, busquei problematizar a evidência dos sentidos que circulam no ciberespaço e a linearidade da comunicação, apresentando, por intermédio de análises, como acontece a intervenção do político e o funcionamento da ideologia no processo de linguagem mediada por computador, nos espaços específicos dos *blogs* pessoais de autores indígenas.

Conforme as discussões teóricas e análises realizadas, foi possível compreender que a rede digital, sendo lugar de prática de linguagem, não é um espaço neutro, na qual “usuários” desempenham atividades, marcados pelos efeitos da virtualização do conhecimento e da informação, nem tão pouco é um espaço no qual escreventes constroem suas identidades e deixam virtualizadas as suas subjetividades. Isso porque o espaço aberto pela rede internet ultrapassa o sistema de uso (“usuário”), já que as práticas de linguagem produzidas em suporte digital são, como quaisquer outras, práticas de sujeitos constituídos pelo simbólico e interpretados pela ideologia.

Nessa compreensão, o sujeito que cria e mantém um *blog* não é apenas um “usuário” ou “escrevente”, imbuído em uma ação pragmática fundada na publicização de si. O blogueiro que escreve em um *blog*, na ilusão da interatividade, produz o seu texto em uma posição constituída no discurso a partir de um processo de interpelação ideológica do indivíduo em sujeito e pela identificação deste com os sentidos de uma determinada formação discursiva.

Pensando a relação do internauta navegador com a disponibilidade dos conteúdos na rede, embora esse não tenha sido um aspecto central das discussões da tese, pelas reflexões realizadas, é possível considerar que o processo é interpretativo, portanto, ideológico e político. O acesso a qualquer conteúdo, visualização de perfil ou mesmo um clique num *link* só se dá pela

interpretação de um sujeito numa posição determinada histórica e ideologicamente. Ao entrar na internet, o sujeito (navegador) interpreta, interpelado por sentidos de uma rede de já-ditos, a memória discursiva, numa relação com a memória metálica.

Mas uma rede de sentidos nunca é estática, já que o seu funcionamento tem relação com o sujeito e a história. Embora os sentidos possam se manter cristalizados pelo trabalho da ideologia, a interpretação movimenta a linguagem na sua relação com a história. E isso acontece por que a língua falha e a ideologia também falha e, nessa falha, o sujeito pode produzir o novo, ou seja, ele sempre tem possibilidade de deslocamentos.

No aspecto que analiso, os dizeres indígenas disponíveis na internet, em muitos casos não são acessados. E isso acontece porque o silenciamento é constitutivo do processo discursivo das relações de contato entre índios e não-índios. Nesse sentido, o acesso restrito aos conteúdos indígenas na rede pode fazer parte do processo discursivo de silenciamento dos índios constituído no processo histórico brasileiro. Nessa direção de sentidos, embora a internet seja, em princípio, um espaço democrático, que acolhe a multiplicidade, a heterogeneidade, a alteridade, a diferença, as relações de multiplicidade e de acolhimento são ideológicas. Existe uma história de constituição dos sentidos sobre os índios determinando os processos discursivos em funcionamento no acesso dos conteúdos na rede.

A partir desse fato, é possível dizer que a disponibilidade de conteúdo não garante o acesso, mas isso não diminui a importância da disponibilização dos diferentes conteúdos, principalmente aqueles relacionados aos sujeitos e aos povos indígenas historicamente silenciados nas mídias tradicionais.

Tratando especificamente das práticas de linguagem próprias dos *blogs* pessoais, é possível compreender que mais do que falar de si e publicizar as suas intimidades, o sujeito que escreve em um *blog* produz interpretações e textos, numa posição de autoria na rede, que funciona sob o efeito de um processo sem mediação. E essa autoria configurada no espaço dos *blogs*,

funciona como uma forma autorizada, legitimada dizer do sujeito, que tem funcionamento marcado pela instantaneidade do *on-line*.

Conforme a pesquisa, a autoria no *blog* funciona como efeito e como função do sujeito. No processo de textualização, acontecimento da escrita, o sujeito inscrito numa Formação discursiva indígena de resistência (FD3), produz os seus *posts*, configura a ferramenta e modera os comentários sob o efeito de ser a origem dos sentidos.

Em relação aos índios, a instantaneidade da publicação na rede constitui um aspecto fundamental da constituição da autoria entendida como gesto de resistência. Nos *blogs* analisados, o sujeito índio/indígena autor, no processo de formulação, se significa na diferença (como parte de um povo indígena), mas também como parte de um coletivo de etnias que se contra-identificam aos sentidos da formação discursiva (FD1) oposta.

Nos *blogs*, o conhecimento cultural do povo é postado enquanto divulgação de uma cultura viva e forte, em processo de acolhimento de elementos de outras culturas, sendo este um movimento de sentidos de ressignificação dos sujeitos indígenas na rede mundial de computadores. Isso porque, por mais que os sentidos de desqualificação dos índios e de estereótipos estejam cristalizados, tomando a língua na sua materialidade histórica há sempre possibilidade de deslocamentos. E, como a rede digital se constitui em um novo e instantâneo meio de legitimação do dizer, gestos de interpretação indígenas que atualizam sentidos e conhecimentos ancestrais são legitimados na/pela rede.

Nesse sentido, o *blog* pode ser considerado espaço de autoria para os índios e essa autoria constitui o movimento da resistência, já que possibilita ao sujeito um lugar de produção de sentidos. No exercício da função-autor, o sujeito indígena coloca em circulação na rede, num tempo presente, sentidos de afirmação da diferença e de denúncia, que podem ser ampliados pela abrangência da circulação dos dizeres na rede.

Nessa direção de sentidos, os *blogs* analisados, embora pessoais, podem ser considerados espaço político de dizer coletivo, que possibilita a

circulação e a reverberação das vozes indígenas na rede mundial de computadores, marcados pelos efeitos da virtualização que, segundo Levy (1996), é o processo de acolhimento da alteridade, heterogênesse, devir outro, a partir da invenção de novas velocidades.

Nessa compreensão, o *blog* não é apenas um sistema de produção de diários *on-line*, como alguns estudos preconizam. Para os índios, o *blog* é, sim, um espaço para a tomada de posição do sujeito num gesto de resistência. Na produção dos textos, na função-autor, o sujeito resiste, filiando o seu dizer a uma discursividade de escrita de cunho político, sendo este um movimento de assunção da autoria (ORLANDI, 1999a) indígena na rede.

Com a emergência de uma posição autoral na internet, através da criação de um espaço de interpretação, os índios inauguram uma nova prática discursiva em suporte digital, sendo este o acontecimento discursivo que constitui a autoria. E é no processo de apropriação da ferramenta para produzir interpretação que reside o gesto político do sujeito índio/indígena autor na rede.

Nessa compreensão, na textualização nos *blogs*, o blogueiro indígena, enquanto liderança, na função-autor, produz o seu dizer, que se dá pela afirmação do índio enquanto cidadão brasileiro, marcado pelas especificidades étnicas e pelo processo de desenvolvimento tecnológico. Na afirmação das especificidades, uma imagem indígena positiva é formulada na rede, deslocando sentidos marcados pelos estereótipos. Essa imagem é construída numa direção oposta à imagem negativa que circula na mídia tradicional. Nesse caso, o discurso funciona no efeito de evidência próprio do discurso da rede, numa direção de desestabilizar e desconstruir os pré-construídos do discurso etnocentrista ocidental, no qual os índios são significados, na maioria das vezes, negativamente.

Nesse processo, o sujeito indígena, num movimento de negar os pré-construídos do discurso ocidental do contato, produz os seus gestos de interpretação, sendo que o movimento de afirmação nega um não-dito que funciona constitutivamente na memória discursiva numa posição ideológica

contrária. Isso acontece porque o funcionamento dos sentidos nos *blog* faz parte de outras relações estabelecidas na exterioridade constitutiva da língua na história.

Assim, por mais que seja negado aos índios o acesso às novas tecnologias e o discurso dominante seja marcado pelo silenciamento e pelos estereótipos, no *blog*, o sujeito toma posição nos gestos de interpretação que produz na posição de autoria, promovendo deslocamentos de sentido na rede mundial de computadores.

No bojo das transformações da era *ciber*, os gestos de autoria exercidos por sujeitos indígenas, a partir da escrita produzida em *blogs*, fazem compreender que a internet, embora seja um mecanismo em princípio excludente, pode proporcionar aos sujeitos indígenas, um espaço de publicação sem intermediários e isso representa uma possibilidade singular para o sujeito indígena produzir discurso e discursivizar-se como parte de um coletivo, numa posição-sujeito interdita ao longo do processo histórico brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Silvia Couto de. Políticas de autoria – entre regulação e falha. **RUA** [online]. 2009, no. 15. Volume 1 – ISSN 1413-2109. Consultado no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <<http://www.Labeurb.unicamp.br/rua/>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

AMARAL, Adriana; et al. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; et al (Orgs.) **Blogs.Com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 27-53.

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; Xavier, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas-SP, no. 19, p. 25-41, jul/dez. 1990.

BALDINI, Lauro. J. S. Cidade e sujeito na rede. In: ORLANDI, Eni. P. (Org.) **Discurso, espaço, memória**: caminhos da identidade no sul de Minas. Campinas – SP: Editora RG, 2011. p. 57-68.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Obra coletiva da Editora Saraiva (colab. Antonio Luiz de T. Pinto; Márcia C. V. Dos S. Windt; Livia Céspedes) 35 ed. atual. e a ampl. São Paulo: Saraiva, 2005. (Coleção Saraiva de legislações).

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN. Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. In: MAGALHÕES, Edvard Dias (Org.) **Legislação indígena brasileira e normas correlatas**. 2. ed. – Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003. p. 528 – 536.

BRASIL. Portaria Interministerial MJ e MEC nº. 559 de 16 de abril de 1991. In: MAGALHÕES, Edvard Dias (Org.). **Legislação indígena brasileira e normas correlatas**. 2. ed. Brasília: FUNAI/CGDOC, 2003, p. 545 – 548.

CARVALHO JUNIOR, José Murilo. Por uma cultura digital participativa. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Org). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009. p. 9-11.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTROS, Eduardo Viveiros de. Entrevista. In: SZTUTMAN, Renato (Org.). **Eduardo Viveiros de Castro**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, 263. (Coleção Encontros).

CEBRIÁN, Juan Luis. **A rede**. Tradução Lauro Machado Coelho. São Paulo: Summus, 1999. (Coleção novas buscas de comunicação: v. 59)

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial, Editora UNESP, 1998 - 1ª reimpressão, 2009 (Coleção: Prismas).

_____. **Cultura escrita, Literatura e História**. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COLOMBO, Fausto. **Os Arquivos Imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica [1986]. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Coleção Debates).

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI. **Outros 5000**: construindo uma nova História. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

D`ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Como nasce e por onde se desenvolve uma tradição escrita em sociedades de tradição oral**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2007.

_____. Do índio na *Web* à *Web* indígena. In: D`ANGELIS, Wilmar da Rocha; VASCONCELOS, Eduardo Alves (Org.). **Conflito lingüístico & direito das minorias indígenas**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2011. p. 111 – 121.

DIAS, Cristiane Pereira. **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo hiv. 2004. 176 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2004.

_____. Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; CASTELO BRANCO, Luiza K. Andrade (Org.). **Análise de discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Campinas, SP: Editora RG, 2011. p. 411- 423.

FERREIRA, Juca. Política da cultura digital. In: SVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs). **Cultura digital. br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 19-23.

FERREIRA, Lucimar Luisa; ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. Discurso sobre temáticas indígenas em livros didáticos de História. **Recorte**. Três Corações – MG: UNINCOR. Ano 7, no. 12, jan/jul. de 2010, p. 1-13. Revista Eletrônica. Disponível em: <
http://www.portais.unincor.br/recorte/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=68> Acesso em: 28 jan. 2012.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4 ed. Tradução António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. [S.l.], Veja – Passagens, 2000.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 7 ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FRAGOSO, João H. da Rocha. **Direito autoral**: da antiguidade à internet. São Paulo: Quartier Latin, 2009.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da lingüística. Tradução Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas – SP: Pontes, 2004.

GALLO, Solange Leda. **Texto-cómo apre(e)nder essa matéria?** Análise discursiva de texto na escola. Campinas - SP, 1990, 214 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1990.

_____. **Como o texto se produz**: uma perspectiva discursiva. Blumenau: Nova Letra, 2008.

_____. A autoria no mito indígena. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina L. (Org.) **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 189-201.

_____. Da escrita a escrituralidade: um percurso em direção ao autor *online*. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; CASTELO BRANCO, Luiza K. Andrade (Org.). **Análise de discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Campinas, SP: Editora RG, 2011. p. 411- 423.

GRIGOLETTO, Evandra. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de; SCHONS, Carme Regina (Orgs.). **Discursos em Rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária-UFPE, 2011. (Coleção Letras).

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2002.

HEINE, P. B. Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs. **Linguagem em (Dis)curso-LemD**, v. 8, n. 1, p. 149-174, jan/abr. 2008. Disponível em: <www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0801/080106.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Trad. Maria Fausta P. de Castro; Posfácio de Oswald Ducrot. Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 1992. (Coleção Repertórios).

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na construção do escrevente de blogs da internet. 2005. 271 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. *Blogs e as práticas de escrita de si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 135-146.

LAGAZZI – RODRIGUES, Suzy. Texto e autoria. In: ORLANDI, Eni P. **Introdução à ciência da linguagem**: Discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 81-103.

_____. O confronto político urbano administrado na instância jurídica. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas**: a fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010. p. 75-83.

_____. Rodrigues Suzy. O recorte e o entremeio: condições para a materialidade significante. In: RODRIGUES, Eduardo A; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; CASTELLO BRANCO, Luiza Katia A. (org.). **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas – SP: Editora RG, 2011. p. 401-410.

LEÃO, Lucia (Org.). **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, Eni P. et al. (Org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução de Bethania S. C. Mariani et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 15-28.

MANEVY, Alfredo. O que é cultura digital? In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs). **Cultura digital. br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009. p. 35 - 43.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentidos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATTAR, João. **Filosofia da computação e da informação**. São Paulo: LTC Editora, 2009.

MELO, Edna André S. **Povos indígenas, identidade e escrita**: constituição de uma autoria acadêmica. 2009. 163 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MORAES, Dênis de. A dialética das mídias globais. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande – MS: Letras Livres, 1997. p. 11- 75.

_____. **O ativismo digital**. 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em: 16 ago. 2012.

NAZARIO, Luiz. Pós-Modernismo e novas tecnologias. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.) **O Pós-Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Stylus; 12), p. 291-428.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil Colonial. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. (Coleção Viagens da Voz).

OLIVEIRA, Simone de Mello de. O comentário como funcionamento discursivo dos blogs. In: SCHERER, Amanda. **Discurso**: circulação, fragmentação e funcionamento. Santa Maria: UFSM, CAL, PPGL, Laboratório Corpus, 2006. p. 157-178.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octavio I. Rojas. et al. **Blogs**: revolucionando os meios de comunicação. Trad. Vertice Translate; Ver. Técnica: Ana Carmen T. Faschini. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 1-20. (Série Profissional).

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, Campinas – SP; Editora da Unicamp, 1990.

_____. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. (Org.) et al. **Gestos de leitura**: da História no discurso. 2 ed. Trad. Bethania S. C. Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Discurso e argumentação**: um observatório do político. Fórum Lingüístico, Florianópolis, 1998. V. 1, No. 1, p. 73-81.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999a.

_____. Reflexões sobre escrita, educação indígena e sociedade. In: ORLANDI, Eni P. **Escritos**: escrita, escritura, cidade (I). Campinas – SP: LABEURB – NUDECRI-UNICAMP, 1999b, no. 5, p. 7-21.

_____. **Discurso e Texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Língua e conhecimento lingüístico**: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico. 5 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso & leitura**. 3. ed. Campinas, SP: Cortez, 1996.

_____. **O que é lingüística?** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Coleção Primeiros Passos).

_____. O contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade. **Rua** [online] - Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. v. 2, no. 16, p. 1-14, 2010. Disponível em: Portal Labeurb <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

_____. Os sentidos de uma estátua: Fernão Dias, individuação e identidade pousoalegrense. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) **Discurso, espaço, memória**: caminhos da identidade no sul de Minas. Campinas – SP: Editora RG, 2011. p. 13-34.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas – SP: Pontes, 2012.

PARENTE, André (Org.). **Imagem-máquina**: a era das tecnologias do virtual. Trad. de Rogério Luz et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 91-99.

PAYER, M. Onice. **Educação Popular e Linguagem**: Reprodução, confrontos e deslocamentos de sentidos, 2 ed. Campinas SP: Editora UNICAMP, 1995.

_____. Escrever, (d)enunciar a verdade, sugerir sentidos. In: MARIANI, Bethania (Org.). **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 59-70.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi; et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Análise de conteúdo e teoria do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani et al. 3 ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1997a. 319 p. 61 – 105.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b, p. 55-64.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi – 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997c.

_____. **Análise de Discurso**. Textos selecionados por Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PENTEADO, Cláudio et al. O movimento cansei na blogosfera: o debate nos blogs de política. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. **Blogs.Com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 135- 159.

PFEIFFER, Claudia R. Castellanos. **Que autor é este?** 1995. 146 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **Os nomes da História**: um ensaio de poética do saber. Trad. Eduardo Guimarães e Eni P. Orlandi. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.

ROMÃO, Lucília M. S. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. **Revista Delta**. v. 22, n. 2, p. 303-328, 2006.

_____.; MOREIRA, Vivian. Weblog: a inscrição da heterogeneidade e do sujeito na rede. In: **Linguagem**. Revista Eletrônica. Letras.Universidade Federal de São Carlos. 2 ed. set. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02ai_vlmlmsr.php>. Acesso em: 30 jan. 2012.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010. 137 p. (Coleção Comunicação).

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs). **Cultura digital. br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SOUZA, Tânia C. Clemente. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. In: RODRIGUES, Eduardo A; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; CASTELLO BRANCO, Luiza Katia A. (org.). **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni P. Orlandi. Campinas – SP: Editora RG, 2011. p. 387-400.

TELLES, Norma. A imagem do índio no livro didático: equivocada, enganadora. In: Silva, Araci Lopes da. (Org.) **A Questão Indígena na Sala de Aula**: subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Brasiliense, 1987.

XAVIER, Antonio Carlos. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009.

ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Arquivo jurídico e exterioridade. A construção do *corpus* discursivo e sua descrição/interpretação. In GUIMARÃES, Eduardo e PAULA, Mirian Rosa de (Orgs.). **Sentido e memória**. Campinas: Pontes, 2005. p. 93-115.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. 3 ed. Tradução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2010.

ALBUQUERQUE, Judite Gonçalves de. **Educação escolar indígena: do panóptico a um espaço possível de subjetivação na resistência**. 2007. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2007.

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. **Olhares, vozes e silêncios que excluem: estereótipo de índio**. Cáceres: Editora Unemat, 2005.

BAPTISTA, Fernando M.; VALLE, Raul S. Telles do. **Os povos indígenas frente ao direito autoral e de imagem**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

BARONAS, Roberto Leiser. Proposições e notas sobre o princípio de autoria. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Identidade cultural & linguagem**. Cáceres, MT: Unemat Editora; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005. p. 177- 189.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

CARBONI, Guilherme C. **Direito de autor na multimídia**. São Paulo: Quartier Latin, 2003.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Tradução Luzmara Cursino; Carlos Eduardo de O. Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CHRITOFOLETTI, Rogério. Pedagogia dos blogs: posts sobre o uso da ferramenta no ensino de jornalismo. In: AMARAL, Adriana et al. **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 179-197.

DERRIDA, Jacques (1930). **Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana**. Tradução Cláudia de Maraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001. (Conexões; 11).

DIAS, Cristiane. O falar de si como marca constitutiva de alteridade. In: SCHERER, Amanda. **Discurso: circulação, fragmentação e funcionamento**. Santa Maria: UFSM, CAL, PPGL, Laboratório Corpus, 2006. p. 65-93.

_____. A língua em sua materialidade digital. In: INDURSKY, Freda.; FERREIRA, Maria Cristina L.; MITTMANN, Solange. **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 89-98.

_____. Telecentros como políticas públicas de inclusão digital: da administração da vida na cidade. In: ORLANDI, Eni. P. (Org.). **Discurso e políticas públicas urbanas**: a fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010. p. 43-73

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia da Ciências Humanas. 8 ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GALLI, Fernanda C. Silveira. **(Ciber)espaço e leitura**: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporâneas. Campinas. 2008. 204 p. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. (Coleção Momento).

GONÇALVES, R. M. O uso de blogs nas aulas de língua inglesa. **Revista EntreLetras**. n. 1, 2010/II. Disponível em: <www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/texto_9.pdf> Acesso em: 05 abr. 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e história. In GUIMARÃES, Eduardo. **História e sentido na linguagem**. Campinas - SP: Pontes, 1989. p. 71-79.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani et al. 3 ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 13-36.

INDURSKY, Freda. O cidadão na IIIª República Brasileira. In GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni P. (Orgs). **Língua e cidadania**: o português no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, Bethania (Org.). **A escrita e os escritos**: reflexão em Análise do Discurso e Psicanálise. São Carlos, Claraluz, 2006. p. 121-132.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. Tradução Susana Alexandria. São Paul: Aleph, 2009.

JOHNSON, Esteven. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução Maria Luísa X. de A. Borges. Rev. Tec. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34,1999. (Coleção TRANS).

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed. Tradução Freda Indursky. Campina - SP: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. 4 ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. Curitiba – PR: Criar Edições Ltda, 2005.

MARIANI, Bethania. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni P. (Org). **Discurso fundador**: a formação do país e construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 1993. p. 31-42.

MELO, Edna André. S. Gestos de Autoria: construção do sujeito da escrita na alfabetização. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Identidade cultural & linguagem**. Cáceres, MT: Unemat Editora; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005. p. 191-205.

MORAES, Dênis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: Moraes, Dênis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Trad. Carlos Frederico Moura da Silva et al. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 33-49.

MORELLO, Rosângela. Política científica e linguagens da tecnologia. In: MORELLO, Rosângela (Org.). **Giros na cidade**. Campinas – SP: LABEUB/NUDECRI-UNICAMP, 2004. p. 31- 38.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996b. (Linguagem/crítica).

_____. **As formas de silêncio** - no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **A leitura e os leitores** (Org.) Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PAYER, Maria Onice. Memória da imigração e processos de identificação em mídia jornalística. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) **Discurso, espaço, memória**:

caminhos da identidade no sul de Minas. Campinas – SP: Editora RG, 2011. p. 35-56.

PAX, Salam. **O blog de Bagdá**. Tradução Daniel Galera. São Paulo: Companhia da Letras, 2003. Tradução de: The Baghdad Blog.

QUÉAU, Philippe. O tempo do virtual. In: PARENTE, André (Org.). **Imagem-máquina**: a era das tecnologias do virtual. Tradução Rogério Luz et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 91-99.

ROMÃO, Lucília M. S.; ROMÃO, Arquilau Moreira. **Do pergaminho à tela do computador**: a trajetória do livro. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2002.

_____. Na teia eletrônica, fragmentos da memória. In: MORELLO, R. (Org.) **Giros na cidade**: materialidade do espaço. Campinas, SP: LABEUB/NUDECRI-UNICAMP, 2004. p. 39-46.

_____; MOREIRA, Vivian. L. ARACRUZ e MST: um confronto de discursividades nas textualizações midiáticas. In: ROMÃO, Lucília. M. S; GASPAR, N. R. (Org). **Discursos midiáticos**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 39 – 54.

_____; FERRAREZI, Ludmila. O sujeito e a tessitura dos sentidos no discurso jornalístico. In: ROMÃO, Lucília M. S; GASPAR, N. R. (Org). **Discursos midiáticos**: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 23-37.

_____; SILVA, Jonathan. R. Bertassi. O discurso inscrito nas legendas do jornal BRASIL de FATO. In: GASPAR, Nádía R; ROMÃO, Lucília M. S; (Org). **Discurso e texto**: multiplicidade de sentidos na Ciência da informação. São Carlos: EDUFSCar, 2008. p. 117-126.

RIBEIRO, Berta. **O índio na História do Brasil**. 8 ed. São Paulo: Global, 1997.

SOUZA, Tânia C. Clemente. Gesto de leitura em línguas de oralidade. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998. p. 155 – 170.

_____. **Discurso e oralidade**: um estudo em língua indígena. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação (MCII), 1999.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 10 ed. Tradução Wagner de Oliveira Brandão; Revisão da trad. Leonardo Avritzer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

XAVIER, Antonio Carlos. **O hipertexto na sociedade da informação: a construção do modo de enunciação digital**. 2002. 214 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. Cidade e discurso - paradoxo do real, do imaginário, do virtual. **Rua** - Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. No. 4, p.39-54, 1998.

_____. É o nome que faz a fronteira. In: **Múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Freda Indursky e Maria Cristina L. Ferreira (Org). Porto Alegre, RS: Sagra Luzzatto, 1999.

_____. Disciplina: **Autoria, efeito-leitor e gêneros do discurso**. Módulo 2 do Curso de Língua Portuguesa. REDEFOR: Rede São Paulo de formação docente. São Paulo Escola de Formação de Professores. Secretaria de Educação – SP. [2010] (Texto em PDF).